



**Rafael Neves de Oliveira**

**O dia do Senhor: Teologia e Mística**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro  
Junho de 2018



**Rafael Neves de Oliveira**

## **O dia do Senhor: Teologia e Mística**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana**  
Orientador  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Abimar Oliveira de Moraes**  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Paulo Henrique de Gouvêa Coelho**  
Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro

**Prof<sup>a</sup>. Monah Winograd**  
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do  
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Rafael Neves de Oliveira**

Graduou-se em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração de Bauru em 2002 e em Teologia pelo Centro Universitário de Juiz de Fora – MG. Ordenado Sacerdote pela Arquidiocese de Juiz de Fora -MG em 2008.

#### Ficha Catalográfica

Oliveira, Rafael Neves de

O dia do Senhor: teologia e mística / Rafael Neves de Oliveira ; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2018.

136 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Teologia litúrgica. 3. Teologia do shabat. 4. Sagrada Escritura. 5. Patrística. 6. Mistério pascal. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

A Deus Pai que, querendo o bem e a salvação de todos nós, enviou seu Filho, Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria e, pelo poder e graça do Espírito Santo, age na vida de todo homem e mulher de boa vontade.  
À Trindade Santa, toda honra e toda glória pelos séculos sem fim.  
Àqueles que, na escola do Mestre de Nazaré, aprenderam a fazer o bem com amor e cuidado e, nos trechos da estrada, aproximaram-se de mim, para que o caminho se tornasse possível.  
A esses que, aproximando-se devagarinho, foram entusiasmo e alegria, como Cristo Ressuscitado para os discípulos entristecidos e desanimados no Caminho de Emaús.

## Agradecimentos

À Arquidiocese de Juiz de Fora – MG, na pessoa da V. Exma. Revma. Dom Gil Antônio Moreira, pelo apoio e confiança.

Aos Paroquianos da Paróquia Bom Pastor, pela compreensão e incentivo.

À minha família, pelo alicerce seguro, pela torcida e pelo incentivo. De modo especial, à minha querida mãe, Maria José Oliveira (*in memoriam*), pelo apoio e dedicação à família, bem como as constantes orações.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao meu orientador, Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana, que com tanto carinho me acolheu, pela atenção e estímulo, sobretudo, no momento mais difícil desse processo.

Aos meus amigos, pela presença e suporte emocional necessários para o cumprimento desta exigência acadêmica.

## Resumo

Oliveira, Rafael Neves de; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **O dia do Senhor: teologia e mística**. Rio de Janeiro, 2018. 136 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A teologia do domingo se desenvolve a partir da ressurreição de Cristo. Diante desse evento, os Apóstolos compreenderam que esse dia deveria ser recordado como memorial pascal da nova e eterna Aliança. O domingo constitui, portanto, o novo tempo do culto cristão, deixando o sétimo dia, o sábado judaico, para então se tornar o primeiro dia da semana como o dia santo. O domingo também assume uma perspectiva escatológica, chamado de oitavo dia, ou seja, o domingo que não tem fim e, para a vida da Igreja nascente, é um dia especial de culto. Os Padres da Igreja deixaram grande testemunho acerca desse dia que começa aqui para ter seu fim na eternidade. Essa dissertação propõe, então, perfazer um caminho de reflexão sobre a teologia do domingo, tendo em vista que, desde o Concílio Vaticano II, o domingo vem sendo celebrado com a proposta de uma participação plena, ativa e consciente. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, embasada na Sagrada Escritura, na Tradição, Magistério e Documentos da Igreja, assim como as leituras de vários estudiosos do assunto. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* teve grande relevância no tocante à questão litúrgica na vida Igreja, ajudando a comunidade de fé a celebrar e viver o mistério de Cristo. A imposição da pesquisa é histórico-salvífica, visto que, desde a criação, já estava presente o desígnio do Pai de salvar e redimir o ser humano, e reúne elementos bíblicos e da eclesiologia litúrgica. O domingo torna-se o lugar privilegiado da irradiação da graça divina através da celebração do Mistério Pascal de Cristo, produzindo nos fiéis uma transformação para a vida. A comunidade que celebra a fé no dia do Senhor se vê guiada pelo Espírito que estava presente na criação, verbalizado na aliança no Sinai e encarnado no Cristo.

## Palavras-chave

Teologia litúrgica; Teologia do *shabat*; Sagrada Escritura; Patrística; Mistério Pascal; Concílio Vaticano II; *Sacrosanctum Concilium*.

## Abstract

Oliveira, Rafael Neves de; Santana, Luiz Fernando Ribeiro (Advisor). **The Day of the Lord: Theology and Mystique**. Rio de Janeiro, 2018. 136 p. Dissertação de Mestrado Departamento de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Sunday's theology grow away of Christ's resurrection. From here, this event understood that Day would be remembered as pascal memorial from the new and eternal alliance. Sunday constitute as much as new time of Christian Cult, leaving the Jewish Saturday, the seventh Day, to be the first Saint Day. Sunday also assumes a scatology called for the eighth day, and being the Sunday that hasn't final. The priests from the church left a great testimony, about this Day that begins here in order to have a eternity without a final. This dissertation proposes to complete a way about the Sunday theology. There is a vision since the Vaticano Concilio II, Sundays have being celebrated with a proposal that plain has an active participation. The *Sacrosanctum Concilium* had a great revelation, touch the liturgic question in the life of church, helping the, faith of community to celebrate and to live the Christ mystery. The imposition of search is history secure. The placement about salvation, developed, showing us that since the creation it was present in the Father's purposes. They were saved and regained the human being. It assembled biblical and ecclesiastic liturgical persons. So, on Sunday' Day, it's a place grantee of divine kindness, through of celebration of Pascal Christ, producing us the transformation to the life. The community celebrate the faith in god's Day in a sanctified in the spirit that was present in the creation, verbalized in the alliance of Sinai and incarnated in Christ. Sunday is the Spirit's Day, proceed in the church in a eucaristic celebration.

## Keywords

Liturgical theology; Shabbat theology; Sacred Scripture; Patristic; Pascal Mystery; Second Vatican Council; *Sacrosanctum Concilium*.

## Sumário

1. Introdução	10
2. Fundamento bíblico e tradição eclesial do domingo	17
2.1. Do sábado judaico ao domingo cristão	17
2.2. O nascimento do Domingo: dados do Novo Testamento	30
2.3. Alguns testemunhos pós-Apostólicos e Patrísticos sobre o domingo	50
3. A centralidade do Domingo na Reforma Litúrgica	65
3.1. O Movimento Litúrgico	65
3.2. Núcleo e fundamento do ano litúrgico: O Domingo nas conclusões Conciliares	76
3.3. A dimensão pastoral do domingo	84
4. Domingo: Dia do Senhor	93
4.1. O Mistério Pascal de Cristo e o domingo	93
4.2. A sacramentalidade do domingo enquanto ação de Cristo na Igreja	103
4.3. “Vinde, Senhor Jesus”: A dimensão escatológica do domingo	113
5. Conclusão	125
6. Referências bibliográficas	128

*No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro de madrugada, quando ainda estava escuro, e vê que a pedra fora retirada do sepulcro.*

Jo 20,1

*No primeiro dia da semana, estando nós reunidos para a fração do pão [...]*

At 20,7

*Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.*

Madre Teresa de Calcutá

# 1 Introdução

O domingo, de acordo com o calendário judaico, era o primeiro dia da semana. Era, até então, um dia comum de trabalho após o sábado – dia sagrado para todo judeu. Sábado significa descanso. O *shabat* é uma ordenança divina para o bem-estar do homem, envolvendo o cuidado com a sua saúde, mas também uma maneira de impedir ganância.

É assim que a história da salvação se inicia: uma grande aventura de Deus com o seu povo, desde a criação, tal como relatado no livro do Gênesis. Trata-se de uma relação de amor e bondade, através da qual a preocupação do Criador é com o bem-estar da criatura, de modo especial, da obra-prima de suas mãos – o homem e a mulher, criados à sua imagem e semelhança.

Deus está constantemente agindo em favor da salvação de todos. O agir de Deus em sua criação é, em todas as suas configurações, um agir do Pai por meio do Filho e do Espírito Santo. “O Criador é, antes de tudo, o Pai. De sua paternidade se explica a sua onipotência, paternidade e bondade sem rivalidades, sem conflitos de poderes. Deus cria com a presença materna de seu Espírito.”<sup>1</sup> É esta benevolência de Deus que, de fato, celebra-se na liturgia cristã da nova e eterna Aliança.

Na encarnação, pode-se contemplar um Deus que, por amor, não desiste da sua criatura. Esse amor eterno de Deus chega às últimas consequências. Na pessoa do Filho, percebe-se a plenitude do amor do Pai que, na força do Espírito, continua a atuar na história. Até a consumação de todas as coisas, o Pai estará salvando a humanidade inteira. A salvação chega até a humanidade com a proclamação do Reino: a boa nova, que é Cristo mesmo.

A pregação de Jesus tem a profunda preocupação de levar aqueles que o ouvem a abrir-se a um projeto de vida nova, uma proposta de libertação. Na pregação de Jesus atua o Espírito Santo, que não está presente e atuante apenas no evento da redenção dos seres humanos. O Espírito já operava na criação como o hálito de Deus que cria e dá a vida ao homem, da mesma forma que o Cristo, com

---

<sup>1</sup> SUSIN, L. C., *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.84.

suas palavras, obras e ações em favor do ser humano, tem como proposta a vida nova, ou seja, a nova criação.

Deus age em favor do homem e da mulher e essa ação precisa ser recordada e celebrada. Trata-se de uma aliança entre duas partes: de um lado Deus, que sempre se mantém fiel; do outro, o ser humano que, por vezes, fecha-se ao amor e não corresponde. Daí nasce o culto, a liturgia – como uma forma de recapitular aquilo que Deus fez – revive e, ao mesmo tempo, confirma, sempre de novo, a história da salvação, cujo ponto culminante se encontra na intervenção de Cristo. A liturgia é “ação de Deus servindo e santificando seu povo, fazendo-o passar da morte para a vida.”<sup>2</sup>.

A presença de Deus peregrino, acompanhando o desenrolar da história, já descrita na peregrinação do seu povo rumo à terra prometida, arma a sua tenda junto ao povo e renova a esperança. A tenda de Deus se chama Jesus Cristo que, na linguagem de João, torna-se muito evidente, deixando claro que, por ele, a Palavra Criadora age, operando a salvação aqui na terra (cf. Jo 1,14).<sup>3</sup>

É uma forma clara do agir de Deus que não está longe. Apaixonado pelo humano, não se distancia. A vida litúrgica da Igreja tem como objetivo principal oferecer uma experiência do amor que a todos ama e dá a vida e, por isso, merece ser celebrado e exaltado. O fazer memória, a que o culto cristão convida, serve para não esquecer os feitos de Deus realizados em favor do seu povo, o que não é um fato meramente passado, mas um agir no hoje, pois sua “Palavra é viva e eficaz” (cf. Hb 4,12).

Diante do apresentado acima, escolheu-se trabalhar um conceito central da teologia litúrgica, com o intuito de compreender a sua gênese, a sua formação, o seu crescimento e a sua conscientização: trata-se do conceito e da teologia do domingo.

A pesquisa parte do sábado como uma experiência religiosa do povo de Israel, uma instituição divina. Porém, o sábado é uma preparação para o novo dia, o primeiro da semana, quando o Pai ressuscita seu filho Jesus Cristo. A força, o valor e a grandeza do ato do Pai em ressuscitar o Filho garantem que o mal não

---

<sup>2</sup> BUYSTI, I.; ARIOVALDO, J. S. *O mistério celebrado. Memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, v. I, 2003.

<sup>3</sup> BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2000. Doravante será usada em todas as citações bíblicas a edição da Bíblia de Jerusalém, não sendo mais especificada.

tenha a última palavra. A ressurreição faz, do primeiro dia da semana, o dia principal de renovação da fé e de libertação da inclinação ao mal, pois, escutando a Palavra e partindo o Pão, todos são transformados em Cristo, ressuscitados como novas criaturas.

Tem-se ciência do limite da pesquisa acerca do domingo, pois trata-se de um tema encantador, profundo e que ainda está sendo redescoberto. No entanto, a partir da teologia do Concílio Vaticano II, principalmente na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, surge uma visão mais clara sobre o domingo e sua celebração. O Concílio apresenta o domingo como “núcleo e fundamento do Ano Litúrgico.”<sup>4</sup>.

Sabe-se que o Concílio Vaticano II teve como objetivo principal fomentar a vida cristã dos fiéis, sobretudo no que concerne ao coração da espiritualidade cristã: a celebração do Mistério Pascal de Cristo. Tal Concílio despertou no povo o desejo e a necessidade de uma liturgia participada de modo ativo, consciente e pleno.

O movimento conciliar ainda deixou um grande legado: o estudo e a preocupação com a formação litúrgica. Desse modo, deu ao domingo o destaque que lhe é merecido. Compreender o domingo como dia do Senhor é o primeiro passo para celebrá-lo de modo pleno. O Concílio propõe, então, uma mudança de mentalidade, colocando o domingo no centro da espiritualidade e da reunião comunitária, como expressão máxima da vida da Igreja, fonte de toda espiritualidade. Isso seria o mesmo que dizer que devemos ter uma espiritualidade cristocêntrica, que parte de Cristo em primeiro lugar. “Assim, o sinal litúrgico, no regime efetivamente querido por Deus, é o lugar de encontro entre Deus e o homem, onde Deus desce ao homem e o homem sobe a Deus.”<sup>5</sup>.

O domingo é um tema que toca profundamente a vida da Igreja. Por isso, urge que a teologia acerca do domingo seja descoberta e aprofundada. A assembleia dominical ganha uma mística própria, pois é convocada e reunida na força do Espírito Santo que lhe dá sentido. O domingo é verdadeiramente o dia da assembleia que se reúne para ouvir a Palavra e participar da Eucaristia. Já nos primórdios da

---

<sup>4</sup> CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*. Sobre a Sagrada Liturgia. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. 31.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, n. 106. Doravante usaremos a mesma edição. E em todas as citações da referida Constituição usaremos as siglas SC.

<sup>5</sup> VAGAGGINI, C., *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 82.

Igreja, tal como encontrado em eloquentes testemunhos, sejam bíblicos, sejam os dos primeiros teólogos, a descrição do domingo se fazia presente.

O domingo está diretamente ligado à páscoa de Cristo, assim como o culto hebraico estava diretamente ligado à páscoa judaica, na qual se comemorava a libertação vitoriosa do povo hebreu. Em Cristo, “nossa páscoa”, proclama-se, com gratidão, a vida nova e libertadora que Ele oferece através de sua paixão, morte e ressurreição. Assim, a memória desse mistério permanece no centro da vida da Igreja, dando força e vigor à sua missão evangelizadora.

Da páscoa de Cristo nasce o espírito missionário dos Apóstolos, quando – enviados pelo Ressuscitado e movidos pelo Espírito Santo – precisam levar a Boa Nova a todos os povos. A Igreja, ainda peregrina nesse mundo, precisa continuar a proclamar por toda a extensão do mundo o amor de Deus, revelado em Cristo Jesus. Somente uma Igreja alimentada da Palavra e da Eucaristia, uma Igreja que nutre a intimidade com o seu Senhor, poderá ser missionária.

Este estudo gravita em torno do domingo, dia do Senhor, primeiro dia da semana, dia da ressurreição ou, ainda, oitavo dia. Nele, pretende-se focalizar a tese de que o domingo está intimamente ligado à pessoa de Jesus Cristo. Por isso, para além do tempo cronológico, trata-se do tempo da graça, ou seja, o domingo é o *Kairós*, o próprio Cristo.

O tempo depois de Cristo não tem outro significado senão o de realizar, nas criaturas que se apresentam no teatro do mundo até o final dos tempos, a participação e a assimilação daquela realidade de vida divina que está em Cristo morto e ressuscitado, e que Cristo lhes comunica. O tempo que transcorre da ascensão ao retorno glorioso do Senhor na parusia não é senão o intervalo no qual ele quer comunicar o próprio ser e o próprio agir aos homens que aparecem sucessivamente na história, atraindo-os, assim, para o seu mistério, para a plenitude da vida divina nele superabundante.<sup>6</sup>

O esforço é justamente para apresentar essa necessidade de se entender o plano de salvação, começando com os judeus, através da lei, até todos os povos em Cristo, através da graça. O domingo possibilita experimentar a salvação contínua. Em cada domingo, encontra-se o todo do mistério da cruz de Cristo, onde se pode beber na fonte do calvário.

---

<sup>6</sup> VAGAGGINI, C., op., cit., p. 35.

A pesquisa se dispõe a revisitar a teologia bíblica, a patrística, a história da liturgia e da teologia conciliar, as quais são capazes de formar uma consciência eclesial atual acerca do domingo. A mistagogia do domingo, como era no cristianismo primitivo, é um caminho para se chegar a Cristo, através do anúncio da Palavra e dos sinais que a liturgia emprega como forma de comunicação.

No primeiro capítulo, trata-se do tema do sábado, essencial para a compreensão do domingo. A partir do evento da criação, fala-se do sábado como caminho de fidelidade, de culto e de aliança com Deus.

Observar o sábado é o mesmo que imitar o criador que, no último dia da criação, descansou. Através da aliança realizada entre Deus e Israel (cf. Dt 5,15), a ordenança de guardar o sábado foi como uma lembrança a Israel da libertação do Egito, quando o povo era escravo, e agora sendo livre, poderia até descansar um dia na semana (cf. Ex 31,16-17).

Nesse capítulo, mereceu uma especial atenção o domingo como um dos valores fundamentais do cristianismo, pois tem sua centralidade em Jesus Cristo. A partir do evento da ressurreição, os Apóstolos foram tomando consciência da grandeza de tal acontecimento e foram crescendo e descobrindo que Cristo era a perfeição e a plenitude de lei. É, portanto, uma herança que remonta à primeira geração dos Apóstolos.

O fato de Jesus vencer a morte no primeiro dia da semana e ainda, por cinquenta dias, aparecer aos discípulos e partir o pão com eles, torna o primeiro dia um marco. Dessa fonte, beberam os padres da Igreja e elaboraram uma teologia sobre o domingo. Para os padres da Igreja, o domingo, chamado de oitavo dia, torna-se um símbolo da nossa marcha para a eternidade. Os padres colocam o domingo no centro para poder exaltar a Cristo, luz do mundo, a nova criação.

O segundo capítulo perfaz o caminho histórico-litúrgico, recordando o movimento litúrgico na história da Igreja. A Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII é considerada a *Carta Magna* do movimento litúrgico. Sem dúvida, as reformas de Pio XII contribuíram para uma nova teologia litúrgica; pode-se até acrescentar que o Concílio Vaticano II desembocou em uma teologia da liturgia graças às bases dessas reformas lentas e amadurecidas ao longo da história.

Todos se davam conta de como crescia o movimento em busca de uma liturgia mais participativa. Crescia o desejo não somente de uma reforma no âmbito da liturgia, mas de toda a Igreja, que se abria para o mundo moderno. A

promulgação da *Sacrosanctum Concilium* aconteceu 400 anos depois da conclusão do Concílio de Trento. Pela primeira vez na história da Igreja, um Concílio Ecumênico tratou colegialmente o tema litúrgico em geral e colocou o domingo como núcleo, fundamento do ano litúrgico.

As riquezas do mistério pascal, centro da vida da Igreja e de cada cristão, ganham nova direção, sobretudo na revisão do Ano Litúrgico que esse capítulo trata com a atenção que lhe é devida. Dessas reformas, profundas e maduras, a Igreja colheu e continua colhendo seus frutos através, especialmente, da consciência dos fiéis que celebram a páscoa de Cristo, não como meros espectadores, mas como assembleia celebrante.

A pastoralidade do domingo se torna algo imprescindível: do mistério celebrado nasce uma nova maneira de vida, um compromisso com o social, com as estruturas que escravizam, diante das quais o cristão não pode permanecer inerte. Ao mesmo tempo, falar de uma maior participação necessita também de uma pastoral, de um trabalho de preparação.

Ainda que esse capítulo trate de questões históricas, não está privado de uma teologia sobre o domingo, um dia cheio de sentido dentro da vida e da espiritualidade cristã. A Igreja vive para celebrar o domingo e é chamada a viver aquilo que nesse dia celebra.

Assim, unida aos mistérios da vida de Cristo, a Igreja vai tomando consciência de seu papel no mundo. O domingo, vivido como o coração do ano litúrgico, condensa em si toda a história da salvação no hoje de cada semana. É uma maneira de celebrar, a conta-gotas, a cada domingo, a vida toda de Jesus; assim, pode-se melhor degustar a doçura desse dia e contemplar sua beleza.

O terceiro capítulo se abre como um portal de esperança, no qual Cristo a todos coloca. Nesse capítulo, aprofunda-se o mistério pascal que é toda a vida de Jesus, seu ato de amor para salvar a humanidade.

Ainda se reflete a sacramentalidade do domingo como um dia que traz e carrega as marcas do próprio Cristo e nos coloca na dimensão escatológica. O domingo faz pensar na eternidade e já permite degustar, aqui na Terra, o que um dia será celebrado e vivenciado, definitivamente, em Cristo, com Cristo e por Cristo, na eternidade.

O mistério pascal de Cristo – que compreende sua paixão, morte e ressurreição – é o centro de toda a vida litúrgica da Igreja. O que a Igreja peregrina

celebra no tempo e no espaço é justamente esse evento salvífico culminado na pessoa de Jesus Cristo.

O termo mistério remete ao que é inatingível à razão humana; por se tratar da infinitude de Deus, não é abarcado pela inteligência do homem. O gesto de entrega de Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, é a expressão máxima do seu amor por cada um de nós, ainda que, por ser experimentado como revelação da graça divina, não possa ser explicado. Cristo está, desde a criação, no centro do plano do Pai para nos salvar.

Nesse caminho, estão todos sendo preparados para a dimensão final da fé, quando entrarão no repouso sem fim, o dia sem ocaso, o oitavo dia. Nesse dia, é o próprio Cristo que a todos acolherá e nele todos permanecerão para sempre. O domingo é sinal da liberdade de filhos de Deus. Somente o homem livre pode descansar e prestar culto ao criador, não sendo escravo do poder material que sufoca e oprime.

O domingo é um dia pascal, no qual se experimenta a alegria dos discípulos que contemplaram Jesus ressuscitado, depois de pensarem que tudo havia terminado com o escândalo da cruz e no túmulo. Dia de alegria verdadeira, que recorda a feliz e duradoura alegria da vida eterna.

No desenvolvimento do trabalho, reconhece-se que o domingo se torna, de fato, o coração da vida da Igreja: o dia do encontro – da comunidade, do descanso, da alegria, da caridade, a páscoa semanal. Tudo isso tem seu ápice na celebração da eucaristia e é, portanto, o dia da salvação. Viver e celebrar o domingo são uma forma de inserção no plano salvífico, definitivamente revelado e atuado por Cristo.

O domingo é um tema fascinante, que não se esgota, pois se desvenda e é compreendido quanto mais é vivenciado. Por isso, não se tem dúvidas de que quanto mais celebramos, vivemos o domingo, encontramos Cristo e este dia não se esgota em seu sabor de eternidade. O domingo traz em si uma meta, a cada dia que o celebramos, vamos nos aproximando mais desta meta, que é Cristo, razão deste dia em nossa vida. Urge encantar-se pelo domingo e torná-lo, de fato, centro da nossa vida cristã.

## 2 Fundamento bíblico e tradição eclesial do domingo

### 2.1 Do sábado judaico ao domingo cristão

Este primeiro capítulo trata da questão do sábado judaico, dia que faz memória ao descanso de Deus após o término da criação. Desse *shabat*, brota toda a experiência para a vivência futura e observância do domingo, tal como a temos hoje. O sábado da criação não teve manhã e nem tarde, prenúncio do dia sem fim.

Do sábado, passa-se ao domingo, que nasce da experiência da ressurreição de Jesus Cristo. Todos os relatos evangélicos testemunham o evento da ressurreição de Jesus como o cumprimento de todas as promessas de Deus a Israel e se tornarão, portanto, o ponto de partida para que a comunidade cristã passe a celebrar o “primeiro dia da semana”.

O primeiro dia, também presente na teologia dos santos padres, por um lado, recorda a criação, aquele primeiro dia em que Deus criou a luz (cf. Gn 1,3-5) e, por outro, recorda a narrativa evangélica, a qual nos atesta que a ressurreição de Cristo se deu no primeiro dia da semana (cf. Mc 16,2).

Os Padres da Igreja muito rapidamente farão uma ligação entre a luz da criação e a ressurreição de Cristo. Assim, o domingo passa a ser determinante na vida espiritual do cristão. O que se pretende apresentar é o surgimento do domingo que celebra toda a história da salvação projetada por Deus. Essa salvação, iniciada no passado, atinge seu vértice em Cristo e aguarda o seu arremate.

O Concílio Vaticano II representa, na vida da Igreja, o acontecimento eclesial mais importante do século “e o Espírito do Senhor vinha preparando havia muito tempo novos caminhos.”<sup>7</sup> As Constituições, os Decretos e as Declarações provenientes dele são o ponto de partida e de chegada do novo modo de compreensão da Igreja nas dimensões *ad intra* – na qual a Igreja é vista em si mesma – e *ad extra* – em que a Igreja é tratada em relação ao mundo.

Muitas foram as renovações promovidas pelo Concílio Vaticano II, porém, a primeira e maior delas foi, indubitavelmente, referente à Sagrada Liturgia da

---

<sup>7</sup> MARINS, J., *Fomos a um Concílio. A surpresa do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p.10.

Igreja. Toda renovação só pode acontecer através da descoberta de suas raízes, daquele *humus* histórico, espiritual e cultural. Isso é válido também para o cristianismo, que nasceu do sulco do judaísmo. Assim, redescobrir e reconhecer as origens não significa se afastar do hoje, mas reencontrar as raízes que sustentam a caminhada histórica do cristianismo. Dessa maneira, não se poderia iniciar este trabalho – cujo objetivo principal se relaciona ao sentido do domingo – sem antes retomar o sábado como fonte da tradição vivida por Jesus como judeu.

O sábado não somente está ligado à criação, mas também ao ato revelador de Deus. A escritura bíblica concorda e atesta a natureza estética da revelação de Deus. No ato de se revelar, Deus se comunica como *Ágape*, como quem cuida das suas criaturas. “Deus se revela sempre, em todas as partes, a todos quantos lhe é ‘possível’, na generosidade irrestrita de um amor sempre em ato, que se quer dar plenamente.”<sup>8</sup> A revelação é um evento onde Deus só pode ser encontrado com a graça Dele, que se dá a conhecer.

Conscientes da importância que tem a teologia do sábado, da qual se colhe toda a Tradição cristã, e visto que “desta liturgia, dos seus símbolos e dos seus ritos, dos ecos e do seu silêncio, alimentaram-se o próprio Jesus, a Virgem Maria, os Apóstolos, as comunidades primitivas, os primeiros cristãos”<sup>9</sup>, o interesse passa a ser o de abordar o *shabat* através de três aspectos importantes: o descanso, a aliança e o culto. O itinerário será traçado a partir do livro do Gênesis, devido ao fato de o livro concluir a narrativa da criação mencionando o sábado como o sétimo dia, momento em que tudo é levado à plenitude, porque Deus o abençoa e, nesse dia, descansa de toda a sua obra (cf. Gn 2, 2-3). “O relato inicial da criação, no Gênesis, desagua no sábado.”<sup>10</sup>

O fundamento do sábado está no ato mesmo da criação, como imitação do descanso do Criador. A mística do sábado judaico é marcada pela lei do repouso. É, por excelência, dia de oração e meditação, consagrado a Deus. A palavra *shabat* significa exatamente descanso. É uma ordenança divina para o bem-estar do homem, envolvendo sua saúde e limitando a sua ganância. Ao mesmo tempo, tal dia se torna o símbolo que marca o ritmo da vida semanal. É sinal dado por Deus

<sup>8</sup> QUEIRUGA, T. A., *Repensar a Revelação. A Revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 15.

<sup>9</sup>SANTE Di C. *Liturgia Judaica. Fonte, Estruturas. Orações e Festas*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 18.

<sup>10</sup> SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 80.

ao povo para ser memória da sua presença pastoral. É símbolo que se torna também o centro da identidade cultural de um povo.

No Gênesis, a narrativa da criação termina com o descanso do Criador: “Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera” (cf. Gn 2,2). “Assim, depois de criar, em cada tempo, em cada “dia” escandido pelas tardes e manhãs, os elementos todos em duais fecundos, o Criador “cria” um tempo sem ações e sem criações.”<sup>11</sup>

O dia do descanso de Deus passa a ter uma conotação de bênção e de santidade, um exemplo que Deus deu para ser observado: “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação” (cf. Gn 2,3). Toda a narrativa da criação se direciona a demonstrar a importância do sétimo dia da semana como sendo o ponto alto, uma forma de Deus contemplar a obra por Ele criada. Pode-se, assim, dizer que a instituição do sábado ocorreu de forma solene e sagrada.

O sábado, porém, é uma das instituições cuja proveniência do ambiente mesopotâmico, hoje em dia, parece certa e a que a cultura hebraica deu a sua interpretação própria, nela introduzindo conteúdos originais. O que mais impressiona quem percorre a tradição bíblica, e, portanto, o que melhor caracteriza o sábado, é o repouso absoluto.<sup>12</sup>

A grande obra criadora de Deus, no Gênesis, diz respeito ao sábado, que foi abençoado e santificado pelo Senhor. “A eleição do sétimo dia e não outro nos remete à liberdade do amor de Deus.”<sup>13</sup>. Ou seja, a instituição do sábado é símbolo salvífico, remete ao amor de Deus pela humanidade ao abençoar e tornar santo o tempo como leito do seu repouso. O sábado é um modo de Deus se revelar como um Deus que ama, que se preocupa com a criatura, quando lhe propõe o descanso. “A experiência reveladora, para sê-lo e tornar-se consciente, tem que ser vivenciada como manifestação de Deus.”<sup>14</sup>. Parece que Deus tem o prazer de maravilhar-se com sua criação e convida toda a criatura a ser grata por aquilo que Ele fez com suas mãos amorosas e a todos presenteou.

<sup>11</sup> SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 81.

<sup>12</sup> BRANDOLINI, L. “Domingo”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 305-318.

<sup>13</sup> BIANCHI, E. *Giorno del Signore, giorno dell'uomo: per un rinnovamento della domenica*. Casale Monferrato: Edizioni Piemme, 1999, p. 32.

<sup>14</sup> QUEIRUGA, T. A., op. cit., p. 32.

Assim, o sábado convida, antes de tudo, à reverência e à gratidão diante do Criador e da sua criação. Se a narrativa da criação representa de qualquer modo também uma fundação do culto, isto é, significa em todo caso que o culto, seja na sua forma ou em seu conteúdo, é, necessariamente, uma relação também com a criação toda.<sup>15</sup>

Dessa forma, percebe-se que o sábado tem uma relação direta com Deus mesmo e com a sua criação. A criatura se vê no dever de uma relação diferente com a obra criada. Logo, a memória do sábado, dia que coroa a obra criadora, é, além de período de descanso, reconhecimento da soberania do Criador, Senhor do tempo e da história; é uma forma mística de o Criador ver e proclamar que tudo é bom, “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom...” (cf. Gn 1, 31). O sétimo dia da criação passará, então, a ser rigorosamente observado pelo povo hebreu, porque “o sábado é, em primeiro lugar, um tempo que Deus cria para si mesmo na criação. No tempo sabático, Deus é o primeiro a ‘cessar’ seu trabalho de criação e entrar no repouso sabático, na contemplação de sua obra.”<sup>16</sup>. Isso está claro nas primeiras páginas do livro do Gênesis, o trabalho de Deus é exemplo para o homem que deve em tudo imitá-lo.

Pois o homem, criado à imagem de Deus, recebeu o mandamento de dominar a terra com tudo o que ela contém e governar o mundo na justiça e na santidade e, reconhecendo Deus como Criador universal, orientar-se a si e ao universo para ele; de maneira que, estando todas as coisas sujeitas ao homem, seja glorificado em toda a terra o nome de Deus.<sup>17</sup>

Deus trabalha e ordena à criação o trabalho criador, o qual edifica a criatura e a faz participante ativa de toda a obra da criação: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra” (cf. Gn 1,28). A partir disso, pode-se considerar o sábado como um paradigma para o repouso humano pois, se o Criador

<sup>15</sup> RATZINGER, J. *Opera omnia teológica della liturgia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013, p. 281.

<sup>16</sup> SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 82.

<sup>17</sup> CONSTITUIÇÃO VATICANO II Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no Mundo de Hoje. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. 31.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, n. 106. Doravante, serão usadas em todas as citações da referida Constituição as siglas GS.

“descansou”, de igual modo, o homem – que é a obra perfeita de sua sabedoria – deve também descansar de toda a labuta semanal. Essa característica do “repouso” divino vai se desenvolvendo paulatinamente e oferecendo e sustentando as bases para o surgimento do dia sagrado dos judeus.

Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo. Trabalharás durante seis dias e farás toda a tua obra. O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem teu animal, nem o estrangeiro que está em tuas portas. Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm, mas repousou no sétimo dia; por isso o Senhor abençoou o dia do sábado e o santificou.<sup>18</sup>

No entanto, o repouso do criador “não pode ser interpretado de forma banal, como uma espécie de ‘inatividade’ de Deus. De fato, o ato criador, que está na constituição do mundo, é permanente por sua própria natureza.”<sup>19</sup>. Deus nunca deixa de agir, Ele leva a bom termo sua obra e, ao mesmo tempo, dela se apraz.

O sábado, na verdade, é elemento central de toda a economia da primeira aliança e essencial, até mesmo constitutivo, da qualidade de Israel como povo de Deus dentro da história, representando o vértice daquele ritmo semanal hebraico que foi depois herdado pelo cristianismo.<sup>20</sup>

Pode-se afirmar que o povo de Israel, preenchendo de sentido o dia do descanso semanal, reconhece e glorifica a ação de Deus. O descanso referente ao sábado passa a significar um reconhecimento da bondade do Criador. Repousando no sétimo dia, o homem celebra, ratificando a bênção do sábado. É um culto ao Deus da criação, que abençoa o trabalho do homem com fecundidade, enquanto restaura as suas energias.

Tendo visto que o sábado traz em si a dimensão do descanso como forma de imitação do Criador que ao término da criação repousa, introduzimos outra dimensão do sábado: a Aliança feita com o povo que sai rumo à terra prometida onde “Israel não parte para ser um povo como todos os outros povos, parte para servir a Deus.”<sup>21</sup>. Depois da narrativa do Sinai (cf. Ex 31, 12-17), o sábado se

<sup>18</sup> Cf. Ex 20, 8-11.

<sup>19</sup> JOÃO PAULO II. *Dies Domini. Sobre a santificação do Domingo*. São Paulo: Paulus, 1998, n. 11.

<sup>20</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 17.

<sup>21</sup> RATZINGER, J., *Introdução ao Espírito da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2013, p.14.

transfigura também na memória da aliança de Deus com seu povo, renovada a cada sete dias. A guarda do sábado é comparada, nas Escrituras, à fidelidade a Deus de um povo que o serve.

Embora a Aliança que Deus celebra com Moisés não seja a primeira na literatura bíblica – pois já havia celebrado aliança com Noé, com Abraão e, assim, com toda a humanidade, é essencial saber o contexto em que foi feita a aliança do Sinai ou Mosaica.

Em primeiro lugar, é importante destacar como Deus se apresenta a Moisés, ou seja, que Deus é este que faz aliança com o povo de Israel. Deus se apresenta a Moisés como Deus de Abraão, Isaque e Jacó (cf. Ex. 3:15-16; Ex.4:5). E por que Ele se apresenta assim antes da aliança do Sinai? Por que a aliança do Sinai está baseada numa aliança anterior (cf. Ex 6:2-5 Gn 17:1-8), a aliança que Deus havia feito com Abraão, Isaque e Jacó. O resgate do povo de Israel e a aliança do Sinai estão dentro da aliança anterior feita aos patriarcas, mais conhecida como aliança Abraâmica.

Em Israel, o sábado é uma das leis mais antigas e originais do Código da Aliança, que o estatuto de universalidade ao se dirigir, como lei, aos senhores para que a cumprissem sem favor dos outros: tu, mas também tua filha e teu filho, teu servo e tua serva, o estrangeiro que mora contigo, teu animal e carga e de canga farão uma interrupção, ou seja, um sábado, depois de seis dias de trabalho. (cf Ex 20,8). É o dia de descanso ‘para todos’, sem privilégio, uma santa greve.”<sup>22</sup>

No Sinai, a Aliança com o povo de Israel foi marcada por um diferencial. Pela primeira vez, Deus queria que esse pacto fosse celebrado de forma totalmente recíproca, isto é, com a aceitação de ambas as partes. Uma aliança celebrada de modo solene, onde o diálogo entre Deus e o seu povo é retomado. Quando parece que o povo havia se esquecido dessa aliança, dá-se agora a oportunidade de recordar (cf. Ex 2,25). “O sábado é, portanto, definido com a linguagem típica da aliança, como um ‘sinal entre Eu e vocês’ (cf. Ex 20,20; 20,12)”.<sup>23</sup>

A aliança sela a união de um Deus que se faz amigo do homem. “A aliança com a divindade é um modo de expressar as relações entre Deus e os homens”.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 80.

<sup>23</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 51.

<sup>24</sup> BOGAERT, P., M., DELCOR, M., JACOB, E., LIPINSKI, É., MARTIN-ACHARD, R., PONTHOT, J., *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p.56.

Deus vai ao encontro dos israelitas, oferecendo-se a Si mesmo com o intuito de lhe comunicar o desígnio de Sua benevolência e Seu amor<sup>25</sup>. A ação de Deus, que por meio de sua revelação se comunica, é graça e iniciativa amorosa. Ele, em sua infinita bondade e liberdade, entra na história, fala ao coração do ser humano e espera dele uma resposta.

O homem não é um ser passivo na aliança. Tão importante quanto a iniciativa de Deus que quer salvar é a resposta do homem, mesmo que, muitas vezes, a infidelidade acabe levando à ruptura da aliança. No entanto, Deus, sempre fiel, promete uma nova aliança. Nessa perspectiva, no que tange à relação entre a criação e a aliança, poderíamos ressaltar que ambas possuem uma complementaridade.

A partir daí, assim define-se a intenção das narrativas sobre a criação: a criação existe para que haja um lugar para aliança que Deus quer selar com o ser humano. O objetivo da criação é a aliança, a história de amor entre Deus e o homem [...]. Somente se está em aliança com Deus o homem se torna livre, e somente assim se manifesta a igualdade e a dignidade de todos os seres humanos. Se tudo deve ser redirecionado para aliança, então é importante reconhecer que a aliança é relação: é um doar-se de Deus ao homem, mas também um responder do homem a Deus. A resposta do ser humano a um Deus que é bom com ele chama-se “amor”, e amar a Deus significa adorá-lo. Se a criação é entendida como um espaço da aliança, lugar do encontro entre Deus e o ser humano, isso significa que é pensada também como lugar de adoração [...]. A criação espera a aliança, mas a aliança completa a criação e não lhe é indiferente.<sup>26</sup>

Na revelação da lei, Deus manda Moisés para se certificar de que o povo concordaria com o que estava para ser firmado entre Ele e Israel. O ponto fundamental é que Deus quer governar os filhos de Israel, mas por meio do direito e não pela força ou poder; o governo de Deus se dá através do amor. É por essa razão que, na caminhada do povo de Deus, o sábado ganha visibilidade. O sábado passa a ser celebrado como sinal da aliança, um modo de a comunidade expressar o amor e a fidelidade a Deus.

---

<sup>25</sup> O Deus da eleição é também o Deus da aliança. Não é fácil determinar o sentido exato do termo *berit*. Comumente tem sido traduzido por aliança. Evidentemente, trata-se de uma aliança muito peculiar, bem diversa do pacto ou aliança entre os homens, onde o elemento jurídico é determinante. “No pacto teológico, Iahweh escolhe livremente Israel como povo e este, por sua vez, compromete-se ao serviço exclusivo e à obediência a Iahweh.” (cf. RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 138.)

<sup>26</sup> BENTO XVI. op. cit., p. 22-24.

O sábado aparece no decálogo como o único que encontra seu fundamento na criação, mostrando que esse dia, de fato, não pertence ao homem e às obras de suas mãos, mas ao Senhor. “O sétimo dia é considerado o encerramento da criação.”<sup>27</sup>.

Tal afirmação sugere, de fato, que a criação e a aliança, do início ao fim, estão unidas, como afirma o Cardeal Ratzinger: “o criador e o redentor não podem ser senão o único e mesmo Deus”.<sup>28</sup> A criação torna-se o lugar da aliança.

O Senhor disse a Moisés: fala aos filhos de Israel e dize-lhes: observareis de verdade meus sábados, porque são um sinal entre mim e vossas gerações, a fim de que saibais que eu sou Senhor, o que vos santifica. Observareis, pois, o sábado, porque é uma coisa santa para vós. Quem profanar será castigado com a morte. Tudo o que realizar nele algum trabalho será retirado do meio do povo. Durante seis dias poder-se-á trabalhar; no sétimo, porém, se fará repouso absoluto, em honra do Senhor. Todo aquele que trabalhar no dia do sábado deverá ser morto. Os filhos de Israel observarão o sábado, celebrando-o de geração em geração, como uma aliança eterna. Será um sinal perpétuo entre mim e os filhos de Israel, porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra; no sétimo dia, porém, descansou e tomou alento.<sup>29</sup>

Esse texto afirma com clareza que o sábado foi um sinal especial entre Deus e Israel. No texto ainda fica explícito o convite a “observá-lo”. Pronunciado pela voz de Deus como sinal da aliança, o sábado é um marco na história, símbolo de uma aliança particular, eterna, entre Deus e Israel. E é somente a partir dessa aliança que Israel começa a guardar o sábado como dia santo. “O sábado testemunha a presença de Deus no tempo, presença escrita na vida do homem, em todas as criaturas que existem sobre a terra, para não se esquecer da presença Dele no meio de seu povo.”<sup>30</sup>

O tema da aliança recupera, então, a centralidade no pensamento religioso israelita. A aliança com a divindade é um modo de expressar as relações estabelecidas entre Deus e os homens. Deus faz uma proposta e a comunidade de Israel a acolhe, visando à integridade do povo. A aliança abre um diálogo efetivo, codificando uma linguagem comum. Ora, ao aderir pela obediência da Lei, Moisés “tomou o livro da Aliança e o leu para o povo; e eles disseram: ‘tudo o que o Senhor

<sup>27</sup> WILLI-PLEIN, I., *Sacrifício e culto. No Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 65.

<sup>28</sup> RATZINGER, J., op. cit., p. 281.

<sup>29</sup> Cf. Ex 31,12-18.

<sup>30</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 46.

falou, nós faremos e obedeceremos’.” (cf. Ex 24,7). Nessa obediência estava incluída a observância do sábado como dia santo.

E o sábado é essencial para a adoração. Numa forma especial, todo sétimo dia convida a adorar a Deus, consagrar o tempo e a vida a Ele. Assim, apresentamos o terceiro aspecto do sábado: o culto. No sábado, o homem, deixando o trabalho, poderia meditar sobre a união com o Senhor, sua relação com Ele. O sábado é, por excelência, o dia da escuta à Palavra de Deus. A comunidade, dispersa por conta do trabalho durante a semana, reunia-se para um “culto de reconhecimento, louvor e agradecimento.”<sup>31</sup>

Em alguns momentos da história do povo de Deus, o sábado foi vivido com expectativa, com uma profunda espiritualidade, com uma séria preparação para o dia de repouso e de festa que estava se aproximando. É por essa razão que o dia que antecede o sábado, a sexta-feira, era também chamado de dia da preparação.<sup>32</sup> O culto tem como finalidade conduzir o povo à paz, “à união daquilo que está no alto com aquilo que está embaixo. O culto é a tentativa, presente ao longo de toda a história, de superar a culpa e de reconduzir, assim, à ordem correta o mundo e a própria vida.”<sup>33</sup> O sábado, como sinal da aliança entre Deus e o povo, leva à acolhida do mesmo como memorial.

A celebração do sábado judaico se iniciava em casa, com a preparação da mesa. A simbologia da celebração do dia do sábado remonta à descrição da criação do mundo: acendiam-se as luzes pronunciando uma oração de bênção, vestiam-se roupas festivas para ir à sinagoga e escutar salmos, além de sete trechos da *Torah*.

Eram feitas ofertas aos pobres após a oração na manhã. Posteriormente, seguia-se o almoço festivo em família. No fim do dia, ao pôr do sol, realizava-se o rito da separação, isto é, o retorno de cada um para sua própria casa. Todos esses gestos eram acompanhados por um tipo de oração: a *berakah*.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 81.

<sup>32</sup> A sexta-feira era o dia em que as famílias preparavam os alimentos do dia seguinte, as velas eram acesas pela “mãe, cercada pelos filhos mais novos, enquanto o pai, com os filhos mais velhos, encontrava-se na sinagoga para acolher o sábado, juntamente com a comunidade.” Cf. SANTE DI C., op. cit., p. 170. Dessa forma os preparativos deveriam ser feitos, uma vez que o sábado trazia consigo uma série de proibições. Assim, todos poderiam repousar e fazer festa. O espírito do sábado inicia-se já durante a sexta-feira, com os preparativos, um dia de espera. Para o hebreu, o *shabat* inicia-se na véspera, ou seja, ao pôr do sol da sexta-feira e termina como o pôr do sol do sábado.

<sup>33</sup> BENTO XVI. op. cit., p. 31.

<sup>34</sup> *Berakah*, normalmente traduzido como bênção ou também admiração, louvor, agradecimento, é um dos termos que condensa toda a riqueza e originalidade do pensamento hebraico; talvez o termo, por excelência, por meio do qual se resume a antropologia hebraica: o seu modo de colocar o homem

Na mentalidade do povo judeu, sendo o sábado o dia santo, o sétimo dia da criação passará, aos poucos, a ser observado rigorosa e piedosamente. Porém, era fortemente marcado o seu sentido cultural, para não se tornar um dia de ociosidade. Era dia de render culto ao Senhor que fez grandes maravilhas na vida do povo eleito. Assim, a bênção do Senhor é recordada no dia do sábado, bênção que se estende no tempo. Por essa razão, o sábado se torna um dia para Javé, um tempo a ser santificado. “Dessa forma se conecta um culto ao dia de descanso.”<sup>35</sup>. A santidade era do “tempo santificado, e não mais um lugar santificado, um tempo especial, a dignidade da pessoa acima da servidão.”<sup>36</sup>

A dimensão cultural do sábado se fundamentava em três aspectos: na adoração a Deus, na fidelidade à aliança e na celebração-memorial dos prodígios realizados por Deus no passado, como forma de enaltecer a fidelidade Dele no cumprimento das promessas. No culto, existe a intenção do Criador de estar em comunhão com os homens, é Deus que, por dom verdadeiro, restabelece a união com a criatura; assim, “culto é a tentativa, presente ao longo de toda a história, de superar a culpa e de reconduzir, assim, à ordem correta o mundo e a própria vida.”<sup>37</sup>

O sábado, como dia santo, também está, para o povo judeu, ligado à questão do memorial pascal recordado no culto, “como lembrança da noite em que YHWH poupou e libertou seu povo.”<sup>38</sup> Uma maneira de não se esquecer da grandeza que Deus havia realizado em favor do povo, libertando-o da escravidão do Egito: “Recorda-te de que foste escravos no país do Egito, donde o Senhor, teu Deus, te fez sair com mão forte e braço poderoso. É por isso que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasse o dia do sábado.” (cf. Dt 5,15).

O sábado também é considerado como o dia que celebra a libertação pascal do Êxodo; enfim, além do ano e da semana, também no dia da conquista no judaísmo encontra uma referência particular à Páscoa porque se caracteriza pela oferta de um sacrifício cotidiano – o “sacrifício perpétuo” – entendido como memorial do maior dia da história da salvação (Nm 28,6).<sup>39</sup>

---

diante de Deus e defronte ao mundo. De fato, a *berakah* define a tríplice relação: com Deus, com o mundo e com os semelhantes. (cf. SANTE Di C., op. cit., p. 47).

<sup>35</sup> SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 157-158.

<sup>36</sup> SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 81.

<sup>37</sup> BENTO XVI. op. cit., p. 31.

<sup>38</sup> WILLI-PLEIN, I., op. cit., p. 121.

<sup>39</sup> BERGAMINI, A. *Cristo Festa da Igreja. O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 54-55.

Logo, percebe-se claramente que “o Deus que descansou no sétimo dia, comprazendo-se pela sua criação, é o mesmo que mostra a sua glória, ao libertar os seus filhos da opressão do faraó.”<sup>40</sup>. Ligando o sábado com a saída do povo do Egito, o sétimo dia significa, antes de tudo, dia de libertação da casa da escravidão. A páscoa dos judeus, celebrada em um sábado, também celebra a memória de um Deus libertador, santo e forte, que acompanha o povo como pastor que conduz seu rebanho. A saída do povo judeu do Egito é fundamento da dimensão cultural do sábado, ainda que celebrada de forma solene somente uma vez a cada ano.

E é observando o sábado que o israelita faz no seu hoje a experiência da libertação do êxodo; podemos dizer que o sábado se torna o êxodo semanal. Ligando o sábado à saída do Egito, faz-se deste um tempo no qual cada israelita não só se beneficia da bênção da criação, mas também da libertação da escravidão, da salvação conseguida com o êxodo. A passagem da escravidão do Egito ao serviço ao Senhor a partir do êxodo inicia um movimento de libertação que vem no sábado e que atualizava aquele ato de salvação fundamental: “seis dias trabalharás”, ou, literalmente, servirás, mas, no sétimo dia, cessará toda escravidão e memorial da escravidão do Egito.<sup>41</sup>

O sábado, portanto, na mentalidade judaica, “é uma instituição que se deve compreender e da qual se deve falar, mas, acima de tudo, é uma instituição que se deve viver”.<sup>42</sup> Compreende-se o sábado meditando a lei do Senhor e fazendo memória dos acontecimentos salvíficos. Pode-se, assim, afirmar que o sábado é muito mais do que um dia para descanso. É dia de alegria, de festa, de paz, tranquilidade e realizações.

O Sábado é a síntese do “do credo israelita”, resume os principais eventos da história hebraica, da criação, dia santificado e abençoado (cf. Sl 92), da aliança sinaítica que representa a comunhão entre *Yhawah* e o povo, da figura do deserto e o maná ao dom da terra prometida, da salvação eterna.<sup>43</sup>

Com isso, a observância do sábado é um louvor a Deus por todos os seus feitos, mas também é memória da aliança e da libertação. Jamais poderá cair no

<sup>40</sup> JOAO PAULO II, op. cit., n. 12.

<sup>41</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 51-52.

<sup>42</sup> CARDOSO, I. M. A. *Domingo. dia da ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 49.

<sup>43</sup> GELARDI, A. *La Domenica andando alla messa*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2015, p. 22-23.

esquecimento, pois se trata do evento central da espiritualidade judaica. Deve ser vivido com radicalidade e gratidão, isto é, como um dia totalmente consagrado ao Senhor. É verdade que se deve levar em conta que o mandamento de observar o sábado se complicou em uma legislação tão pesada, em tradições detalhistas, a ponto de se tornar uma proibição de quase tudo, um peso para os mais frágeis. E é justamente neste ponto que surgem os conflitos de Jesus com os fariseus.

Por isso, no tempo de Jesus temos uma observação adulterada do Sábado, em que esse tempo parecia ser de novo nefasto, um risco para os que precisassem de comida e de cuidados com a saúde. Jesus se entende como quem busca o espírito original do Sábado e renova as possibilidades de entrar no Sábado mediante a cura, a reconciliação, a devolução do gosto de viver. Ele é o profeta e o Senhor – administrador – do Sábado, aquele que traz o tempo jubilar da graça.<sup>44</sup>

Depois de termos visto a teologia do sábado e suas raízes, apoiando-nos em algumas das dimensões que a perspectiva veterotestamentária nos oferece, vamos observar um pouco a passagem que se dá do sábado judaico ao domingo cristão. “O sábado foi abolido e cumprido em Cristo ressuscitado e tem uma celebração visível, o domingo.”<sup>45</sup>. O israelita vivia o sábado como um tempo de espera do Messias que deveria chegar. O sábado já representava a alegria da vinda do Messias, antecipava a alegria do reino, o mundo novo.

O sábado é ponte entre presente e futuro e, se vivido na obediência à Palavra de Deus, é dia sem ansiedade, sem tensão, sem rivalidade, sem contradição, é realmente dia de paz que antecipa a paz messiânica; por isso, o sábado é também dia no qual, particularmente, vivia-se a espera do Messias. O Sábado é um sinal concreto da esperança messiânica, que é esperança de todos nós.<sup>46</sup>

Do sábado, passa-se ao domingo, do sétimo dia ao primeiro, no qual o Cristo vencedor da morte nos garantiu a vida eterna. “O preceito do sábado, que na primeira aliança prepara o domingo da nova e eterna aliança, radica-se, portanto, na profundidade do desígnio de Deus.”<sup>47</sup>. No entanto, como se desenvolve, de modo

<sup>44</sup> SUSIN, L. C., A., op., cit., p. 82.

<sup>45</sup> DANIELOU, J., *Bíblia e Liturgia. A Teologia Bíblica Do Sacramento e das festas nos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 328.

<sup>46</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 73.

<sup>47</sup> JOAO PAULO II, op. cit., n. 13.

concreto, a passagem da observância do sábado para a celebração dominical? Bento XVI afirma que:

Possamos afirmar por certo que, já na época apostólica, o dia da ressurreição se impôs como o dia da assembleia dos cristãos: era este o “dia do Senhor” (Ap 1,10), o dia no qual Ele entrava entre os seus e os seus iam ao seu encontro. Assembleia em torno do Ressuscitado significava que ele partia de novo o pão com os seus (cf. Lc 24, 30-35). Foi um encontro com o Cristo presente, um caminho para a sua vinda final, e em tudo isso foi contemplada a presença da cruz como sua verdadeira elevação, como foi o evento do seu amor que é distribuído como presente. O Novo Testamento, assim como também escritos mais antigos do segundo século, confirma muito claramente: o domingo é o dia do culto dos cristãos. Esse acolheu em si o significado cultural do sábado e sinaliza o tempo mesmo de transformação do antigo culto naquele novo, verificado através da cruz e ressurreição Mas também a ligação com o tema da criação, que para o sábado é essencial, estava implícita, mesmo que de forma alterada, na data do primeiro dia da semana, isto é, no dia em que a criação começou: a ressurreição conecta o começo e o fim, a criação e restauração.<sup>48</sup>

O sábado, sem dúvida, preparou a instituição do domingo, “Do sábado passa-se ao primeiro dia depois do sábado, do sétimo dia passa-se ao primeiro dia: o *Dies Domini* torna-se o *Dies Christi!*”<sup>49</sup>. Este é o grande dia do Senhor, aquele que começa aqui e só terá seu fim na eternidade. “Para quem crê em Jesus Cristo, o coração do seu Senhor é o lugar escolhido para repousar.”<sup>50</sup>. O domingo passará a ser visto e interpretado como o dia da nova criação, o oitavo dia da semana. Com isso, é preciso sublinhar que:

A distinção entre o domingo e o sábado hebraico vai-se consolidando sempre mais na consciência eclesial, mas, em certos períodos da história, devido à ênfase dada à obrigação do descanso festivo, registra-se certa tendência à “sabatização” do dia do Senhor. Não faltaram, inclusive, setores da cristandade em que o sábado e o domingo foram observados como “dois dias irmãos”.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> RATZINGER, J., op. cit., p. 276-277.

<sup>49</sup> JOÃO PAULO II, op. cit., n. 18.

<sup>50</sup> STEFANI, P., “Dal sabato ebraico al primo giorno dopo il sabato”. In: BARBA, M. (org). *O giorno primo ed ultimo. Vivere la Domenica tra festa e rito*. Atti della XXXII Settimana di Studio Dell’Associazione Professori di Liturgia Cassano delle Murge. Edizioni Liturgiche, 2003. p. 90.

<sup>51</sup> JOÃO PAULO II, op. cit., n. 23.

Percebe-se que o sentido do sábado vigorou até a chegada do Cristo. Porém, passo a passo, a Igreja vai fazendo a descoberta da centralidade da ressurreição. Cristo ressuscitado é o dado sobre o qual se apoia a fé cristã. Porque, se ele não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé, tal como nos afirma o apóstolo Paulo (cf. 1Cor 15,14). Dessa forma, a ressurreição se coloca no centro do mistério do tempo. O sábado vai deixando de ocupar o principal espaço na vida litúrgica da comunidade cristã para que o domingo possa assumir sua função de tempo novo.

Esse percurso foi uma tentativa de demonstrar a herança que os cristãos receberam dos judeus, um caminho que foi preparado desde a criação até a encarnação do Verbo de Deus que se fez homem em Jesus Cristo. O ponto de vista mais recente, que é articulado pelo próprio Papa João Paulo II em sua Carta Pastoral *Dies Domini*, mantém que o domingo começou como a incorporação e “expressão plena” do sábado e, conseqüentemente, deve ser observado como um imperativo bíblico, com suas raízes no próprio mandamento do sábado.

O que se apresenta desde o princípio como um dia para o Senhor cede lugar para o domingo, cujas bases neotestamentárias o fundamentam na ressurreição de Cristo. Para o judeu, o sábado continua sendo dia santo; já para o cristão, o domingo serve para o descanso, o louvor e a ação de graças. É a nova criação em Cristo. “A Israel se pede a observância do sábado, enquanto o domingo é o dia no qual os chamados à fé em Jesus Cristo, sejam hebreus ou gentis, celebram a ressurreição do seu Senhor aguardando a sua vinda”.<sup>52</sup>

## 2.2

### O Nascimento do domingo: dados do Novo Testamento

Lançou-se um olhar a alguns escritos do Novo Testamento com o intuito de compreender como os primeiros cristãos viviam a experiência do domingo. O domingo tem sua origem na ressurreição de Cristo: “a originalidade do domingo, primeiro dia e último, primeiro dia depois do sábado, constitutivamente foi fundada

---

<sup>52</sup> STEFANI, P., “Dal sabato ebraico al “primo giorno dopo il sabato”. In: BARBA, M., op. cit., p. 95.

e motivada a partir da ressurreição; é, portanto, a celebração dos mistérios da morte e ressurreição do Senhor Jesus”.<sup>53</sup>

No Novo Testamento, nota-se que a mudança do sábado para o domingo tem seu fundamento na ressurreição de Jesus Cristo.<sup>54</sup> Deus novamente agiu, e de nova maneira, para dar à Aliança a sua amplitude universal e a sua forma definitiva. Esse agir, porém, influenciou no ritmo das semanas; o seu vértice, para o qual todo o resto estava direcionado, foi a ressurreição de Jesus no ‘terceiro dia’.<sup>55</sup> Esse acontecimento traz um novo sentido na ordem das coisas criadas e na vida do homem. E essa passagem do Antigo para o Novo Testamento está marcada, ao mesmo tempo, pela continuidade e pela ruptura, o que se aplica, perfeitamente, também à questão do culto.

Os cristãos, apercebendo-se da originalidade do tempo novo e definitivo inaugurado por Cristo, assumiram como festivo o primeiro dia depois do sábado, porque nele se deu a ressurreição do Senhor. De fato, o mistério pascal de Cristo constitui a revelação plena do mistério das origens, o cume da história da salvação e a antecipação do cumprimento escatológico do mundo. Aquilo que Deus realizou na criação e o que fez pelo seu povo no Êxodo encontrou, na morte e ressurreição de Cristo, o seu cumprimento, embora esse tenha a sua expressão definitiva apenas na parusia com a vinda gloriosa de Cristo.<sup>56</sup>

Quando o Senhor ressuscitado esteve presente de forma visível com os discípulos, era o primeiro dia da semana. Posteriormente, Cristo apareceu e comeu juntamente com os discípulos não somente na noite do domingo de páscoa (cf. Jo 20,26), mas também em outros domingos seguintes (Atos 10,41). Assim, o dia do Senhor é uma instituição puramente cristã; sua origem deve ser encontrada unicamente no fato da ressurreição de Cristo no dia após o sábado.

Esse fato é interpretado como o estabelecimento de um modelo regular para uma celebração eucarística, “ceia do Senhor”<sup>57</sup>. O Novo Testamento tomou para si

<sup>53</sup> MAGGIANI, S., “Introduzioni”. In: BARBA, M., op. cit., p. 13.

<sup>54</sup> O papa Inocêncio I elucida a realidade da ressurreição como fundamento da celebração dominical quando diz: “Nós celebramos o domingo devido à venerável ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, não só na Páscoa, mas inclusive em cada ciclo semanal.” (INOCÊNCIO I apud JOAO PAULO II, op. cit., n. 19).

<sup>55</sup> BENTO XVI. op. cit., p. 83.

<sup>56</sup> JOAO PAULO II, op. cit., n. 18.

<sup>57</sup> O significado da ceia do Senhor deriva da última refeição que Cristo tomou com os discípulos pouco antes de sua prisão e morte, (cf. 1Cor 11,23-25; Mc 14,12-25; Mt 26,17-29; Lc 22,7-20). O dom de Jesus na ceia é visto como cumprimento dos ritos sacrificiais judaicos. Era o contexto de

a expressão “dia do Senhor”. Após a ressurreição de Jesus Cristo, o domingo passou a ser esse dia, através do qual o Senhor vem ao encontro do povo na liturgia.

O domingo vai se tornando, na consciência dos primeiros cristãos, algo de valor que substituirá o sábado. “O domingo distinguia-se do *shabat* tendo adquirido um significado totalmente diferente: passou a ser o dia do Senhor.”<sup>58</sup> Os evangelhos falam do domingo como o dia depois do sábado<sup>59</sup>. O sábado não foi rapidamente abandonado como um costume judaico na vida dos primeiros cristãos. Depois da ressurreição, os discípulos de Jesus frequentavam a sinagoga. Ao mesmo tempo em que iam ao Templo, eles se reuniam para celebrar a páscoa semanal.

Jesus não aboliu o sábado, mas o confirmou; tanto é verdade que os primeiros discípulos de Jesus, a Igreja primitiva, santificavam o sábado, indo ao templo e à sinagoga como os fiéis israelitas. No Novo Testamento, não encontramos sinais de que os apóstolos, depois da ressurreição, tenham deixado de observar o sábado; antes de tudo, faz-nos afirmar que o sábado era observado pelas mulheres e pelos discípulos na ocasião da sepultura de Jesus.<sup>60</sup>

Os Apóstolos logo compreenderam que o primeiro dia da semana, no qual Cristo ressuscitou, se tornaria o evento mais importante da Nova e Eterna Aliança realizada no Sangue de Jesus Cristo. Tal dia deveria ser celebrado como expressão da genuína adoração cristã. “Alcançar a certeza da ressurreição foi de grande relevância no difícil processo de enculturação do cristianismo no mundo greco-romano.”<sup>61</sup>. O evento Ressurreição determinou a escolha do domingo como o dia de culto da primitiva comunidade cristã. Bento XVI sublinha que “a ressurreição é um acontecimento dentro da história que, todavia, rompe o âmbito da história e a ultrapassa.”<sup>62</sup>.

---

uma ceia pascal judaica na qual Jesus apresenta o destino eterno, a saber, a salvação do mundo. Essa ceia vai tomando o sentido de ceia messiânica para os discípulos. No fim do relato da ceia, cujo ator principal é Jesus, opera-se uma transformação que atinge Jesus, os discípulos e a criação. A morte que se aproxima irá transformar a humanidade de Jesus. Ele se torna o ausente-presente, já não manifestado por seu corpo sensível, mas pelo dom do pão e do vinho realizado em memória dele. E nesse dom realiza-se a passagem da promessa para a aliança realizada, quando eles reconheceram em Jesus o Messias, ou seja, após a ressurreição quando ainda o Senhor Ressuscitado se faz presente e come com eles.

<sup>58</sup> CARDOSO, I, M, A., op, cit., p. 66.

<sup>59</sup> Cf. Mt 16, 2-9; Lc 24,1.

<sup>60</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 94.

<sup>61</sup> CARDOSO, I, M, A., op, cit., p.116.

<sup>62</sup> BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011, p. 244.

Para uma melhor compreensão do dia do Senhor, comenta-se o episódio da ressurreição. Não é sem razão que, na teologia neotestamentária, a ressurreição é o evento que aconteceu no primeiro dia da semana depois do sábado, tal como podemos conferir nos sinóticos e em João: (cf. Mt 28,1; Mc 16,9; Lc 24,1; Jo 20,1). Isso nos indica claramente a originalidade desse dia no lugar do sábado dos Judeus, por conta da ressurreição e das aparições de Cristo Ressuscitado.

Se, de um lado, todos os dias da semana podem ser considerados dias do Senhor, o primeiro dia da semana é, por excelência, o Dia do Senhor, porque foi nesse dia que o Senhor Jesus ressuscitou, vencendo a morte e tornando-se o Senhor da vida. O primeiro dia da Semana é o dia da ressurreição do Senhor. Em vista disso, desde os primeiros dias da Igreja nascente, esse dia começou a impregnar profundamente a vida dos cristãos<sup>63</sup>.

É concordância para todos os evangelhos afirmar que Jesus ressuscita no primeiro dia da semana depois do sábado, isto é, no domingo. Esse dia nasce como central para os cristãos porque marca a novidade do cristianismo: a páscoa de Jesus Cristo.

[...] A ressurreição, as aparições do ressuscitado, o dom do Espírito Santo, isto é, os três eventos escatológicos fundamentais, são colocados todos no primeiro dia da semana, não no dia de sábado, nem em outros dias. Os cristãos assumiram o ritmo semanal hebraico, mas, por força da ressurreição, das aparições de Jesus e de Pentecostes, atribuiu-se uma importância central ao dia depois do sábado<sup>64</sup>.

Também para os cristãos, o domingo faz alusão ao repouso do criador no sétimo dia<sup>65</sup>. Esse, porém, recorda, sobretudo, o seu evento fundante: a ressurreição. Tendo em vista que a ressurreição dá origem ao domingo, os escritos do Novo Testamento nos oferecem uma rica descrição sobre o dia do Senhor, fazendo referência ao domingo.

<sup>63</sup> BECKHÄUSER, A. *O Ano Litúrgico. Com reflexões homiléticas para cada solenidade, domingo e festa do Senhor*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 33.

<sup>64</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 108.

<sup>65</sup> Quando Jesus permanece no sepulcro no dia do sábado, podemos também ligá-lo ao descanso de Deus, que somente ressuscitará seu Filho no primeiro dia da semana. Deus não poderia contradizer aquilo que Ele mesmo havia dado como regra para ser seguida, afinal de contas, era um pedido, uma aliança feita. No entanto, se entendemos a ressurreição de Jesus como ponto de partida para a nova criação da humanidade, esse grande repouso será o sétimo dia.

Mateus<sup>66</sup> é testemunha de uma comunidade cristã onde Jesus aparece como o Messias salvador enviado por Deus, o rei de Israel. “Mateus é considerado o evangelho eclesial”<sup>67</sup>. Porque é o único a usar em seus escritos o termo Igreja (cf. Mt 16,18; 18,17) “Mas também porque é testemunha de uma comunidade cristã consciente de ter sido fundada por Jesus de Nazaré e que vive de sua presença de Ressuscitado”<sup>68</sup>. Os destinatários do seu evangelho são os cristãos vindos do judaísmo, da Palestina. Eles conheciam as Escrituras e, devido a tal conhecimento, Mateus as cita abundantemente. Dessa forma, o evangelista procura mostrar como, na pessoa e na obra de Jesus, cumpriram-se as Escrituras que falavam profeticamente da vinda do Messias.

Assim, o livro de Mateus aponta as credenciais de Jesus, apresentando-o como Rei, mas de um reino muito diferente – o Reino dos céus, o que faz seu evangelho superar a mera apresentação biográfica de Jesus. Um dos seus objetivos é provar que Jesus é o Messias. A genealogia, no capítulo I, aponta Cristo como o herdeiro do Reino tal como Deus havia prometido a Davi.

Esse evangelho eclesial vai narrar o evento da ressurreição, ponto alto da pregação de Jesus. Em Mateus, a ressurreição foi comprovada por inúmeras testemunhas, inclusive anjos, além de vários soldados e da mulher no sepulcro (cf. Mt 28, 1-8).

A narrativa da ressurreição de Jesus em tal evangelho vem acompanhada de sinais muito fortes, como anjos, terremotos, sinais da força e da presença de Deus nesse evento. Para o evangelista, a pedra do túmulo<sup>69</sup> é rolada pelo anjo (cf. Mt

---

<sup>66</sup>A tradição eclesiástica atribui ao apóstolo Mateus a confecção do segundo evangelho. Mateus era um dos doze, identificado como Levi, cobrador de impostos (9,9-13; 10,3). Dessa forma, o que Mateus escreve tem seu fundamento nos ensinamentos de Jesus, que ele presenciou, escutou e experimentou. É nesse sentido que podemos pensar em Jesus que funda a ideia de comunidade eclesial que Mateus nos transmite. Pelo conhecimento que mostra das Escrituras e das tradições judaicas, pela força interpelativa da mensagem sobre os chefes religiosos do seu povo, pelo perfil de Jesus, apresentado como Mestre, o autor desse Evangelho era, provavelmente, um letrado judeu tornado cristão. Um mestre na arte de ensinar e de fazer compreender o mistério do Reino do Céu, o tesouro da Boa-Nova anunciada por Jesus, o Messias, Filho de Deus. “Mateus corrige o estilo de Marcos; seu grego é muito melhor, popular e refinado, com frequentes frases semíticas” Cf. MATEOS, J., CAMACHO, F., *Il Vangelo di Matteo. Lettura comentata*. Assisi: Cittadella Editrice, 1995, p.13.

<sup>67</sup> FAUSTI, S. *Una Comunità legge il vangelo di Matteo*. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2012, p. 8.

<sup>68</sup> BOGAERT, P, M., DELCOR, M., JACOB, E., LIPINSKI, É., MARTIN-ACHARD, R., PONTHOT, J., *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 866.

<sup>69</sup> Para enfatizar que era impossível alguém roubar o corpo de Jesus, Mateus afirma que o sepulcro foi selado, faz-nos pensar em Daniel na cova dos leões, quando o Rei também fecha a entrada do lugar com uma pedra e ainda coloca o selo do seu anel (cf. Dn 6,17s). Não existe atuação humana nesse evento de Daniel. O sepulcro de Cristo foi selado com uma grande pedra (Mt 27,66), porém o

28,2), que tinha um aspecto de luz, como um relâmpago, e a veste branca como a neve, um ser divino, que anunciava um fato fora do controle do homem. As mulheres, que foram apenas para visitar o túmulo com o coração entristecido, voltaram com grande alegria. O primeiro dia da semana, podemos assim dizer, é o dia da alegria. Esse anúncio do crucificado ressuscitado passa a ser centro da fé cristã. O Jesus que tinha sido pregado na cruz, morto e colocado em um túmulo, venceu a morte e comunica alegria.

O Evangelista inicia a narrativa da ressurreição dizendo: “Após o sábado<sup>70</sup>, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro” (cf. Mt 28,1). É importante notar que, durante um sábado, Jesus repousa morto no sepulcro e, somente passado esse dia, Ele se levanta vitorioso da morte. O sábado, portanto, é dia de morte, é conclusão, é final. O primeiro dia está presente, fazendo referência ao primeiro dia da criação (cf. Gn 1,5). O domingo é o dia da vida, é o início de um tempo que se esperava. A ressurreição de Jesus é o início da criação do mundo novo, a criação definitiva.

Também o Senhor, terminado seu trabalho, dormiu no sepulcro. O amanhecer do primeiro dia da semana, o dia em que o Senhor despertou do sonho, não é o último, mas o primeiro da semana, aurora do oitavo dia. A nossa existência é, desde então, iluminada por esta luz sem fim. O *risus paschalis*, que brota da vitória sobre a morte e da comunhão com Deus, é agora o “colorido” da vida: para o crente, todo dia é festa<sup>71</sup>.

Para Mateus, o túmulo vazio anuncia o novo tempo, não foi aberto para que Cristo sáísse, mas para que os outros entrassem. Em um primeiro momento, os discípulos ainda precisam entender o significado daquele túmulo vazio. O mistério só foi desvendado com as aparições de Jesus e a recordação de que tudo que Ele havia dito tinha se cumprido.

---

corpo de Jesus não foi mais encontrado lá. “A pedra que bloqueava o túmulo era o monumento da vitória da morte. Tendo sido removida e com o anjo sentado sobre ela, ela se torna o símbolo da vitória sobre a morte. Como a concepção virginal, este é um pequeno sinal externo de uma realidade invisível maior”. Cf. BROWN, E. R., FITZMYER, A. J., MURPHY, R., (orgs) “Evangelho de Mateus. In: JERÔNIMO, *Novo Testamento. A artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 214.

<sup>70</sup> O sábado terminava com o pôr-do-sol. Os acontecimentos desse versículo acontecem ao raiar do sol, não deixando nenhuma dúvida que o sábado havia mesmo passado. “O Evento luminoso começa na escuridão do alvorecer” Cf. BROWN, E. R., FITZMYER, A. J., MURPHY, R., (orgs), op, cit., p. 214.

<sup>71</sup> FAUSTI, S. op, cit., p. 599.

Mateus não relata qualquer aparição de Jesus após a ressurreição no primeiro dia da semana, ao contrário dos outros evangelhos. O evangelista enfatiza, no entanto, a aparição última de Jesus na Galileia sobre um monte, onde Ele transmite a missão universal de levar, a todos os povos, a boa nova: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto lhes ordenei. E eis que eu estarei convosco todos os dias até a consumação dos tempos.”<sup>72</sup>

O primeiro dia da semana, para Mateus, é o dia do envio dos discípulos para a missão, quando Jesus confere seus próprios poderes àqueles que o escutaram, pois “quem o escuta, vê e o adora se torna como Ele, filho, portanto, enviado aos irmãos.”<sup>73</sup>. Esse é o tempo da Igreja que, reunida em torno do seu Senhor, anuncia a obra da salvação, aguardando a Sua vinda gloriosa. Esse anúncio se dá concretamente no domingo, quando a comunidade reunida escuta o que o Ressuscitado tem a dizer e a Igreja perpetua esse mistério celebrado.

Daí por diante, a comunhão da Trindade santa não cessa de se propagar no nosso mundo e de inundar o nosso tempo com a sua plenitude. Doravante, a *economia da salvação torna-se liturgia*. ... Em Cristo vivo, “que não está aqui”, mas que ressuscitou, preenche tudo e tem as chaves da morte, o coração de Deus e o do homem são como que as duas pulsações do coração da história. Aí jorra a fonte.<sup>74</sup>

De Mateus, passa-se para o evangelista Marcos, no qual Mateus se baseia para compor o seu evangelho. A obra de Marcos parece ser cronologicamente a primeira do gênero – evangelho – e o título dele desenvolve seu propósito: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (cf. Mc 1,1).

Com essa introdução, Marcos pretende mostrar que Jesus é o Filho de Deus, o que aparece novamente como uma afirmação quando Jesus expira no alto da cruz e entrega ao Pai o seu Espírito: “o centurião, que se achava bem defronte dele, vendo que havia expirado desse modo, disse: ‘verdadeiramente este homem era filho de Deus’”. (cf. Mc 15,39).

O segundo Evangelho transita da identidade do Jesus Galileu para o Messias, Filho do Homem, que morrerá e revelará sua glória. Marcos apresenta Jesus,

<sup>72</sup> Cf. Mt 28,19-20.

<sup>73</sup> FAUSTI, S., op. cit., p. 605.

<sup>74</sup> CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2016, p. 40.

relatando, sobretudo, suas obras e não tanto seus ensinamentos. Aquele que venceu o demônio, as doenças e a morte. Marcos escreve para os cristãos gentios, especialmente os de Roma.

O relato final do evangelho apresenta a verdade do Ressuscitado, que não está mais preso ao sepulcro.

Passado o sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para ir ungi-lo. De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram ao túmulo ao nascer do sol [...]. Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam. Eles, ouvindo que Ele estava vivo e que fora visto por ela, não creram. Depois disso, ele se manifestou de outra forma a dois deles, enquanto caminhavam para ao campo. Eles foram anunciar aos restantes, mas nem nestes creram. Finalmente, ele se manifestou aos onze, quando estavam à mesa, censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração porque não haviam dado crédito aos que o tinham visto ressuscitado (Mc 16,1-2; 9-14).

Esse evangelista não fala das aparições de Jesus, certamente porque a comunidade que gestou esse evangelho não precisava das aparições, mas crer na ressurreição, apenas saber que Ele está vivo. Para Marcos, o Ressuscitado é tão vivo e evidente que não precisa das demarcações visíveis da matéria, basta a Palavra de Deus, pronunciada pelo “jovem de branco sentado do lado direito” (cf. Mc 16,5), para garantir que Ele está em meio aos seus.

O Evangelho conta a manhã pascal sem recear ser curto. Depois do sábado, começa um tempo novo: nascer do sol, pedra já rolada, corpo ausente, palavra de um jovem que lembra o encontro marcado a ser lembrado aos discípulos lá fora. As mulheres fogem do túmulo, trêmulas e transtornadas, não dizem nada a ninguém, com medo<sup>75</sup>.

Também, segundo Marcos, Jesus foi morto no “dia da preparação”, véspera do sábado (cf. Mc 15,42). Nesse evangelho, encontramos a expressão: “quando passou o sábado” (cf. Mc 16,1), as mulheres foram ao túmulo, já era o primeiro dia da semana e o túmulo estava vazio, a pedra que havia sido colocada na entrada do

---

<sup>75</sup> MARGUERAT, D., *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 56.

túmulo já estava removida e o corpo do Senhor não estava mais lá. Da boca de um anjo, as mulheres escutaram que Jesus Nazareno, o crucificado, não estava mais lá porque tinha ressuscitado. O sábado havia passado.

Estamos na manhã do oitavo dia na narrativa do evangelho: se a primeira criação terminava no sexto dia, para encontrar no sétimo dia o repouso de Deus, agora estamos no oitavo dia, o dia definitivo, que é o sétimo dia sem fim: o dia de festa e de vida que Deus fez para o homem (Mc 2,27), início e cumprimento da nova criação, na qual o rosto de Deus se tornou no crucificado o rosto do homem. Ora, o homem não encontra mais em Deus o próprio limite e a própria morte, mas a vida mesma.<sup>76</sup>

Era o “primeiro dia da semana” (cf. Mc 16,2). Se Marcos já disse ser “depois do sábado”, por que reafirmar “o primeiro dia da semana”? Ele não está se referindo ao dia da semana, no calendário, mas aos dias da criação, conforme o relato do Gênesis (cf. Gn 1,1-2,4a). A criação começa pela luz e, com ela, origina-se “o primeiro dia”. Da mesma forma, a ressurreição se dá logo que o sol aponta no horizonte. Com sua ressurreição, Jesus também inaugura um “primeiro dia” de uma nova criação.

A narração de Marcos termina da mesma forma que foi iniciada: na tensão entre anúncio e silêncio, entre luz e trevas, reafirmando o rosto daquele Jesus, o Cristo, o filho de Deus que continua a caminhar com discrição na estrada do homem.<sup>77</sup>

Seguindo esse percurso, passa-se para o terceiro evangelho que tem como autor São Lucas. Esse evangelista não esteve pessoalmente com Jesus; todavia, escolheu segui-lo. O autor desse evangelho era médico e altamente instruído, aprendeu tudo o que pôde a respeito do Filho de Deus e dividiu suas descobertas com todos. Assim, o seu evangelho oferece uma perspectiva singular do nascimento de Jesus, do ministério, da morte e da ressurreição. Lucas escreveu seu evangelho para garantir a Teófilo que Deus ainda estava agindo na comunidade cristã fundada por Jesus, que teve início na cruz e no primeiro dia da semana.

<sup>76</sup>BECK, T.; BENEDITTI, U.; BRAMBILLASCA, G.; CLERICI, F.; FAUSTI, S. *Una comunità legge il vangelo di Marco*. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2008, p. 720.

<sup>77</sup>PENNA, R.; PEREGO, G.; RAVASI, G. *Temi teologici della Bibbia*. Torino: San Paolo, 2010. p. 801.

Também para Lucas, a ressurreição acontece no primeiro dia da semana, o primeiro dia depois do sábado, o oitavo dia. Lucas garante que era muito cedo, relatando ser a hora em que as trevas se dissolvem na luz. “No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram à tumba, levando os aromas que tinham preparado” (cf. Lc 24,1).

É o dia novo tão esperado, que agora se realiza; o hoje sem fim, cujo sol é o Senhor ressuscitado. Para Lucas, no primeiro dia da semana, os eventos pascaís, da ressurreição à ascensão, desenvolvem-se como um único dia. É o hoje eterno de Deus que abraça toda a história humana. O ciclo pascal concentra as aparições do Ressuscitado em Jerusalém e conclui com a ascensão; a imagem dos discípulos “sem cessar no Tempo, bendizendo a Deus (cf. Lc 24,53) termina o evangelho lá onde começa: no Templo de Jerusalém.”<sup>78</sup>

Desse primeiro dia, encontra-se no terceiro evangelho a passagem exclusiva de Lucas, que é a experiência dos discípulos de Emaús. Esse episódio parece uma parábola em que Lucas gostaria de ensinar-nos as riquezas que o domingo encerra para os cristãos de todos os tempos.

O texto narra, de uma maneira pedagógica, o processo que a comunidade primitiva percorreu para descobrir, perceber e experimentar a presença do Ressuscitado. Essa narração serve para mostrar como o Senhor é presente ainda hoje na vida de fé e como se pode encontrá-lo na celebração do memorial de sua páscoa. “Celebrar a liturgia é entrar na alegria do Pai, a única que nos fará vibrar de júbilo com Cristo, no Espírito Santo.”<sup>79</sup>.

Na tarde daquele mesmo dia<sup>80</sup>, Jesus aparece aos discípulos de Emaús que não tinham ainda acreditado no testemunho das mulheres e na sua visão (cf. Lc 24,22-23). Jesus, ao se colocar a caminho com eles, vive a experiência de recordar e explicar as Escrituras, para que compreendam o plano salvador de Deus, que incluía a morte do Messias. Depois, com o coração ardendo pela escuta da Palavra, eles convidam o Senhor para cear. Ao se colocar à mesa com eles, Jesus toma o pão, pronuncia a oração de bênção e parte o pão (cf. Lc 24,30). No gesto único de Jesus de partir o pão, os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram o

<sup>78</sup> MARGUERAT, D., op. cit., p. 114.

<sup>79</sup> CORBON, J., op. cit., p. 97.

<sup>80</sup> Lucas está se referindo ao primeiro dia da semana, aquele mesmo em que Jesus ressuscitou ao nascer do sol, portanto, “muito cedo ainda” (Lc 24,1). À tarde, Jesus se manifesta a dois discípulos que estavam retornando ao povoado de Emaús (cf. Lc 24,13).

Senhor (cf. Lc 24,35). Tudo isto acontece no primeiro dia da semana “depois do sábado” (cf. Lc 24,1).

Lucas parece querer dar-nos uma catequese do que representa esse “primeiro dia da semana” para os cristãos, a experiência do encontro com o Ressuscitado, que se concretiza na explicação da palavra de Deus (“Não ardia em nós o nosso coração quando ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?”), na eucaristia (reconheceram-no na fração do pão) e na comunidade reunida: os três sinais fundamentais pelos quais o Senhor se manifesta a nós, que não tivemos a sorte, como a primeira geração, de vê-lo, ouvi-lo e tocá-lo em sua vida mortal ou em suas aparições de ressuscitado.<sup>81</sup>

Tendo ressuscitado dos mortos, Jesus continua a se manifestar, assinalando que aquele dia seria agora um marco, um memorial. Os dois peregrinos são figuras da Igreja que, na grande mesa da Palavra e do Pão, experimentam o vivente e se unem para a proclamação e o anúncio da fé. Essa liturgia brota do Cristo e volta-se para Ele. “A partir da Eucaristia, o domingo é, com efeito, o memorial eficaz, a anamnese fecundante que nos torna presentes e participantes da liturgia do céu.”<sup>82</sup>.

Analisa-se agora o evento da ressurreição à luz do quarto evangelho, escrito por João, apóstolo de Jesus Cristo. Ele nos conta a história de Jesus, partindo do mesmo gênero literário que os Sinóticos. Narra a vida terrena de Jesus, iniciando pelo testemunho de João Batista e finalizando o relato pela história da paixão e da Páscoa.

O evangelista João ajuda a compreender o domingo com base no acontecimento do cenáculo no primeiro dia da semana (cf. Jo 20,19-29). O autor narra quatro aparições do Senhor Jesus Cristo ressuscitado, todas elas no primeiro dia da semana depois do sábado: três em Jerusalém – isso porque João enfatiza o ministério de Jesus em Jerusalém – e uma na Galileia. Duas acontecem no domingo, imediatamente após a sua ressurreição (cf. Jo 20,19). Outras aparições se dão nos domingos seguintes, oito dias depois (cf. Jo 20,26). Cada aparição vem acompanhada de um gesto: Jesus sopra sobre eles e lhes dá o Espírito, doa a paz e lhes confere o poder de perdoar os pecados. A ressurreição é celebrada, mas também se torna um convite à missão.

<sup>81</sup>BOROBIO, D. “Da celebração a teologia. O que é um sacramento?” In: BOROBIO, D., (org.). *A Celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, v. I, 1990, p. 70.

<sup>82</sup>CORBON, J., op. cit., p. 139.

No capítulo 20 do evangelho está descrita a cena do dia da ressurreição. Maria Madalena vai ao túmulo de Jesus ainda bem cedo, de madrugada, quando ainda estava escuro (cf. Jo 20,1) e vê que a pedra tinha sido tirada. Era o primeiro dia da semana, que se torna o dia do Senhor. Na tarde daquele mesmo dia, o primeiro da semana, Jesus entra em um local com as portas fechadas onde os discípulos não esperavam. Então Ele toma a iniciativa e apresenta-se. “Veio”, diz João, “e colocou-se no meio deles (cf. Jo 20,19-26). A Eucaristia é esta certeza que o Senhor vem e fica conosco.

A Igreja primitiva experimenta essa convicção com o cântico Maranathá, um grito de alegria que pode significar contemporaneamente uma afirmação e uma invocação: “o Senhor vem” e “vem, Senhor!”. E quando vê o Senhor, enriquece a Igreja com todos os dons concedidos aos discípulos na tarde da Páscoa: a alegria (v. 20), a paz (vv. 19, 21, 26), o Espírito (v. 22), a missão (v. 23).<sup>83</sup>

Foi também no primeiro dia da semana que Ele apareceu aos apóstolos reunidos, quando Tomé não estava: “à tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, disse: “a paz esteja convosco!” Jo 20,19).

Encontra-se, ainda, a expressão: “oito dias depois”, ou seja, de domingo a domingo (cf. Jo 20,26), referindo-se ao domingo seguinte à ressurreição, isto é, o próximo primeiro dia da semana. O próprio João explica a razão pela qual Jesus volta a aparecer oito dias depois: “um dos doze não estava presente com eles quando Jesus veio” (cf. Jo 20,24). A ausência de Tomé na ocasião da aparição anterior é a razão da próxima aparição, não coincidentemente, mais uma vez, no primeiro dia da semana.

João não menciona ceia como algum culto, mas a reunião da comunidade. Nessa reunião, o Senhor se apresenta para uma demonstração tangível a Tomé da realidade de sua ressurreição corpórea. Tomé, que antes não havia acreditado, agora irá proclamar: “meu Senhor e meu Deus” (cf. Jo 20,26-29). No entanto, o fato de que “oito dias depois” os discípulos estivessem reunidos não é surpreendente, pois,

---

<sup>83</sup> CASARIN, G. *Lecionário comentado. Quaresma – Páscoa*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 400.

antes de Pentecostes, eles estavam juntos. Jesus, com suas aparições, marca esse dia no coração da comunidade nascente.

Aquela assembleia de discípulos oito dias depois da Páscoa, na qual se tornou presente o Ressuscitado, deu a paz aos seus e confirmou lhes sua ressurreição e nunca cessou nesses vinte séculos da vida da Igreja. Ela continua na assembleia dominical que nós estamos celebrando e que a Igreja celebra em toda a terra no dia do aniversário da ressurreição. Cada domingo são aqueles “oito dias da Páscoa” em que os discípulos estavam reunidos em casa. Naturalmente, isso nos obriga a confrontar nossas assembleias dominicais com aquelas primitivas.<sup>84</sup>

No capítulo 21, Jesus prepara uma refeição ao amanhecer, depois que os discípulos voltam de uma pesca falida. No entanto, obedecendo à Palavra de Jesus, lançam novamente as redes. Com as redes cheias, ao retornarem à margem, encontram um banquete preparado pelo Senhor: “O ressuscitado prepara um alimento com pão e peixe sobre a brasa, partindo o pão e dando-o aos seus. A cena evoca a eucaristia e um maravilhoso alimento do Cristo.”<sup>85</sup>. Esse gesto de Jesus trata-se de uma clara alusão à Eucaristia. A celebração dominical será uma continuidade desse gesto de Jesus junto aos discípulos no primeiro dia da semana e “funda a sua importância para a vida da comunidade cristã.”<sup>86</sup>.

Assim, a consciência acerca do primeiro dia da semana vai se formando no coração dos discípulos, tornando-se, portanto, um costume entre eles. Para a Igreja, tornar-se-á o dia da Palavra e da Eucaristia, dia da alegria, da caridade, dia de repartir o pão e o vinho e de recebê-lo como Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor. É, sobretudo, o dia de festa, porque Ele venceu a morte.

A vida jorra do túmulo, mais límpida do que do lado trespassado, mais vivificante do que do seio da Virgem Maria. No túmulo, onde a sede do homem não cessa de vir expirar, vem recolhê-la a sede de Deus. Já não é apenas a sede que busca a fonte, é a fonte que Se tornou sede e nela brota. “Dá-me de beber... tenho sede” (Jo 4,7 e 19,28). O rio de vida estava em *kenose* no corpo mortal de Jesus. Mas, ao penetrar a nossa morte, pode brotar da nossa terra no corpo incorruptível de Cristo. O túmulo permanece o sinal do amor extremo, onde o Verbo desposou a nossa carne,

<sup>84</sup> CANTALAMESSA, R. *O verbo se fez carne. Reflexão sobre a Palavra de Deus: anos A, B, C*. São Paulo: Ave Maria, 2012, p. 72-73.

<sup>85</sup> SENIOR, D. *La passione di Gesù nel vangelo di Giovanni*. Milano: Ancora Editrice, 1993, p. 144-145.

<sup>86</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 109.

mas já não é o lugar do seu corpo: “Ele não está aqui” insistem os três sinópticos. Tornou-se o princípio da aliança novíssima da Ressurreição.<sup>87</sup>

Inicia-se o novo tempo, o tempo da nova criação. Aos poucos, os Apóstolos e os primeiros cristãos vão percebendo a importância de se fazer memória ao dia em que Cristo venceu a morte e manifestou a sua ressurreição. Certamente, o mandado de Jesus “Fazei isto em memória de mim” começa a ganhar sentido e forma. Ao recordar a vitória do Cristo sobre o mal, a Igreja primitiva vai compreendendo o valor da ressurreição: uma vida nova, uma nova esperança e um amor novo brotam no coração de todos.

Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo “o que se referia a Ele em todas as Escrituras” (Lc 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte, e dando graças “a Deus pelo Seu dom inefável” (2Cor 9,15) em Cristo Jesus, “para louvor da sua glória” (Ef 1,12), pela virtude do Espírito Santo.<sup>88</sup>

Após ter visto o episódio da ressurreição que marcou a vida dos Apóstolos, a partir das aparições de Jesus no primeiro dia da semana, pode-se, de fato, afirmar que a ressurreição mudou a vida dos discípulos. “A ressurreição é agora o início de um presente que não terminará mais.”<sup>89</sup> E o domingo vai receber seu valor, porque Cristo, com sua vida nova, é a nova criação do Pai, pela qual “o domingo nasce como assembleia litúrgica, ou seja, como dia do culto, não como dia de repouso.”<sup>90</sup>

Outra importante narração da ressurreição é encontrada no livro dos Atos dos Apóstolos. Nela, percebe-se o processo de consolidação do primeiro dia da semana na vida religiosa das primeiras comunidades. Esse livro, cujo autor é Lucas, não tem gênero de evangelho, nem de carta, nem de escrito profético; conta o desenvolvimento da primeira comunidade cristã após a morte e ressurreição de Jesus. Escrever uma história dos Apóstolos, depois da história de Jesus, é um gesto

<sup>87</sup> CORBON, J., op. cit., p. 38.

<sup>88</sup> Cf. SC, n. 6.

<sup>89</sup> RATZINGER, J., op. cit., p. 274.

<sup>90</sup> ROSSO, S., *Il Segno del Tempo nella liturgia. Anno liturgico e liturgia delle ore*. Leumann: Elledici, 2002, p. 147.

único de Lucas, certamente para mostrar que a vida de Cristo continua na vida da comunidade<sup>91</sup>.

O agir de Cristo prossegue por intermédio de suas testemunhas e deve ser contado como uma continuação do Evangelho. A decisão teológica é de peso considerável, visto que a revelação não se limita mais à vida de Jesus, mas engloba, doravante, a história das testemunhas. Com os Atos, o Evangelho faz história.<sup>92</sup>

Nesse livro, encontra-se o testemunho de que os primeiros seguidores de Jesus viviam em grande harmonia, fraternidade e unidade entre si. Tinham tudo em comum, reuniam-se nas casas para partilhar o pão e escutar os ensinamentos dos Apóstolos. “Jesus Cristo ressuscitou!” é a grande mensagem cristã, o motivo mais profundo de alegria e do reunir-se dos cristãos (cf. At 2,42). Eles mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.

Lucas tem um grande cuidado em marcar a continuidade na história da salvação; por isso, diz que toma a refeição com alegria e simplicidade de coração. Havia um espírito de amor mútuo tal como ensinado por Jesus: eram assíduos na oração, levando à compreensão de que a maior liturgia é nosso louvor a Deus.

Enfim, numa palavra, o novo culto, “em espírito e verdade”, inaugurado por Jesus Cristo, em quem o compromisso amoroso com a vida das pessoas está acima de tudo, acontece nas reuniões litúrgicas dos primeiros cristãos em clima de simplicidade extraordinária, de vitalidade espontânea, de alegria, seja seguindo formas culturais judaicas daquele tempo, seja rompendo com outras, seja criando novas. E, para garantir a edificação da comunidade, os dirigentes têm o cuidado de não deixar introduzir nas reuniões desvios nem desordens contra o espírito comunitário.<sup>93</sup>

<sup>91</sup> No entanto, na igreja primitiva, encontramos duas posições: aquela dos cristãos que tinham vindo do judaísmo e que ainda continuavam a observar o sábado, juntando o termo “ceia do Senhor”, e a dos cristãos vindos do paganismo, que se comportam em tudo livres. Mesmo os Apóstolos, logo após a ressurreição, observaram o sábado, frequentaram o Templo (cf. At 3:1-9). No entanto, logo aparecerá também a expressão “primeiro dia da semana”: no império romano, naquele tempo, o dia do sol, primeiro dia da semana. Antes da ressurreição de Cristo, o domingo era um dia de trabalho; assim, para os cristãos, a observância do domingo se reduzia ao preceito primário, à celebração da eucaristia.

<sup>92</sup> MARGUERAT, D., op. cit., p. 137.

<sup>93</sup> BUYST, I.; ARIOVÁLDO, J. S. op. cit., p. 28.

Fica clara a continuidade dos ensinamentos de Jesus, por meio dos quais os cristãos do Novo Testamento demonstravam seu amor uns para com os outros. “Assim cresce a comunidade cristã como grupo original que encontra em Cristo seu centro de consistência e de unidade.”<sup>94</sup>. Nasceram dessa experiência a noção e o sentido de comunidade, que resumem o estar em comunhão com Deus e com os irmãos. Lucas comenta o seguinte: “Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo, partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescenta cada dia ao seu número os que seriam salvos.”<sup>95</sup>.

Em Atos 20,7-13 encontra-se, no curso da terceira viagem missionária de Paulo, sua chegada à *Trôade*. Ali acontece uma reunião no primeiro dia da semana. Lucas, que se juntou novamente a Paulo e a sua equipe em Filipos (cf. At 20,6), relata agora, na primeira pessoa do plural e com pormenores consideráveis, essa reunião na véspera da partida de Paulo, mencionando o primeiro dia da semana.

No primeiro dia da Semana, estando nós reunidos para a fração do pão, Paulo entretinha-se com eles. Estando para partir no dia seguinte, prolongou suas palavras até a meia noite. Havia muitas lamparinas na sala superior, onde estávamos reunidos. Um adolescente, chamado Êutico, que estava sentado no peitoril da janela, adormeceu profundamente enquanto Paulo prolongava sua exposição. Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo. Quando foram levantá-lo, estava morto. Paulo desceu, debruçou-se sobre ele, tomou-o nos braços e disse: “não vos perturbeis: a sua alma está nele!” Depois subiu novamente, partiu o pão e comeu e discorreu por muito tempo ainda até o amanhecer. Então partiu. Quanto ao rapaz, reconduziram-no vivo, o que os reconfortou sem medida.<sup>96</sup>

Esse texto tem fundamental importância, visto que nele se encontra a única referência explícita do Novo Testamento de uma reunião cristã conduzida “no primeiro dia da semana para partir o pão.”<sup>97</sup>(cf. At 20,7). “Relaciona-se esse dia com a comunidade reunida e com a Eucaristia”<sup>98</sup>.

<sup>94</sup> BOROBIO, D. “Da celebração a teologia. O que é um sacramento?” In: BOROBIO, D., (org.). op. cit., p. 49.

<sup>95</sup>Cf. At 2,46-47.

<sup>96</sup> Cf. At 20,7-13.

<sup>97</sup> O primeiro dia da semana era o domingo. As pessoas reuniam-se para adorar a Deus nesse dia pela mesma razão que nós fazemos hoje: comemorar o dia da ressurreição de Jesus Cristo. O partir o pão era o objetivo principal dessa reunião. Comemorar o domingo é um dos valores fundamentais do cristianismo, uma herança preciosa que remonta à primeira geração apostólica.

<sup>98</sup>ALDAZÁBAL, J., “Domingo, dia do Senhor.” In: BOROBIO, D., op. cit., p. 70.

Essa ceia foi celebrada provavelmente entre o sábado e o domingo, porque fala de uma longa explicação da Escritura, o sono e a queda do jovem e, somente no amanhecer, acontece o partir do pão. Há uma ligação explícita entre o gesto de partir o pão e a ressurreição. “Partiu e comeu o pão” (cf. At 20,11). Enzo Bianchi observa que “*Trôade* vem como um sinal da eucaristia no primeiro dia semana”.<sup>99</sup> Paulo ressuscita o jovem e depois parte o pão.

Assim, a ressurreição do jovem e a consolação que a comunidade experimenta são elementos intimamente associados à ressurreição de Cristo. “No primeiro dia da semana – dia da ressurreição do Senhor Jesus – as energias do ressuscitado se manifestam atuais e operantes no coração da comunidade reunida em torno do Apóstolo para escutar a Palavra e a *fractio Panis*. Assim, o dia dominical é o dia da grande consolação.” (cf. At 20,12).<sup>100</sup>

Outra alusão ao primeiro dia da semana encontra-se no final da primeira carta aos Coríntios. Paulo nos apresenta uma reunião realizada no domingo, acompanhada de uma coleta para arrecadar fundos em favor dos pobres de Jerusalém. “A caridade e a solidariedade fraterna relacionam-se com a celebração comunitária do domingo.”<sup>101</sup>

Paulo, falando aos cristãos de Corinto, estabelece um dia para sejam feitas as ofertas a serem enviadas à Igreja de Jerusalém. “Quanto à coleta em favor dos santos, segui também vós as normas que estabeleci para as Igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de lado o que conseguir poupar; desse modo, não se esperará a minha chegada para se fazerem as coletas” (cf. ICor 16:2).

Nesse texto há uma referência ou, pelo menos, uma indicação implícita de uma regular reunião dominical cristã. Logo, sendo o domingo a páscoa semanal e o dia de reunião, no pensamento de Paulo é o dia propício para se fazer tal oferta ao Cristo ressuscitado.

<sup>99</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 116.

<sup>100</sup> Idem, op. cit., p. 117.

<sup>101</sup> ALDAZÁBAL, J., “Domingo, dia do Senhor.” In: BOROBIÓ, D., *A celebração na Igreja. Ritmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola, v. III, 2000, p. 70.

Mas é a participação no sacrifício eucarístico que aperfeiçoa, em nós, o que recebemos no Batismo. Também os dons do Espírito são concedidos para a edificação do corpo de Cristo (1Cor 12) e o crescimento do testemunho evangélico no mundo. Portanto, a santíssima Eucaristia leva à plenitude a iniciação cristã e coloca-se como centro e termo de toda a vida sacramental<sup>102</sup>.

O livro do Apocalipse também traz um testemunho e uma única citação sobre o “Dia do Senhor”, quando o Anjo faz a João suas revelações na Ilha de Patmos, onde está exilado “por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (cf. Ap 1,9). Essa menção é importante pois trata-se de tempos após a ressurreição de Cristo. A expressão dia do Senhor está ligada à visão que João tem, na qual também se percebe uma profunda ligação do Espírito Santo com o dia do Senhor; o Espírito é a presença do ressuscitado no meio da comunidade.

Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus. No dia do Senhor, fui movido pelo Espírito e ouvi, atrás de mim, uma voz forte como de trombeta (Ap 1,9-10).

Para João, o nome “Dia do Senhor” tem um significado escatológico, da intervenção definitiva de Deus, “o domingo não só para trás, mas também adiante.”<sup>103</sup>. José Bortolini, comentando esse texto, assim afirma: “A experiência extraordinária acontece no dia do Senhor, isto é, no domingo, pois era nesse dia que os cristãos se reuniam para celebrar a vitória de Jesus sobre a morte”<sup>104</sup>.

Na literatura cristã, esse texto, no qual o dia do Senhor é mencionado, deixa evidente que se trata do domingo, não podendo indicar nenhum outro dia senão o primeiro depois do sábado. É de se notar que a grande visão de João é do Cristo ressuscitado e está colocada no dia do Senhor, o que nos leva a entender de fato que “o acontecimento pascal está no coração da escritura apocalíptica de João.”<sup>105</sup>.

Esse dia do Senhor, que aparece no livro do Apocalipse 1,10, é concretamente o dia dominical, “dia em que se celebra o Cristo ressuscitado presente na assembleia

<sup>102</sup>BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis: ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015, n.17.

<sup>103</sup> BENTO XVI. op. cit., p. 85.

<sup>104</sup> BORTOLINI, J. *Como ler o Apocalipse*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 27.

<sup>105</sup> MARGUERAT, D., op. cit., p. 495.

litúrgica reunida para a escuta da Palavra e para a ceia eucarística. Não por acaso que, no centro da visão e da audição de João, está o Cristo ressuscitado.”<sup>106</sup>.

Esse dia, em que Cristo se levanta da morte, é o dia em que a nossa vida também é levantada da morte com a Dele. O significado essencial do Domingo é o de comemorar, a cada semana, a ressurreição do Senhor Jesus e, nela, todo o mistério da nossa redenção. Desde o início do século III, o Domingo aparece também designado como dia da ressurreição.<sup>107</sup>

Sem dúvida, a característica original do domingo cristão é a celebração eucarística. Essa festa semanal do Senhor ressuscitado sempre teve por nota dominante a alegria. O ato, por excelência, do culto é o festejar o Senhor no dia que Ele consagrou. “Os discípulos compreenderam que deveriam pautar suas vidas em Cristo ressuscitado, a verdadeira páscoa, da qual a antiga era preparação é figura. E começaram a celebrar o primeiro dia da semana como Páscoa semanal.”<sup>108</sup>.

Agora, os cristãos, percebendo a originalidade do tempo novo e definitivo inaugurado por Cristo, têm como festivo o primeiro dia depois do sábado, porque nesse dia aconteceu a ressurreição do Senhor, que “representa uma reviravolta dos acontecimentos terrenos.”<sup>109</sup>.

Celebrar o Domingo é celebrar a ressurreição do Senhor Jesus, o Seu Mistério Pascal, é desejar ser salvo. A vida pessoal e comunitária dos primeiros cristãos está determinada por esse fato que transformou as suas vidas. O Domingo é a sua expressão máxima, a marca distintiva que lhes dá e lhes faz irradiar uma identidade.<sup>110</sup>

No entanto, não se percebe ainda uma elaboração litúrgica muito clara entre os primeiros cristãos. Isso vai nascendo mais tarde com o aumento dos seguidores de Jesus e com a necessidade de um culto mais elaborado. No princípio, tudo parecia ser muito simples, havia um forte apelo ao bem de toda a comunidade, a liturgia levava a uma prática vivencial. O amor ao próximo norteava as relações fraternas e litúrgicas, associando-se também o empenho e a preocupação de nada

<sup>106</sup> BIANCHI, E., op. cit., p. 119.

<sup>107</sup> CARDOSO, I. M. A., op. cit., p. 130.

<sup>108</sup> BECKHÄUSER, A., op. cit., p. 34.

<sup>109</sup> AUGÉ, M. *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 310.

<sup>110</sup> CARDOSO, I. M. A., op. cit., p. 132.

faltar para ninguém. “A comunidade apostólica, embora não tendo ainda uma regulamentação estável da liturgia, já dispunha de algumas formas litúrgicas próprias. Destaca-se a importância das Reuniões de Orações, do Batismo e da Eucaristia”<sup>111</sup>.

Dessa experiência dos primeiros cristãos nascem a experiência de vida comunitária e a razão pela qual a comunidade se reúne em torno da Palavra e da Eucaristia. Um dos prefácios da missa do Tempo Comum ajuda na compreensão de por que se reunir no dia do Senhor e oferece uma catequese sobre o sentido do domingo: “Hoje, vossa família, para escutar vossa palavra e repartir o pão consagrado, recorda a ressurreição do Senhor.”<sup>112</sup>.

Esse prefácio não somente descreve o significado do domingo - que é reunir-se para recordar o dia da ressurreição do Senhor, escutar a Palavra e repartir o pão consagrado - como também oferece o sentido maior para aquilo que é celebrado.

O domingo é um caminho que o cristão se propõe a fazer se inserindo na história da salvação rumo à pátria definitiva, “pois na Páscoa de Cristo tudo se completa.”<sup>113</sup>. E a ressurreição de Cristo abre, para todos, esse horizonte e, quando se reúnem, torna-se evidente a presença do Cristo inteiro na comunidade, salvando a todos. “No primeiro dia está contida a ideia paulina na qual a criação espera a revelação dos filhos de Deus (Rm 8,19): assim como o pecado destrói a criação (e o vemos muito bem), assim ela fica curada quando os filhos de Deus se fazem presente.”<sup>114</sup>.

Todas as vezes que Jesus se reunia com a multidão, algo bom, novo, festivo e alegre acontecia na vida das pessoas. Assim deve ser também no domingo. Essa foi a experiência também dos primeiros cristãos, descrita pelos santos padres, tal como veremos a seguir. “O momento da assembleia dominical é a figura sacramental daquele penúltimo momento da história atual. Desse ponto de vista, na celebração semanal da Páscoa de Cristo já está dito tudo.”<sup>115</sup>.

---

<sup>111</sup> AUGÉ, M., op. cit., p. 29.

<sup>112</sup>SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Prefácio IX do Tempo Comum. In: *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 436.

<sup>113</sup>AUGÉ, M., op. cit., p. 310.

<sup>114</sup> BENTO XVI. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. p.85.

<sup>115</sup> CHAUVET, L-M. *Linguaggio e símbolo*. Saggio sui sacramenti. Torino: Editrice, 1982, p. 217.

### 2.3 Alguns testemunhos pós-Apostólicos e Patrísticos sobre o domingo

Após a morte e ressurreição de Jesus, a Igreja prosseguiu sua missão com os Apóstolos. Esses primeiros seguidores e testemunhas oculares deram continuidade ao pedido de Jesus de levar a todos os povos a Boa Notícia. Jesus mesmo os envia para essa missão: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei!” (cf. Mt 28,18-19).

Conforme o mandado de Jesus, isso foi feito primeiramente pelos Apóstolos e depois por aqueles que lhes sucederam. Nessa linha de sucessão, encontram-se os Santos Padres ou assim chamados de Padres da Igreja.<sup>116</sup>

Os Apóstolos nos deixaram um valioso escrito não bíblico que fala da reunião cultural dos cristãos no dia de domingo. Trata-se da *Didaquê*, ou seja, a doutrina dos Apóstolos, como que o estatuto, a regra da Igreja primitiva. Ela nos traz importantes orientações litúrgicas a respeito da vida de oração, das reuniões, dos jejuns, do batismo e da celebração da eucaristia, especialmente no domingo.

A *Didaquê*, provavelmente dos fins do século I, está entre os testemunhos não bíblicos mais antigos sobre a vida da Igreja. Esse texto nos ajuda a perceber como o domingo, dia do Senhor, já começa a se estabelecer como uma regra na vida das primeiras comunidades. Em seu capítulo 14, ela une a celebração eucarística ao domingo: “No dia do Senhor, reuni-vos para a fração do pão e a ação de graças,

---

<sup>116</sup>Chamamos de Padres da Igreja (Patrística) aqueles grandes homens da Igreja, aproximadamente do século II ao VII, que foram, no Oriente e no Ocidente, como que “Pais” da Igreja, devido ao fato de que foram eles que firmaram os conceitos da nossa fé, enfrentaram muitas heresias e, de certa forma, foram responsáveis pelo que chamamos hoje de Tradição da Igreja. Sem dúvida, são a sua fonte mais rica. A Palavra Padre aqui não significa propriamente que eles tenham recebido o sacramento da Ordem, no grau de presbíteros; a expressão é mais empregada no sentido de Pais, que deram origem a uma linha de pensamento em defesa da fé e da Pessoa de Jesus Cristo frente a muitas heresias, como acima mencionado. Assim, tendo defendido fervorosamente a fé recebida dos Apóstolos, são realmente os nossos “Pais” na fé. Os padres receberam a Bíblia da Igreja Apostólica, foram eles que a transmitiram a nós, tendo sido os primeiros a estudá-la, comentá-la e meditá-la. Nós, cristãos, continuamos a viver realidades vindas da Igreja dos primeiros séculos, por isso, também essa Igreja antiga não é um mundo estranho aos fiéis de hoje. “Os pais da Igreja são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja”. Cf. PADRES APOSTÓLICOS, São Paulo: Paulus, 1995, p.7.

depois de terdes confessado os vossos pecados, para que o vosso sacrifício seja puro.”<sup>117</sup>.

A *Didaquê* fornece instruções muito claras para a celebração dominical da Eucaristia que já havia se incorporado ao culto de orações e de pregações e, eventualmente, também de batismo na manhã de cada domingo. Os Apóstolos ofertam à comunidade uma valiosa instrução de como a comunidade deveria participar desse dia:

Quem tiver desavença com o seu irmão não se reúna convosco antes de se reconciliar, para que não seja profanado o vosso sacrifício. Esse é o sacrifício de que falou o Senhor ao dizer: Em todos os lugares e em todo o tempo é oferecido ao meu nome um sacrifício de incenso e uma oferenda pura.<sup>118</sup>

Outros testemunhos valiosos sobre o domingo são aqueles que não se encontram na Sagrada Escritura, chegam até nós através dos escritos dos Padres. Esses estudiosos e santos foram capazes de conduzir a Igreja e de defendê-la com seu pensamento, doutrina e fé nos momentos mais difíceis. A doutrina desses teólogos ajudou a Igreja a se estruturar em um contexto que precisava dar respostas e continuar os ensinamentos de Jesus, muitas vezes em meio a muitas perseguições e heresias.

Assim, após os testemunhos bíblicos acerca do nascimento do domingo, pode-se ver como esse dia já era mencionado na teologia pós-apostólica, na qual o testemunho de alguns padres da Igreja já coloca a celebração eucarística como uma prática dominical. Entre os escritos dos padres, encontramos também o nome de oitavo dia, fazendo sempre referência ao domingo.

Os padres, ao chamá-lo assim, queriam ressaltar que o dia sucede ao septenário, que o transcende, que é o dia novo, incapaz de permanecer encerrado em nosso conceito de tempo. O domingo torna-se imagem da marcha dinâmica rumo à escatologia, projetando nossa história para adiante, como em espiral pela qual o tempo cristão, de certa forma, antecipa, a cada semana, o reino

---

<sup>117</sup> Didaquê: A vida da comunidade: a reunião dominical. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 106. (Por compilar as principais obras dos Santos Padres relativas a temas litúrgicos, esse volume será muito usado em nosso trabalho. Passaremos a usar a sigla “AL” para indicá-lo, após a menção do autor e da obra patrística consultada).

<sup>118</sup> DIDAQUÊ, In: AL., p. 106.

definitivo. Oitavo dia fala de plenitude e, ao mesmo tempo, de antecipação.<sup>119</sup>

É seguro que, entre os ensinamentos dos Santos Padres, encontra-se uma teologia acerca do domingo, dia do Senhor, memorial da Páscoa, memorial da ressurreição. A homilia era o meio mais comum de expressão do espírito patrístico, conferindo um papel primordial aos domingos na vida dos fiéis. A primitiva tradição patrística torna-se mais explícita e desenvolve as indicações sobre o domingo que se encontram nucleadas na teologia neotestamentária.

No século II, por exemplo, o governador Plínio escreve ao imperador Trajano o resumo das acusações contra os cristãos que foram detidos e interrogados: “[...] sua maior falta ou erro limitava-se ao costume de reunir-se em um dia fixo antes do sair do sol, de cantar entre eles um hino a Cristo como Deus [...] e reúnem-se outra vez para tomar seu alimento que é ordinário e inocente [...]”<sup>120</sup>. Parece claro que esse dia fixo – não especificado por Plínio – faz claramente referência ao domingo, pois ele está falando dos cristãos.

A Epístola de Barnabé<sup>121</sup>, é datada pela maioria dos estudiosos como situando-se entre 130 e 138. Foi escrita sob o pseudônimo de Barnabé, provavelmente em Alexandria, um centro cultural cosmopolitano onde o conflito entre judeus e cristãos era particularmente agudo. Duas razões primordiais tornam a Epístola importante para nossa presente investigação. Primeiro, porque ela contém, de fato, a primeira referência explícita à observância do domingo, denominado como o “oitavo dia”. Segundo, porque torna evidente como as polêmicas, as tensões sociais e teológicas que prevaleciam naquela época entre judeus e cristãos desempenharam um papel-chave na depreciação do sábado e na adoção do domingo por muitos cristãos.

Na epístola de Barnabé, percebemos seu apreço pelo domingo, como o dia oitavo, o dia do Senhor, o dia em que os cristãos vivem um estilo de vida centrado na páscoa do Senhor. O autor nos oferece uma explicação detalhada da visão cristã

---

<sup>119</sup> ALDAZÁBAL, J., “Domingo, dia do Senhor.” In: BOROBIO, D., op. cit., p. 72.

<sup>120</sup> ALDAZÁBAL, J., “Domingo, dia do Senhor.” In: BOROBIO, D., op. cit., p. 76.

<sup>121</sup> Essa carta não fornece o nome de seu autor, nem a data e o local de composição. Foi Clemente de Alexandria quem deu origem à tradição que atribui a autoria desta carta a Barnabé, companheiro e colaborador de São Paulo. No entanto, isso não está seguramente comprovado, mais provavelmente tenha sido escrita por um doutor da escola de Alexandria. Não podemos seguramente atribuir à patrística, porém, como estamos, nesse texto, reunindo testemunhos do cristianismo primitivo, ela nos apresenta uma ideia de como já se vivia o domingo.

primitiva de como, para os cristãos, o dia do Senhor era o domingo, por ser o dia da ressurreição de Cristo.

Inaugurarei o oitavo dia, isto é, o começo de um mundo novo. É por isso que nós celebramos como uma festa jubilosa o oitavo dia, no qual Jesus ressuscitou dos mortos e, depois de ter aparecido aos seus discípulos, subiu aos céus.<sup>122</sup>

No século III, a *Didascália* faz uma alusão ao domingo como sendo o dia em que os cristãos deveriam deixar os negócios temporais para poderem acorrer às igrejas para, em assembleia, celebrarem a memória pascal de Cristo. Evidencia a consideração que o cristão deveria ter para com a assembleia dominical: “Deveis passar o primeiro dia da semana em plena alegria; com efeito, todo aquele que aflige a sua alma no primeiro dia da semana comete um pecado.”<sup>123</sup>. O mesmo documento afirma que o cristão, ao celebrar no domingo a memória de Cristo, experimenta uma alegria que emana da boa nova da ressurreição.

Após essas citações, mencionam-se alguns padres da Igreja que deram ao domingo uma definição, um sentido espiritual. Merece destaque Agostinho, um dos mais importantes padres da Igreja do Ocidente e que desenvolve uma teologia do oitavo dia.

Inicia-se por Santo Inácio, que foi o segundo bispo da metrópole de Antioquia<sup>124</sup>, martirizado durante o reinado de Trajano entre os anos de 70 e 107 d.C.. Quando condenado à morte, foi-lhe ordenado que fosse da Síria para Roma para ser martirizado. No caminho para Roma, escreveu sete epístolas às igrejas de Éfeso, Magnésia, Trália, Filadélfia, Esmirna, Roma e uma carta a São Policarpo.

Uma das ideias defendidas com força por Inácio é a novidade do cristianismo, sua originalidade e independência em relação ao judaísmo, seu berço. Os veementes

<sup>122</sup> BARNABÉ. “Epístola de Barnabé.” In: AL., p. 129.

<sup>123</sup> DIDASCALIA DOS APÓSTOLOS. In: AL., p. 129.

<sup>124</sup> Em Antioquia, como sabemos pelos Atos dos Apóstolos (11,26), floresceu uma comunidade cristã e, ali, pela primeira vez, os discípulos começaram a ser tratados pelo nome de cristãos. O termo cristianismo não foi necessariamente criado por Inácio, mas aparece em seu escrito. Suas cartas não desenvolvem uma cristologia abstrata, mas uma convicção de que não existe cristianismo sem Cristo, nosso único mestre, nosso único salvador, nossa vida, modelo, esperança e alegria. “a nova vida é Cristo mesmo que, pela sua cruz e ressurreição se tornou árvore da vida, capaz de vivificar o homem. Cristo, nosso viver inseparável, fora do qual não tem a verdadeira vida; Cristo, nosso viver para sempre”. Cf. AYÁN, J. J., “Ignazio di Antioquia”. In: BERNARDINO, A., FEDELTO, G, SIMONETTI, M., *Letteratura Patristica*. Milano: Edizioni San Paolo, 2007, 714-718.

protestos de Inácio contra os cristãos judaizantes, que ele acusa de suprimir todo o mistério de Cristo: encarnação, paixão, morte e ressurreição deixam implícita a sugestão de separação cristianismo do judaísmo. Ao escrever aos Magnésios, mostra como os cristãos não guardam o sábado, mas o domingo, sendo um importante testemunho dos primórdios sobre a importância do domingo em razão de Jesus Cristo.

Se os que viviam no antigo estado de coisas passaram a uma nova esperança, deixando de observar o sábado e vivendo segundo o dia do Senhor, dia em que a nossa vida despontou por meio Dele e da sua morte (mistério que alguns negam, mas do qual recebemos a fé e no qual perseveramos para sermos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo, nosso único Mestre), como poderemos viver sem Ele, se, inclusive, os profetas que são seus discípulos no Espírito, O aguardavam como Mestre? E porque era por eles justamente esperado, quando veio ressuscitado dos mortos.<sup>125</sup>

O domingo não é somente uma observância, mas um modo de viver, um estilo de vida que distingue os cristãos que viviam segundo a antiga lei e agora vivem o cumprimento dela, na nova e eterna aliança selada através do sangue de Cristo. “Tornemo-nos, portanto, seus verdadeiros discípulos, aprendendo a viver segundo o cristianismo. É absurdo professar a fé em Cristo Jesus e seguir as práticas judaicas<sup>126</sup>. Cristo é o cumprimento pleno da Antiga Aliança, “por não observam mais o sábado, mas o dia do Senhor, em que a nossa vida se levantou por meio dele e da sua morte”.<sup>127</sup>. Para os cristãos, o Senhor venceu a morte e nos deu a vida definitiva. No pensamento de Inácio, “a fé, a esperança e a vida cristã fundam-se inteiramente no mistério de Jesus Cristo, Filho de Deus, Deus, feito homem, morto e ressuscitado”<sup>128</sup>.

O mesmo Bispo aconselhava a reunião litúrgica com frequência para superar toda forma de divisão: “unidade fundamental que liga entre si todos os fiéis em Cristo”.<sup>129</sup> A Igreja, para Inácio, é uma união, uma unidade, uma concórdia, um verdadeiro *ágape*. É exatamente na comunidade reunida que a força e vitória de

<sup>125</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA., “Cartas aos Magnésios.”. In: AL, p. 113.

<sup>126</sup> Idem. “Cartas aos Efésios.” In: AL. p. 102.

<sup>127</sup> Idem. “Cara aos Magnésios” In: *Padres Apostólicos*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 91-96.

<sup>128</sup> LIÉBAERT, J. *Os padres da Igreja*. Séculos I-IV. São Paulo: Loyola, v. 1, .2000. p. 27.

<sup>129</sup> BENTO XVI. *Catequeses sobre os santos. Os Padres da Igreja, os mestres medievais e santas mulheres*. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 24.

Cristo se tornam presentes na vida da pessoa, como afirma o santo bispo de Antioquia: “Quando vos reunis com frequência, abatem-se as forças de Satanás, e o seu poder destruidor é aniquilado pela concórdia da vossa fé.”<sup>130</sup>

Participar da reunião litúrgica no dia do Senhor era, também, uma maneira de confrontar a vida pessoal com o mistério celebrado, pois não podia existir uma dissociação, o que S. Inácio percebe com apurada acuidade, “que com Cristo alguma coisa de muito novo apareceu na experiência da humanidade. É Ele que se torna o lugar do encontro com Deus, a própria revelação de Deus.”<sup>131</sup> Portanto, para S. Inácio, “celebrar o domingo significa reconhecer que a salvação só é possível através da morte e ressurreição do Senhor Jesus.”<sup>132</sup>

Outro testemunho importante dos Santos Padres vem de São Justino, Mártir da fé cristã. Justino nasceu por volta do ano 100 e morreu decapitado no ano 165 d.C.. Ele é considerado o maior apologista<sup>133</sup> do II século, uma alma religiosa, ansiosa por descobrir a verdade sobre Deus; por isso, procurou o campo da filosofia. São Justino deixou um testemunho da celebração do domingo como sendo o dia da reunião da assembleia através da liturgia da palavra e da celebração da Eucarística.

São Justino também atesta firmemente que os cristãos primitivos reuniam-se no domingo para celebrar a eucaristia. Um desses testemunhos se encontra em sua primeira apologia, que foi uma carta dirigida ao imperador romano do seu tempo em defesa dos cristãos que eram perseguidos. Nessa primeira Apologia, Justino trata da questão da liturgia dominical e, como consequência desta, o cuidado com os pobres. “Os que vivem em abundância e querem repartir dão, cada um, o que apraz e parece bem.”<sup>134</sup>

Ele expressa com clareza aquilo que celebramos ainda hoje e que foi herdado dos Apóstolos, testemunhas oculares de Jesus Cristo: “Os Apóstolos, nos seus comentários, chamados Evangelhos, transmitiram que foi Jesus quem assim os mandou fazer, quando Ele, tomando o pão e, dando graças, disse: ‘fazei isto em memória de mim’.”<sup>135</sup>

<sup>130</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA. “Cartas aos Magnésios.” In: AL, p. 113.

<sup>131</sup> LIÉBAERT, J. op, cit., p.32.

<sup>132</sup> CARDOSO, I., M., A., op, cit, p. 101.

<sup>133</sup> A palavra apologista designa aqueles escritores cristãos antigos que se propunham a defender a nova religião das pesadas acusações dos pagãos e dos judeus e a difundir a doutrina cristã em termos adequados à cultura de seu próprio tempo.

<sup>134</sup> JUSTINO. “Apologia I”. In: AL, p. 148.

<sup>135</sup> Idem, p. 148.

Justino reconhece que os cristãos não guardam o sábado, afirmando que: “desde então, nunca mais deixamos de trazer isto à memória uns dos outros.”<sup>136</sup>. Para se fazer memória, Justino documentou que o domingo já era vivido pela comunidade como um dia especial. E deixou esse valioso documento, de que o primeiro dia da semana desponta como objeto de ensino, conforme transcrição abaixo:

No dia que se chama do sol (domingo) se celebra uma reunião de todos os que moram nas cidades e nos campos e ali são lidos, enquanto o tempo o permite, as recordações dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Depois, quando o leitor termina, o presidente fala e faz uma exortação e convite a que imitemos esses belos exemplos. Em seguida, nos levantamos todos e elevamos nossas preces e, quando terminamos, como já dissemos, oferece-se pão, vinho e água, e o presidente, segundo suas forças, faz igualmente subir a Deus suas preces e ações de graças e todo o povo exclama dizendo: “amém”. Agora vem a distribuição e participação que se faz a cada um dos alimentos consagrados pela ação de graças e seu envio, por meio dos diáconos, aos ausentes. Reunimo-nos todos precisamente no dia do Sol, não só porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, criou o mundo, mas também porque Jesus Cristo, nosso Salvador, nesse dia ressuscitou dos mortos. Crucificaram-no na véspera do dia de Saturno, e, no dia a seguir a este, ou seja, no dia do Sol, aparecendo aos seus Apóstolos e discípulos, ensinou-lhes tudo o que também nós vos propusemos como digno de consideração.<sup>137</sup>

São Justino testemunha que o domingo era o “dia do Sol”, portanto a cristianização de uma festa pagã. Segundo o testemunho de Justino, a cada oito dias, no dia chamado “do sol”, os cristãos celebram a eucaristia e também escutam a Palavra de Deus. Dessa forma, ele liga o início da criação com a ressurreição de Cristo, o primeiro dia da criação com o oitavo: “[...] O oitavo dia, de preferência ao sétimo, encerra um mistério realizado por Deus [...]”<sup>138</sup>.

O domingo, na teologia de Justino, faz referência à criação narrada no livro do Gênesis (cf. Gn 1,3-5) quando, no primeiro dia, Deus cria a luz. O Cristo ressuscitado é essa luz da nova criação. Justino pretende chamar a atenção sobre o fato de que “o domingo, dia da ressurreição do Senhor, embora seja o primeiro dia

---

<sup>136</sup> Idem, p. 148.

<sup>137</sup> JUSTINO. “Apologia I”. In: AL, 148-149.

<sup>138</sup> Idem, p. 151.

da semana, seguindo a sucessão cíclica dos dias, vem a ser o oitavo, embora permanecendo o primeiro.”<sup>139</sup>.

São Gregório de Nissa, bem mais tarde, ao se referir a esse sol afirmará, no sermão da Santa Páscoa, que “o sol desta nova criação é uma vida sem mancha.”<sup>140</sup>.

Num documento atribuído a Irineu está especificamente ordenado que não se deve ajoelhar no domingo ou no Pentecostes, isto é, as sete semanas do período da Páscoa, “porque este tempo iguala em solenidade o dia do Senhor.”<sup>141</sup>. A razão dada é que ambas as festas são um símbolo da Ressurreição. No período que se estende da Páscoa ao Pentecostes, o mesmo costume era seguido, mostrando, assim, a relação entre as festividades anuais e semanais.

Tertuliano, nascido em Cartago, estima-se que por volta do ano 155 d.C., foi uma figura contraditória e polêmica, mas de capital importância no contexto da Igreja primitiva que, entre o final do segundo e o início do terceiro século, inaugurou a literatura cristã em língua latina (160-220 d.C.). Tertuliano não é considerado um Pai da Igreja, mas sim um escritor e apologista eclesiástico, já que, no fim da vida, caiu em heresia, abraçando o montanhismo.<sup>142</sup> Contudo, foi muito lido antes de abandonar a Igreja Católica.

Coisa surpreendente, à primeira vista, é que a ruptura com a Igreja não impediu de modo algum que sua obra fosse apreciada, conservada e amplamente utilizada depois pelos cristãos do Ocidente. O fato explica-se por seu valor excepcional em muitos campos [...] <sup>143</sup>.

Tertuliano afirma que a “oração dominical é verdadeiramente o resumo de todo o Evangelho”<sup>144</sup> e ainda postula que, no domingo, os cristãos não se ajoelham confirmando o costume já mencionado por Irineu, porém acrescenta a proibição de jejuar. Para Tertuliano, o domingo é dia da ressurreição, por isso, deveria ser santificado pela celebração da Páscoa.

<sup>139</sup>AUGÉ, M., op. cit., p. 315.

<sup>140</sup>GREGÓRIO DE NISSA. “Sermão na Santa Páscoa”. In: AL, p. 595.

<sup>141</sup>IRENEU DE LIÃO. “Tratado sobre a Páscoa”. In: AL, p. 191.

<sup>142</sup> Doutrina defendida por Montano, líder frígio que, dizendo-se porta-voz do Espírito Santo, exigia de todos o mais severo ascetismo. Esses adeptos censuravam a Igreja por suavizar o Evangelho e pretendem ser os únicos possuidores do Espírito das origens. Sua ruptura com o episcopado consuma-se no século III. Esse profetismo do absoluto seduziu Tertuliano.

<sup>143</sup>LIÉBAERT, J., op. cit., p. 84.

<sup>144</sup>TERTULIANO. “Oração.” In: AL, p. 217.

Assim o domingo, para Tertuliano, possuía três características centrais, a saber: não se fazia jejum, era um dia de alegria e não se ajoelhava nesse dia. “Julgamos que não convém jejuar nem rezar de joelhos no dia do Senhor.”<sup>145</sup>. Nessa frase, Tertuliano reitera que os cristãos se reservavam a posição de estar em pé durante as celebrações nos domingos. Faziam isso para testemunhar que o domingo era o dia do Ressuscitado: aquele que estava morto, agora está em pé.

São Cipriano nasceu em torno do ano 200, provavelmente em Cartago, de família rica e culta. Dedicou-se, em sua juventude, à retórica. O desgosto que sentia diante da imoralidade dos ambientes pagãos, contrastado com a pureza de costumes dos cristãos, induziu-o a abraçar o cristianismo por volta do ano 246. Pouco depois, em 248, foi eleito bispo de Cartago.

Para Cipriano, bispo do século III, convertido aos 35 anos de idade, “Cristo é o centro da espiritualidade; é nele que se enraíza a vida comunitária dos cristãos, nas condições de sua existência.”<sup>146</sup>. Seus escritos sobre a oração traduzem a sua relação com Deus, sobretudo no escrito sobre o Pai-nosso, que ele chama de oração dominical.

Em uma carta dirigida a Fido, trata sobre o batismo das crianças, fazendo menção ao domingo como dia do Senhor, por ser o dia em que Cristo ressuscitou. Nessa carta, Cipriano ainda menciona que o oitavo dia da circuncisão do judeu era apenas um prenúncio daquilo que deveria vir.

Quanto ao fato da circuncisão judaica ser observada no oitavo dia, tratava-se de um mistério prenunciado em símbolo e em figura, que devia ser plenamente cumprido com a vinda de Cristo. De fato, o oitavo dia, isto é, o primeiro depois do sábado, era o dia em que o Senhor havia de ressuscitar e nos daria a vida e a circuncisão espiritual. Esse oitavo dia, ou seja, o primeiro depois do sábado, é o dia senhorial, veio primeiro em símbolo. Essa figura cessou quando, a seguir, veio a realidade e nos foi dada a circuncisão espiritual.<sup>147</sup>

Ainda buscando, na teologia dos Santos Padres, o modo como as protoc comunidades cristãs compreendiam e vivenciavam o mistério do domingo, depara-se aqui com o testemunho de Orígenes. Esse escritor, nascido por volta do ano de 185, em uma família profundamente cristã, esteve, desde criança, em um

<sup>145</sup>AUGÉ, M., op. cit., p. 118.

<sup>146</sup>LIÉBAERT, J., op. cit., p. 11.

<sup>147</sup>CIPRIANO DE CARTAGO. “Carta 64.” In: AL, p. 330.

ambiente de perseguição à Igreja. Isso justifica porque “toda a sua vida foi percorrida por um profundo anseio pelo martírio.”<sup>148</sup>

Como grande intérprete da Bíblia, Orígenes faz uma analogia entre o Maná (cf. Ex 16, 12-16) e o domingo. Ele retoma o fato de que o Maná era recolhido durante seis dias e terminava no sétimo – ou seja, no sábado –, voltando a ser recolhido novamente no primeiro dia da semana. Com a ressurreição de Jesus, o Senhor nos dá esse Pão descido do céu que é o próprio Cristo. Assim, em todos os domingos, na assembleia, o Novo Israel, que é a Igreja, recolhe o Maná da Palavra e da Eucaristia, oferecido como dom pascal.

Nas divinas Escrituras aparece claramente que o domingo foi o primeiro dia em que o maná caiu na terra. Se, de fato, como diz a Escritura, o maná foi recolhido durante seis dias contínuos e cessou no sétimo dia, que é o sábado, não restam dúvidas de que ele começou a cair no primeiro dia, isto é, no domingo. Ora, se consta nas divinas Escrituras que, no dia do domingo, Deus fez chover o maná e que no sábado ele cessou, compreendam os Hebreus que já então se manifestava que no seu sábado não descia do céu, para eles, nenhuma graça divina, não vinha até eles o pão celeste, que é a palavra de Deus... No nosso dia do domingo, ao contrário, o Senhor fez cair o maná do céu.<sup>149</sup>

Nos séculos seguintes, encontram-se testemunhos ainda mais explícitos acerca da teologia e da observância do domingo.

Eusébio, bispo de Cesareia, na Palestina, é conhecido, sobretudo, como primeiro historiador do cristianismo, mas foi também o maior filósofo da Igreja antiga. Dele também chegam valiosos testemunhos da prática da Igreja primitiva de celebrar a eucaristia como memória semanal da páscoa de Jesus Cristo. Ele era um grande historiador e “foi o representante mais qualificado da cultura cristã do seu tempo em contextos muito variados, da teologia à exegese, da história à erudição.”<sup>150</sup> É ele que atesta, ao relatar a vida de Constantino – de quem era um sincero admirador – que este dispôs “que fosse considerado dia próprio para as orações o dia que é, sem dúvida, o mais importante e o primeiro pelo seu valor intrínseco, o dia do Senhor e da redenção”.<sup>151</sup>

<sup>148</sup> BENTO XVI. (2016), op, cit., p. 41.

<sup>149</sup> ORÍGENES. “Homilia 7”. In: AL. p. 271.

<sup>150</sup> BENTO XVI, (2016) op. cit., p. 61.

<sup>151</sup> EUSÉBIO DE CESAREIA. “Livro IV.” In: AL, p. 382.

Eusébio demonstra que, na constituição e na organização do ano litúrgico, primeiro se celebrava a páscoa semanal para, só então, celebrá-la anualmente de forma solene. Isso fica expresso pela utilização enfática dos termos toda semana e todo domingo, que visibiliza o costume do período patrístico de celebrar o domingo como dia de festa primordial.

Assim, o domingo, desde os primórdios do cristianismo, segundo Eusébio de Cesareia, torna-se um dia privilegiado na espiritualidade da comunidade, alimentando a vida do povo pela escuta da Palavra e pelo partir do pão. Toda semana, no domingo, dia do Senhor e do Salvador, celebra-se a festa, a Páscoa, cumprindo os mistérios do Cordeiro. “Todos os domingos somos vivificados pelo Corpo santo da mesma Páscoa salvadora, e marcamos as nossas almas com o seu Sangue precioso.”<sup>152</sup>.

Meio século mais tarde, encontra-se o testemunho de Hipólito de Roma, revelando a consolidação do domingo como celebração da memória de Cristo na Igreja de Roma. Em sua obra, *Traditio Apostolica*, tida como uma das obras mais importantes a nível litúrgico, retrata a tradição eclesial e a forma como a Igreja reza e celebra a sua fé. Por isso, excetuando a *Didaqué*, é a constituição eclesiástica canônico-litúrgica mais antiga que existe. “A *Traditio Apostolica* é uma base para os nossos conhecimentos no que toca à antiga liturgia romana, por ser o primeiro escrito a descrever minuciosamente e registrar orações litúrgicas.”<sup>153</sup>.

Apresenta como característica da liturgia romana a centralidade do domingo, ao dar orientações acerca da maneira de se comungar. Hipólito dá grande ênfase à comunhão dominical com grande solenidade, chegando a afirmar: “No domingo, o bispo, se for possível, distribui a comunhão a todo o povo, com as próprias mãos.”<sup>154</sup>.

Há dois elementos importantes nesse texto: o primeiro é que o domingo é o dia principal para o povo se reunir e receber a comunhão; e o segundo, que os fiéis podem receber a comunhão noutros dias que não seja o domingo, desde que seja com instruções do bispo. Mais uma vez a *Traditio Apostolica* destaca a importância do Domingo na vida cristã

<sup>152</sup> EUSÉBIO DE CESAREIA. “A Páscoa” In: AL, p. 385.

<sup>153</sup> ALTANER, B., STUIBER, A., *Patrologia. Vida, obras e doutrina dos padres da Igreja*, São Paulo: Paulinas, 1972, p. 92-93.

<sup>154</sup> HIPÓLITO DE ROMA., “Comunhão e jejum.” In: AL, p. 252.

Hipólito deixa registrado que, durante a celebração eucarística dominical, realizavam-se os ritos da iniciação cristã<sup>155</sup>. Esse dia tinha sua expressão teológica, a ordenação episcopal, presbiteral e diaconal. Hipólito ressalta ainda o ritual de eleição e consagração dos bispos, que devem ser eleitos por todo o povo e consagrados em um domingo (*die dominica*).

Agostinho, no século V, insere-se na idade de ouro da patrística: “o maior padre da Igreja latina, Santo Agostinho: homem de paixão e de fé, de grande inteligência e incansável solicitude pastoral.”<sup>156</sup>. Além disso, ele é o padre da Igreja que deixou o maior número de obras.

Para Agostinho, o domingo está estritamente ligado à ressurreição do Senhor. Refere-se ao domingo como o oitavo dia, que está em sintonia com o primeiro – aquele da criação. Ele reitera a dimensão escatológica, pois o oitavo dia anuncia a beatitude da eternidade: “O sábado se abre ao oitavo, do qual, todavia, distingue-se porque o sétimo dia é ainda no tempo, enquanto o oitavo, que é a eternidade, transcende todos os tempos e identifica com o primeiro dia da felicidade eterna.”<sup>157</sup>

Agostinho aproveita a ocasião dos sermões da oitava de páscoa para meditar sobre o significado do sétimo e do oitavo dia numa perspectiva escatológica. Esse oitavo dia simboliza, pois, a vida nova no fim do mundo. Já o sétimo dia é agora no tempo, enquanto o oitavo é a eternidade.

Em seu livro “As confissões”, depois de haver acenado a futura paz do repouso do sábado, que será uma paz sem fim, ele pontua:

O sétimo dia é sem entardecer e não tem ocaso, já que o santificastes para permanecer eternamente. Aquele descaso com que repousastes no sétimo dia, após tantas obras excelentes e sumamente boas, ainda que as realizastes sem fadiga, anunciamos, pela palavra da vossa Escritura, que também nós, depois das nossas obras muito boas, porque Vós no-las destes, repousaremos em Vós num sábado de vida eterna<sup>158</sup>.

Agostinho fala da observância do domingo para os cristãos, distinguindo-o, dessa forma, do sábado: “distinção e continuidade entre sétimo e oitavo dia. E este sétimo dia, o sábado relativamente escatológico, antecipou o repouso de Cristo no

<sup>155</sup>HIPÓLITO DE ROMA., “Comunhão e jejum.” In: AL, p. 244-245.

<sup>156</sup>BENTO XVI. (2016), op. cit., p. 175.

<sup>157</sup>NARDI, C., “Nell’ attesa del “giorno senz tramonto”. In: BARBA, M., op. cit., p. 145-146.

<sup>158</sup>AGOSTINHO DE HIPONA. “Livro XIII.” In: AL

sepulcro na espera do domingo, o dia oitavo da ressurreição.”<sup>159</sup>. Ao falar sobre o jejum, diz que “Cristo que instituiu o domingo, no qual não é conveniente jejuar”.<sup>160</sup> Dessa maneira, o domingo supera o sábado porque no sábado o corpo do Senhor descansou no sepulcro, enquanto que no domingo ressuscitou dentre os mortos.

Com efeito, Agostinho afirma:

No antigo testamento, mandava-se guardar o sábado, e a nós também se manda guardar o dia do Senhor dum modo mais perfeito, porque nos é pedido que o observemos em espírito. Com efeito, os judeus observavam o sábado servilmente [...]. Não se diga que eles observavam o sábado. Quem observa espiritualmente o dia do Senhor é o cristão, pela abstenção do trabalho servil. Qual é o trabalho servil? É o pecado [...], portanto, também a nós se preceitua a observância do dia do Senhor, mas dum modo espiritual<sup>161</sup>.

Agostinho mencionava o dia do Senhor como sendo também o dia do descanso, do repouso, não somente do trabalho servil, das atividades manuais, mas também de se abster do pecado. Pois o homem não se realiza e nem se define pelo fazer as coisas, mas pelo configurar-se ao criador. Era exatamente isso que o judeu experimentava no descanso sabático, profunda sintonia com Deus Criador. O descanso dominical propõe uma configuração com a pessoa de Cristo Ressuscitado e uma antecipação do repouso definitivo. Mais uma vez, ensina-nos o santo:

Esta sétima idade será o nosso sábado, cujo termo não será a tarde, mas o dia do Senhor, como oitavo dia eterno, que foi comparado pela ressurreição de Cristo e que prefigura o repouso eterno, não só do espírito, mas também do corpo. Ali (no repouso do oitavo dia), descansaremos e contemplaremos, contemplaremos e amaremos, amaremos e louvaremos. Vede o que faremos no fim sem fim; na verdade qual é nosso fim, senão chegar ao reino que não tem fim?<sup>162</sup>

Santo Agostinho, sobre o Dia do Senhor e quanto à observância do sábado, explica que o sábado foi ordenado para os judeus; porém, para os cristãos, o domingo é o Dia do Senhor, fazendo memória ao dia da ressurreição de Cristo. É o

<sup>159</sup> NARDI, C., “Nell’ atesa del “giorno senza tramonto”. In: BARBA, M., op. cit., p. 147.

<sup>160</sup> AGOSTINHI DE HIPONA. “Carta 36.” In: AL, p.949.

<sup>161</sup> Idem, “Tratado sobre o Evangelho de João III”. In: AL. p. 916.

<sup>162</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. “A cidade de Deus”. In: AL. p. 939.

dia da nova criação porque, no pensamento de Agostinho, o oitavo dia concorda-se com o primeiro.

O domingo foi proclamado dia da Ressurreição do Senhor, não para os Judeus, mas para os Cristãos e, desde então, começou a ter a sua festa [...] Os Santos Patriarcas, cheios de espírito profético ainda antes da Ressurreição do Senhor, conheceram já esse sacramento do oitavo dia [...]. Contudo, foi um conhecimento reservado e oculto, e só foi mandado que se celebrasse o sábado [...]. Mas, quando teve lugar a Ressurreição no corpo do Senhor [...], então já pôde começar a celebrar-se o oitavo dia, que é igual ao primeiro, isto é o domingo.<sup>163</sup>

O Santo de Hipona também afirma que o próprio Senhor, com sua paixão, assinala a santidade do domingo. Com a ressurreição de Cristo, o primeiro dia alcança o seu ápice.

Ao final desse capítulo do estudo, que trata do nascimento do domingo, pode-se dizer que as revelações bíblicas e patrísticas ofereceram sólidas bases para a construção de uma teologia do domingo. A passagem do sábado ao domingo, que é a continuidade da mesma história da salvação, tem sua plenitude com a Encarnação de Jesus. Sua vida e morte na cruz possibilitaram à Igreja viver o domingo à luz de uma verdade fundamental: a ressurreição de Cristo no primeiro dia da semana. Portanto, é possível verificar, através dos documentos do período pós-apostólico, que a celebração do domingo, a reunião em assembleia, a escuta da Palavra e a partilha de bens estão relacionadas à festa da ressurreição.

Com base nesses textos, vê-se que, desde a época apostólica, isto é, desde a primeira experiência com o Senhor ressuscitado, a Igreja sempre quis celebrar no *die dominica* o mistério pascal. Por isso, o domingo, dia da ressurreição é, para a Igreja, o principal dia de festa, onde a comunidade cristã se reúne em assembleia para celebrar a Eucaristia, principal motivo do encontro.

Em suma, verifica-se que esse é o dia festivo por excelência, em que se “abandonam” as tarefas cotidianas para viver intensamente o mistério da ressurreição do Senhor. Essa breve análise de alguns textos da Tradição cristã confirma a presença do domingo como um dia em honra do Senhor Jesus Cristo Ressuscitado. Ressurreição que emergiu como a razão dominante para sua

---

<sup>163</sup>AGOSTINHO DE HIPONA. “Carta 55.” In: AL. p. 958.

observância, “o dia da celebração litúrgica dos cristãos tinha sido escolhido em memória do agir de Deus, a partir da data da ressurreição de Jesus.”<sup>164</sup>

---

<sup>164</sup> BENTO XVI, *Introdução ao Espírito da Liturgia*. p 85.

### 3

## A centralidade do domingo na reforma litúrgica

### 3.1

#### O movimento litúrgico

A celebração do domingo, como é realizada hoje, deve seus frutos de vitalidade, de certo modo, ao movimento litúrgico iniciado no primeiro decênio do século XIX, surgindo do anseio de homens e mulheres que visavam a uma “plena, consciente e ativa participação” dos fiéis na liturgia.<sup>165</sup> “A participação na liturgia torna-se o slogan do movimento litúrgico, e deste se fez apóstolos numerosos teólogos, pastores, e movimentos leigos.”<sup>166</sup> O auge desse movimento, como se sabe, deu-se com a promulgação da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. A reforma restabeleceu grande destaque ao domingo, uma vez que “o movimento resgatou elementos da Escritura, da origem do Cristianismo e da Tradição da Igreja, dando à liturgia um estatuto teológico e revelando toda a sua riqueza.”<sup>167</sup>

Não é possível falar da reforma litúrgica sem antes fazer um caminho histórico, pois sabemos que tal acontecimento não é fruto de um contexto isolado, mas de grandes reflexões que progrediram ao longo da história através do movimento litúrgico: “Muito se tinha preparado e semeado em diversas partes do mundo católico.”<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup> O longo desenvolvimento do movimento litúrgico envolveu os esforços de homens e mulheres, dispostos a potencializar a vivência litúrgica. Tendo seu início, de maneira mais ou menos sistemática, na Bélgica, no início do século XX, o movimento nasceu das experiências vividas no mosteiro beneditino de Mont César. Contou também com a colaboração dos resultados obtidos pelo movimento bíblico e pelo movimento patrístico, que tinham o mesmo objetivo: fazer com que a vida da Igreja reconquistasse o mesmo brilho experimentado na Igreja primitiva. Cf. PECKLERS, K. F., *Liturgia. La dimensione storica e teologica del culto Cristiano e le sfide del domani*. Brescia: Queriniana, 2013, p. 117-136.

<sup>166</sup> SORCI, P., “La partecipazione istanza fondamentale del rinnovamento liturgico”. In: *Celebrare per avere parte al mistero di Cristo. La partecipazione alla liturgia*. Roma: Edizioni Liturgiche, 2008, p. 65-82.

<sup>167</sup> ZANON, D., *Para ler o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2012, p.9.

<sup>168</sup> BOTTE, B., *Il movimento liturgico: testimonianza e ricordi*. Cantalupa: Effatà, 2009, p.3.

Nas épocas medieval<sup>169</sup> e moderna parece que o sentido e o valor do domingo ficaram um pouco ofuscados, mesmo acompanhados por várias tentativas de reforma. A época patrística havia entregado à Igreja uma celebração sóbria e viva do mistério cristão, a celebração dominical da Eucaristia, cuja centralidade estava na ressurreição de Cristo, mas também nos deixou como herança uma teologia muito profunda acerca do domingo. O cristianismo possuía uma característica predominantemente doméstica, conforme relatos dos Atos dos Apóstolos (cf. At 2,46). Os cultos eram mais ou menos reservados, variando conforme a época e lugares nos quais se davam as perseguições.<sup>170</sup>

A *Domus ecclesiae*,<sup>171</sup> espaço litúrgico mais elaborado desse período, era adaptada para o encontro semanal da comunidade cristã. O domingo marcou imediatamente o ritmo da vida cristã. O encontro, realizado a cada “oito dias”, tornou-se o embrião do ano litúrgico cristão. Esse dia transformou-se, assim, numa proclamação de fé no Cristo ressuscitado.

---

<sup>169</sup> Não é nosso objetivo tratar de modo direto da idade média. No entanto, sabemos que, neste período, a liturgia da Igreja passou por momentos de grande obscuridade, o que podemos pensar que levou futuramente a uma preocupação com a vida litúrgica da igreja. A partir do final do séc. IX, a liturgia romana inicia uma nova fase que durará por muitos séculos. A maior parte do segundo milênio é caracterizada por uma liturgia romana totalmente distanciada da tradição antiga. Roma adota a liturgia romano-franco-germânica. A vida litúrgica e espiritual passa por uma terrível decadência. A missa privada, ou seja, aquela em que o padre exerce todas as funções ministeriais, começa a ser uma prática, sem nenhuma participação do leigo. No entanto, a frequência à missa dominical era um costume universal, que alimentava o sentimento de pertença à comunidade e assinalava o ritmo semanal. Certamente as pessoas não compreendiam o latim, mas o significado da missa, como renovação do sacrifício de Cristo era claro para todos. “Não obstante as reformas de Gregório VII e Inocêncio II, a liturgia continua se impondo como um fato clerical, distante do povo. A dimensão comunitária da celebração continua sendo realidade de um passado já distante. Consequentemente, continua se impondo a ausência de participação ativa do povo na liturgia.” Cf. BUYIST, I., ARIOVALDO, J., op. cit., p. 45-46. A partir daí, vão nascendo algumas preocupações com a vida litúrgica da Igreja. Trento elabora algumas novidades, até chegar, então, ao Movimento Litúrgico que foi base para a grande reforma realizada pelo Concílio Vaticano II, que devolve a liturgia ao povo. A partir de então lança uma verdadeira cruzada em favor da participação dos cristãos nas celebrações.

<sup>170</sup> Como é sabido hoje, as perseguições não aconteceram em todo o Império Romano ao mesmo tempo e da mesma maneira. Mesmo as grandes perseguições foram de duração mais ou menos limitada. O cristianismo, no entanto, crescia tanto em período de perseguição como nos de paz. “Sem dúvida que o culto cristão encontrou grandes obstáculos para inserir-se na sociedade civil do tempo e na mentalidade comum e a prova disso, são as perseguições promovidas pelos imperadores, Nerone e Diocleciano.” Cf. CATTANEO, E., *Il culto Cristiano in occidente: note storiche*. Roma: Edizioni Liturgiche, 2003, p. 55.

<sup>171</sup> A *Domus ecclesiae*, literalmente, “casa da Igreja”, foi o primeiro ambiente dedicado pelos cristãos ao uso litúrgico. Esse tipo de estrutura surge por volta do século III, como resposta à necessidade litúrgica dos cristãos. Não se distinguia das demais moradias, uma vez que a vida litúrgica da Igreja, até o século IV, desenvolvia-se praticamente nas casas privadas. Também a *Domus ecclesiae* era uma casa privada, com a particular destinação ao uso litúrgico. Cf. ZUFFI, S., *Dal Paleocristiano all'anno Mille: Il primo millennio dell'arte Cristiana*, In: *La Storia dell'Arte: L'alto Medioevo*. Milano: Electa, 2006.

O cristianismo passou a ser tolerado ao lado das demais religiões. No decurso do governo de Constantino (272-337)<sup>172</sup>, “com libertada de culto individual e público com o direito de possuir lugares destinado a isso.”<sup>173</sup> Com essa declaração de Constantino os cristãos foram, aos poucos, ganhando importante visibilidade no Império. Antes perseguidos, ser “cristão” transformou-se em status. Além disso, as celebrações litúrgicas ganharam um espaço diferente: a basílica.

O próprio Constantino fez construir a basílica do Latrão e a Vaticana, entregando-as à Igreja para atender às grandes multidões que acorriam ao culto cristão. De fato, a forma basilical constantiniana transformou-se no modelo próprio do espaço de culto cristão. “Tais Basílicas tinham uma suntuosidade tal para permitir seduzir um desenvolvimento do cerimonial. Eram ricas, porém com o precioso desejo de render *non* somente louvor a Deus, mas também oferecer elementos didáticos aos catecúmenos e aos fiéis que as frequentavam.”<sup>174</sup>.

Foi o mesmo Constantino quem, em 321, declarou o domingo como dia de repouso para todo o Império. Livres dos compromissos com o trabalho, os cristãos tinham o domingo como um dia dedicado ao Senhor, possibilitando celebrações mais longas. A instituição do domingo como dia de repouso, por sua vez, significava o reconhecimento da prática recorrente por parte dos cristãos de se reunirem no domingo. A partir de 380, o cristianismo foi declarado a religião oficial do Império. A verticalização da hierarquia católica aumentou na mesma medida em que a Igreja crescia em importância na política imperial.

Mesmo assim, o encorajamento de uma liturgia participativa era presente. O próprio Agostinho dizia a sua comunidade norte-africana: “Vós estais, portanto, aqui sobre a mesa, estais aqui no cálice. Tudo isso vós o sois junto conosco. Com efeito, nós o comemos juntos, nós o bebemos juntos, porque vivemos juntos.”<sup>175</sup>. As comunidades eclesiais, nos primeiros séculos da história da Igreja, eram muito conscientes da sua participação do mistério do Corpo místico de Cristo. Por isso, era natural uma ministerialidade bastante aguçada. Os ministérios não eram

---

<sup>172</sup> No ano de 313, Constantino concede liberdade de culto individual e público e direito de possuir os lugares destinados para esse culto não somente aos cristãos, mas às demais religiões existentes no império. Foi o imperador Teodósio I (347-395) quem declarou o cristianismo religião oficial do Império em 380. Cf. PECKLERS, K. F., op. cit., p. 62.

<sup>173</sup> CATTANEO, E., op. cit., p. 73.

<sup>174</sup> Idem, op. cit., p. 74.

<sup>175</sup> SANT'AGOSTINO, *Discorso229*, [http://www.augustinus.it/italiano/discorsi/discorso\\_302\\_testo.htm](http://www.augustinus.it/italiano/discorsi/discorso_302_testo.htm). Acessado dia 23 de março de 2018.

somente uma resposta a necessidades eminentes; eram, principalmente, consciência desta participação mística do Corpo de Cristo, que possui muitos membros, cada qual com sua função.

A grande mudança com relação à liturgia acontece na Idade Média: “o que antes era assembleia, caridade, sacrifício e comunhão, se reduz em adoração das espécies eucarísticas.”<sup>176</sup> Com o decurso dos séculos, a liturgia foi se tornando cada vez mais propriedade do clero. As devoções populares se desenvolvem para compensar a inacessibilidade da oração coral dos monges. Foi na idade média que surgiu a oração do rosário, como substituição popular da oração dos salmos.

Banhava as celebrações da missa um clima clerical, arcaico e hermético de mistério. Não era raro que fiéis se entregassem às suas devoções – reza do terço, meditação das estações da via-sacra e outras orações piedosas – enquanto o sacerdote rezava em latim as orações e leituras da missa. E o *canon missae* refletia ainda mais esse ar misterioso, já que era pronunciado em silêncio, somente com o simples mexer dos lábios.<sup>177</sup>

No mosteiro cluniacense<sup>178</sup>, o monge tem uma vida litúrgica intensa, a ponto de gerar uma dicotomia entre oração e trabalho. O monge de Cluny não conhece outro trabalho senão a oração. Na Idade Média, cresce a ideia de que orar é um privilégio para poucos.

A missa tinha deixado de ser a oração da comunidade cristã, para se tornar algo do qual se ocupava somente o clero, e os fiéis podiam se associar a ela de modo distante, dedicando-se às suas práticas de devoções pessoais. A comunidade vivia uma devoção privada, sem ligação especial com a missa. O clero que era exclusivamente o encarregado da liturgia.<sup>179</sup>

<sup>176</sup> LLOPIS, J. S., *La liturgia a través de los siglos, Emaús 6*. Barcelona: CPL, 1993, p. 40.

<sup>177</sup> LIBANIO, J. B., *Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 26.

<sup>178</sup> O mosteiro de beneditino da cidade Cluny, na França, foi fundado em 909, tornando-se um centro dinamizador da vida monástica beneditina. Um dos pontos centrais da reforma de Cluny foi a centralização da vida do monge na celebração litúrgica, alcançada e sustentada pela autonomia que o mosteiro conquistou ante o senhor feudal e ante o bispo local. De fato, a grande novidade de Cluny é que o mosteiro era submetido diretamente à autoridade do papa e de nenhuma outra autoridade civil ou religiosa. Cf. COELHO D, G. J. A., *Quando os monges eram uma civilização. Beneditinos Espírito, Alma e Corpo*, Porto: Afrontamento, 2011, p. 119-129.

<sup>179</sup> BOTTE, B., op, cit.,p. 21.

A centralidade eclesial da figura do presbítero favorece esse distanciamento entre povo e liturgia. A missa se torna propriedade do presbítero. Toda aquela ministerialidade, que fazia brilhar a Igreja antiga, desaparece e é substituída por um único ministro, diácono, acólito, leitor, catequista. Os ministérios exercidos pelos leigos passam a ser realizados pelo presbítero sozinho. A eucaristia passa a ser um serviço realizado pelo sacerdote em favor do povo. A partir do século X, surge o costume de se rezar a missa na intenção de um falecido, mediante pagamento. Tornaram-se necessários vários altares nas Igrejas para que vários padres rezassem missas, até simultaneamente, para dar conta da grande demanda de intenções. A quantidade de missas celebradas para uma pessoa é que tinha seu valor máximo. “O número de missas celebradas era decisivo e não mais a devoção dos celebrantes ou daquele pelo qual se celebrava.”<sup>180</sup>.

O surgimento do Missal, no século XIII, sancionava o desaparecimento dos vários ministros da Igreja. Antes eram necessários vários livros litúrgicos porque eram vários os ministros: o sacramentário, para o presidente da celebração; o lecionário, para o leitor; o evangeliário, para o diácono. O Missal respondia à prática desde então estabelecida de ministro único na condução do rito da missa. Por final, desaparece até mesmo a assembleia como ministro. Na Idade Média, popularizou-se o costume de rezar a missa sem o povo, até o ponto em que mesmo as missas com presença de assembleia eram rezadas como se não as tivesse. A missa era um serviço que o padre fazia pelo povo sem o povo. Enquanto ele rezava a missa, as pessoas viviam suas devoções à parte, “com livros de orações traduzidos em língua vernácula.”<sup>181</sup>.

É assim que aparece o costume “assistir à missa”, expressão que traduz a posição de passividade delegada a toda a assembleia do povo cristão. A leitura da Palavra de Deus era reservada aos clérigos, que tinham o dever de explicá-la ao povo de modo claro. No final da Idade Média, a maior proximidade que os cristãos em geral, isto é, os batizados não clérigos, tinham com relação à Eucaristia era chamada devoção de “ver a hóstia”. “O aspecto cultico prevalecia sobre a participação da comunidade. Esperava-se o momento da elevação para adorar a

---

<sup>180</sup> ANGENENDT, A., *Liturgia e storia. Lo sviluppo organico in questione*. Assisi: Cittadella Editrice, 2005, p. 159.

<sup>181</sup> ANGENENDT, A., p. 183.

hóstia consagrada.”<sup>182</sup>. Multidões acorriam de igreja em igreja para assistir o momento exato da elevação da hóstia no momento da consagração. Aparece o costume da devoção da adoração ao Santíssimo Sacramento. “Era uma herança que vinha de longa data da Idade Média, quando, por ocasião das heresias de Berengário, se firmou um culto crescente à hóstia.”<sup>183</sup>.

O sentido da reunião dominical, que era reunir-se para proclamar a fé no Cristo ressuscitado e comungar seu corpo e seu sangue, desaparece. Durante a missa, somente o padre comungava. Quando alguém do povo comungava, isso acontecia, ou antes, ou depois da missa. “A preparação para a comunhão era fora do sacrifício e tinha um caráter apenas devocional.”<sup>184</sup>. O cristão quase não comungava mais. Bastava-lhe ver a hóstia.

Com tudo isso, a vida espiritual do povo cristão caminha à margem do âmbito litúrgico. Há um notável aumento de devoções privadas, das quais algumas se popularizam – por exemplo, o rosário e a via-sacra – e servem para alimentar e manter a piedade dos cristãos. De certo modo, inclusive a própria liturgia se converte numa devoção, como podemos concluir da afeição pelas missas votivas, pelas missas em honra de determinados santos, pelas séries de missas aplicadas por intenções particulares. Na época medieval, há um exuberante florescimento da mística, mas reduzida a minorias muito pequenas e, em geral, distantes das formas litúrgicas da oração.<sup>185</sup>

Tudo isso foi vivido de maneira tão generalizada que o Concílio de Trento<sup>186</sup> ordenou que todo fiel comungasse ao menos uma vez por ano. Do ponto de vista

<sup>182</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 26.

<sup>183</sup> Idem, p. 26.

<sup>184</sup> CATTANEO, E., op. cit., p. 316

<sup>185</sup> BASURKO, X., “A Liturgia no outono da Idade Média.” In: BORÓBIO, D., (org). *A celebração na Igreja I*, op. cit., p. 107.

<sup>186</sup> O concílio de Trento foi convocado pelo papa Paulo III, em 1542, e durou entre 1545 e 1563. Teve este nome pois foi realizado na cidade de Trento, região norte da Itália. O Concílio de Trento foi uma reação da Igreja Católica à Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero na primeira metade do século XVI. Embora os Padres conciliares não estivessem preocupados tanto com a liturgia, porém, entre outras coisas, no que se refere à liturgia, ressaltou a importância da missa dentro da liturgia católica. Isto porque a vida litúrgica, neste contexto, era plena de piedade popular. Condena o uso da língua vulgar. O Concílio afirmou ainda o conteúdo didático da missa e dos sacramentos e prescreveu torná-los notáveis a todos os fiéis. Uma comissão ainda recolheu e elencou 78 abusos que frequentemente se verificava durante a celebração da Santa Missa por culpa dos clérigos e dos fiéis. Foi aprovada definitivamente a liturgia paroquial. O uso das imagens sacras, o grande valor do jejum em preparação para as principais festas anuais. O Concílio viu a necessidade de continuar as reflexões nas dioceses, criando espaço para se refletir a liturgia. Terminado o Concílio, a Santa Sé iniciou a preparação dos livros úteis à reforma litúrgica. Cf. CATTANEO, E., op. cit., p.306-321.

litúrgico, as devoções e festas aos santos inchavam o calendário litúrgico, ofuscando até mesmo o sentido cristológico do domingo. “No século XVI, a situação da liturgia no Ocidente é lamentável. Pode comparar-se a um cadáver ricamente adornado, mas sem vida e com sintomas de decomposição.”<sup>187</sup> Trento tomou pé da situação e promoveu algumas reformas litúrgicas importantes. Procurou conservar a integridade do domingo, valorizando os tempos litúrgicos fortes como advento, natal, quaresma e páscoa. Procurou dar maior importância à missa comunitária em relação àquela “privada”.

O Concílio de Trento manifestou o desejo de que os fiéis comungassem em cada eucaristia, se possível. Normatizou que todo fiel católico deve se confessar e comungar ao menos uma vez por ano. Os padres deveriam realizar pregações litúrgicas em língua vernácula ao menos nos domingos e nos dias festivos. Assim, o púlpito, como elemento barroco - que se caracteriza pela exuberância em todos os campos -, foi colocado no meio da Igreja e extremamente ornado.

A balaústra, nas igrejas barrocas, atendia, por sua vez, às necessidades dos fiéis que se ajoelhavam para receber a comunhão na boca. São várias as representações de Cristo desse período, com as vestes de sacerdote e que oferece a comunhão na boca aos apóstolos, que se ajoelham.<sup>188</sup> O sacrário com as reservas eucarísticas que, na Idade Média permanecia numa mesinha ao lado do altar principal, agora ganha destaque, sendo colocado exatamente sobre o altar mor de cada Igreja.

A característica principal das reformas tridentinas, no que diz respeito à liturgia, foi a regulamentação do modo de celebrar. Os padres conciliares de Trento ainda não haviam percebido a necessidade da participação plena dos leigos na liturgia. O povo cristão continua como espectador da execução ritual do presbítero. A missa continua ainda a ser algo distante do povo, “se divulgava a ideia de que a missa deveria parecer, para os fiéis, um mistério, sobretudo na parte central, o cânone.”<sup>189</sup>. No século XVII, à palavra “espectador” poderia se atribuir um sentido

<sup>187</sup> LLOPIS, J., op. cit., p. 43.

<sup>188</sup> A obra mais famosa neste sentido é a pintura de Luca Signorelli (1445-1523), *Comunhão dos Apóstolos*, de 1512, pintura a óleo de 232x220 centímetros, que se encontra no Museu Diocesano de Cortona. Muito importantes eram os ícones, onde as pessoas podiam ver a imagem de Cristo, o que produzia no fiel, inclusive, suspiros no coração. Uma forma de contemplação do mistério. “Estas imagens permitiam assistir a uma celebração litúrgica em qualquer modo celestial.” (Cf. ANGENENDT, A., p. 191).

<sup>189</sup> CATTANEO, E., op. cit., p.332.

bastante interessante. Com o surgimento da música orquestral, a missa se transforma num quase espetáculo. A dicotomia entre a ação litúrgica do que presidia a celebração e a participação dos fiéis continuava.

A música tinha se tornando a senhora, muito mais que a serva, da liturgia. Esta submergia a inteira missa em um belo oceano de sons, nos quais a liturgia se desenvolvia discretamente no fundo, sem nenhum significado, voltando ao primeiro da atenção somente quando a música se interrompia brevemente durante a elevação.<sup>190</sup>

Por essa razão, outras tentativas de reforma da liturgia, visando à plena participação dos fiéis, foram feitas. Uma tentativa significativa foi o sínodo de Pistoia (1786), de caráter jansenista, conduzido pelo bispo Scipione de Ricci juntamente com o imperador Leopoldo II. O sínodo critica as procissões com relíquias, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e às demais devoções, que diminuem a centralidade de Cristo. Como propostas de reforma, o sínodo quis exatamente uma participação mais ativa dos fiéis na liturgia. Para isso, era necessário valorizar a dimensão comunitária da liturgia.

Propunha abolir o uso de rezar missas simultâneas em altares diferentes na mesma Igreja. A centralidade do domingo deveria ser restaurada juntamente com o costume de rezar uma eucaristia principal na Igreja paroquial presidida pelo pároco. O sínodo fala ainda da necessidade da “redução das festas devocionais e proibição das missas pelos defuntos, sobretudo nos domingos e festa.”<sup>191</sup>

Todo este processo foi gerando um grande movimento de reforma e renovação litúrgicas: trata-se do assim chamado “movimento litúrgico.” O movimento litúrgico, como tal, teve início do século XX e “propôs desenvolver a liturgia em toda a sua capacidade expressiva e santificadora, levando os fiéis a compreender e a participar plenamente.”<sup>192</sup> Quando o monge belga dom Lambert Beauduin faz sua famosa conferência em 1909, ele fala da “necessidade de uma ‘plena e ativa’ participação dos fiéis no culto cristão.”<sup>193</sup> Para Beauduin, “é incontestável que a liturgia compreendida e vivida é uma escola superior de onde

<sup>190</sup> HOWELL, C., *From Trent to Vatican II*, In: C. JONES et all. (Org.), *The study of liturgy*, London: SPCK, 1992, p. 289.

<sup>191</sup> BOGAZ, A. S., HANSEN J. H., *Reforma litúrgica: renovação ou revolução?* São Paulo: Paulus, 2012, p. 24.

<sup>192</sup> BUGNINI, A., *La reforma de la liturgia*. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 2013, p.5.

<sup>193</sup> BOTTE, B., op, cit., p. 29.

nascem, desde os primórdios do cristianismo, atletas espirituais, prontos ao glorioso combate ascético. Estes atletas experimentam a eficácia e a força no sacrifício eucarístico plenamente vivido.”<sup>194</sup>

As ideias de Beauduin não tinham nada de revolucionárias; ele mesmo negava ser um inovador, “este monge beneditino lança um verdadeiro movimento em favor da participação dos cristãos nas celebrações.”<sup>195</sup> Ele se baseava na tradição, “invocava, com frequência, Pio X sobre a participação dos fiéis nos sagrados mistérios.”<sup>196</sup>. Nasce uma maior profundidade da vida litúrgica da Igreja e a liturgia se torna um alimento para fé.

O movimento litúrgico se viu reforçado “por uma direção segura e um impulso decisivo que veio do Papa São Pio X que, na participação ativa dos fiéis na liturgia, via a fonte primeira e indispensável do espírito cristão e, por consequência, da renovação interior da Igreja.”<sup>197</sup>. Outras duas grandes encíclicas do Papa Pio XII, *Mystici Corporis Christi*, 1943, e *Mediator Dei*, 1947, consagraram o movimento litúrgico nascente. Aquela primeira retomava a noção bíblica da natureza coletiva da Igreja, que favoreceu o início de uma discussão sobre a importância e o papel do leigo na Igreja. A *Mediator Dei*<sup>198</sup> aparece assumindo uma concepção teológica da liturgia e a necessidade de renovação da liturgia, justificada teológica, histórica e pastoralmente.”<sup>199</sup>.

Pio XII reconhecia oficialmente a existência de um movimento litúrgico e manifestava apoio ao seu programa. “Promoveu, sobretudo, uma reforma da Semana Santa e amenizou esse clima de jejum eucarístico. Parecem coisas pequenas, mas se ia criando esse clima de criatividade, de novidade e de busca de resposta à nova situação.”<sup>200</sup>. Tal teologia foi tão importante que, anos depois, influenciou a eclesiologia do Concílio Vaticano II.

<sup>194</sup> FESTUGIÈRE, M., *La liturgia catolica*. Padova: Messaggero di Santo Antonio, 2002, p.15.

<sup>195</sup> BUYST, I., ARIOTALDO, J, S., op, cit., p. 58.

<sup>196</sup> BOTTE, B., op, cit., p. 29.

<sup>197</sup> BUGNINI, A., op, cit, p. 5.

<sup>198</sup>A *Mediator Dei* é uma vitória parcial do Movimento Litúrgico, que não havia, até então, recebido nenhum incentivo de Roma. Mesmo que parecesse, ainda por parte da Congregação para os Ritos, algo inovador demais, preferindo, portanto, permanecer em um rígido rubríssimo, no entanto, a intenção do Papa de proclamar o valor espiritual e pastoral da liturgia não ficou perdida no tempo, pois a grande retomada teológica na concepção de liturgia vai acontecer na *Sacrosanctum Concilium*. Cf. ESCOBAR, F., *A celebração do mistério de Cristo*, In: CELAM (org.), *Manual de Liturgia. A celebração do mistério pascal. Fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005, v. 2, p. 19-29. Cf. BOTTE, B., op, cit., p. 120.

<sup>199</sup> ZANON, D., op, cit., p. 9.

<sup>200</sup> LIBANIO, J, B., op, cit., p. 27.

O texto da *Sacrosanctum Concilium* é o ponto de chegada e de passagem de um complexo fenômeno que recebeu o nome de movimento litúrgico. O Papa Pio XII assim o definiu: “O movimento litúrgico apareceu como um sinal das providenciais disposições divinas no nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo na sua Igreja para aproximar ainda mais os homens aos mistérios da fé e às riquezas da graça, que provêm pela participação ativa dos fiéis na vida litúrgica.”<sup>201</sup>. A sabedoria e o profetismo de tal movimento se apresentam como uma surpreendente bagagem de uma nova compreensão sobre a oração, sobre Cristo, o ministério, pois se trata de “um movimento que fala das bases.”<sup>202</sup>

O movimento litúrgico, aos poucos, recoloca a celebração eucarística no centro de toda a vida da Igreja, despertando para a necessidade de promover uma participação ativa, consciente e plena dos fiéis. “Os ritos se tornaram mais simples e acessíveis.”<sup>203</sup>. A importância do domingo aparece em primeiro plano quando os cristãos se redescobrem como comunidade viva que deve fazer memória do mistério de Cristo Ressuscitado. Com o advento do Concílio, na década de 1960, a possibilidade de unir os ânimos para promover uma verdadeira reforma que tocasse a Igreja universal se tornou real e concreta.

A renovação litúrgica era uma exigência unânime, fruto das transformações trazidas pelo movimento litúrgico iniciado no final do século XIX. O movimento resgatou elementos da Escritura, da origem do Cristianismo e da Tradição da Igreja, dando à Liturgia um estatuto teológico e revelando toda a sua riqueza.<sup>204</sup>

Tal movimento já indicava que a liturgia não é um afresco, como se fosse um possível objeto a ser restaurado. Mas deixou aberta a porta para se concluir que a liturgia é um ato vital, frágil sim, mas estruturalmente aberto ao futuro. A liturgia é uma coisa viva que morre nas mãos de quem não sabe tratá-la. O movimento litúrgico deixou claro este dinamismo litúrgico que serviu para o Concílio como base sólida para se refletir sobre dois polos: aquele do mistério da salvação realizado por Cristo e aquele do mesmo mistério de salvação realizado em nós.

---

<sup>201</sup> PIO XII, *Alocução conclusiva aos participantes do Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis*, AAS 48 (1956).

<sup>202</sup> FESTUGIÈRE, M., op, cit., p. 9.

<sup>203</sup> LIBANIO, J. B., op, cit., p. 28.

<sup>204</sup> ZANON, D., p.10.

Pode-se dizer que a grande contribuição do movimento litúrgico, ainda que não tenha tratado diretamente sobre a questão do domingo, foi o desejo de uma liturgia mais viva. “Quebrava-se a hieraticidade e a sacralidade intangível da liturgia, fazendo-a mais próxima das pessoas, numa atitude bem moderna.”<sup>205</sup>. O movimento litúrgico, em vez do cumprimento rígido das normas, procurava levar em consideração as condições humanas do fiel. Fomentar a participação plena dos fiéis na eucaristia e, quando se fala de celebração eucarística, refere-se justamente à questão da missa dominical. Trata-se, por assim dizer, de uma inquietude com relação à vida litúrgica que vinha sendo vivida pela Igreja.

Ninguém poderia imaginar que o movimento litúrgico tivesse tido uma expansão tal, não somente no âmbito católico, mas também entre os protestantes, nem que tivesse tido uma influência tão profunda na vida da Igreja. Esse contribuirá e fará progredir a teologia e contribuirá para o ecumenismo. Naquela época, tudo que aconteceu não era previsível, mas o movimento tinha tido um bom início e nada mais poderia silenciá-lo. Tinha fixado o seu fim e o método. O fim era promover a participação das pessoas na ação litúrgica e fazer de nossas assembleias comunitárias lugar de oração. O método era o retorno às fontes, o estudo da tradição.<sup>206</sup>

O caminho que se fez durante os longos anos de reflexão do movimento litúrgico se deparava com um grande desafio que era exatamente a falta de formação litúrgica dos padres. Por isso, foi-se criando centros de estudos de liturgia, como forma de despertar o interesse por tal disciplina. Um dos expoentes do estudo de liturgia foi o Instituto Superior de Liturgia de Paris. A partir daí, começa-se a pensar a liturgia não somente como “rubricas.”<sup>207</sup>. Todo este percurso desembocará no Concílio Ecumênico Vaticano II.

Talvez seja mais exato dizer que foi a reforma litúrgica, então já iniciada, um dos maiores, senão o maior, propulsor da realização do Concílio Vaticano II. Pelo menos, foi pela liturgia que ele começou, e o esquema, apresentado aos padres conciliares e que depois veio a ser aprovado, embora com muitas correções, foi o único que não precisou ser substituído por outro, tal era o grau de maturidade que o assunto tinha atingido em grandes setores da Igreja. “Em resumo, o movimento

---

<sup>205</sup> LIBANIO, J. B., op, cit., p. 28.

<sup>206</sup> BOTTE, B., op, cit., p. 51.

<sup>207</sup> Idem, p. 169.

litúrgico responde a anseios de participação e de compreensão das celebrações, a tentativas de experiências feitas por grupos de cristãos conscientes e engajados.”<sup>208</sup>. Exatamente nessa maturidade e compreensão de que a liturgia deve ser impulsionada por uma participação criativa e inovadora está a contribuição do movimento litúrgico para uma melhor compreensão do domingo e sua celebração.

### 3.2 Núcleo e fundamento do ano litúrgico: O domingo nas conclusões Conciliares

O Papa João XXIII anunciou o Concílio Vaticano II em 25 de janeiro de 1959, poucos meses depois de sua eleição. O Concílio seria a resposta da Igreja ao desejo de colaborar mais eficazmente na solução dos problemas da época, como uma forma de ler os “sinais dos tempos” (cf. Mt 16,3). Rapidamente, todos estavam certos que o tema da liturgia estaria presente nas discussões dos padres conciliares; no entanto, tal discussão se apresentava como uma grande novidade, pois:

Nenhum dos vinte concílios ecumênicos anteriores havia tratado *ex professo* da liturgia, mas somente das circunstâncias da vida eclesial como necessidade que no momento se apresentava, pelo menos do século XII para frente. Apenas uma visão clerical da liturgia não permitia perceber a utilidade de uma discussão. O Concílio de Trento dominou com a preocupação apologética; por isso, foi estabelecida a revisão dos livros litúrgicos e depois deixou a cargo dos bispos organizar a vida litúrgica dos fiéis, de acordo com as circunstâncias culturais e imediatas que cada diocese poderia viver e então sugerir.<sup>209</sup>

Quando o Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, instituiu uma comissão pré-conciliar de liturgia (denominada *De mysterio sacrae liturgiae relatione ad vitam Ecclesiae*), responsável por preparar o documento para a futura reunião conciliar. Seu trabalho foi muito tranquilo, pois a questão da reforma litúrgica já se encontrava bastante amadurecida. A reforma tinha sido preparada paulatinamente pelo movimento litúrgico, pelo pontificado de Pio XII e pelos

<sup>208</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 29.

<sup>209</sup> CATTANEO, E., op. cit., p. 519.

encontros litúrgicos internacionais<sup>210</sup>, ocorridos entre 1950 e 1960. Tal empresa já tinha “despertado o interesse geral, a paixão e mesmo a inquietude.”<sup>211</sup>.

Logo em seguida iniciou-se uma longa fase preparatória que só teria fim com o início das sessões conciliares em 1962. O cardeal Cicognani e o bispo Annibale Bugnini estavam à frente da comissão que deveria preparar o material para ser discutido na aula conciliar. As questões mais polêmicas eram que o Concílio tratasse sobre os problemas litúrgicos. Entre as propostas enviadas pelos bispos do mundo inteiro, tratadas pela comissão, estava o problema da língua litúrgica e da música sacra. A questão do latim foi tratada em não menos do que dez reuniões. A esse respeito, causou impacto a afirmação do patriarca melquita de Antioquia, Maximos IV, que afirmou que “uma Igreja viva não deveria continuar a utilizar uma língua morta na sua oração coletiva.”<sup>212</sup>.

A constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium* foi promulgada somente no fim da segunda sessão do Concílio, em 4 de dezembro de 1963. O documento concede um amplo uso da língua vernácula na liturgia, enquanto afirma ainda o latim como língua oficial da Igreja:

Salvo o direito particular, seja conservado o uso da Língua Latina nos Ritos latinos. Contudo, já que, ou na Missa, ou na administração dos Sacramentos ou em outras partes da liturgia pode, não raro, o emprego da língua vernácula ser muito útil ao povo, permite-se dar-lhe um lugar mais amplo, principalmente nas leituras e admoestações em algumas orações e cânticos.<sup>213</sup>

Recupera-se o papel do leigo nas celebrações litúrgicas, propugnando para todos os fiéis uma “plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas.”<sup>214</sup>. O Concílio quis, ainda, a restauração da homilia durante a missa, da oração dos fiéis e a comunhão durante celebração eucarística. “Numa palavra, o

<sup>210</sup> De todos os Congressos internacionais de liturgia, o de Assis, ocorrido em 1956, tendo como tema a visão pastoral da liturgia como elemento determinante para a vida da Igreja, foi o mais importante. Nesse Congresso, Pio XII fez um importante discurso no qual elogiava a contribuição do Movimento Litúrgico. Cf. BARSUKO, X., *Storia della liturgia*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2006, p. 424-427.

<sup>211</sup> A comissão pré-conciliar da liturgia levou em conta dois critérios que foram utilizados para a montagem dessa comissão: a presença de membros que representassem as diversas posturas dentro da Igreja e a universalidade dos seus membros, representando os diversos países e congregações religiosas Cf. GY, P. M., “Notas históricas sobre a constituição litúrgica”. In: BARAÚNA, G. (org.), *A sagrada liturgia renovada pelo concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964, p. 85-94.

<sup>212</sup> PECKLERS, K. F., op. cit., p. 138.

<sup>213</sup> Cf. SC. n. 36.

<sup>214</sup> Cf. SC. n. 14.

Concílio destacou a relevância da comunidade que celebra na diversidade e de suas experiências e relativiza a rigidez unificante de normas definitivas, fixas e universais.”<sup>215</sup>. No documento, pode-se observar que a questão do domingo não foi de modo nenhum secundária para os padres conciliares. Pelo contrário, o domingo é colocado em lugar central na vida da Igreja:

A Santa Mãe Igreja considera seu dever celebrar a obra de salvação do seu divino Esposo, mediante uma comemoração sagrada, em determinados dias no decurso do ano. Em cada semana, no dia a que chamou Domingo, comemora a memória da Ressurreição do Senhor, que celebra também uma vez no ano, juntamente com a sua bem-aventurada Paixão, na grande solenidade da Páscoa.<sup>216</sup>

A fase que se inicia depois da promulgação da *Sacrosanctum Concilium* é uma etapa que se pode chamar, de maneira estrita, de reforma da liturgia. Foi instituída por Paulo VI, em 1964, uma comissão especial para coordenar as reformas e adaptações a serem feitas na liturgia “para a aplicação da constituição sobre a sagrada liturgia.”<sup>217</sup>. Os livros litúrgicos eram ainda aqueles de Trento, precisavam ser revisados e traduzidos, acompanhados pela Sé Apostólica. Lugar de destaque teve a reforma do calendário litúrgico desejada já pelos padres conciliares:

O Ano litúrgico seja assim revisto, observadas ou restituídas as tradições e normas dos sagrados tempos, conforme as condições de nossa época; conserve-se a sua índole original, a fim de alimentar devidamente a piedade dos fiéis nas celebrações dos mistérios da Redenção cristã, principalmente pelo mistério pascal.<sup>218</sup>

O Concílio Vaticano II, ao falar da índole original do domingo, orienta a reforma litúrgica a se refazer à tradição apostólica, lida e interpretada pelo vigor da época patrística. Dessa forma, o concílio deseja que o domingo volte a ser o Dia do Senhor e o “fundamento e núcleo do ano litúrgico”<sup>219</sup>. O tempo litúrgico é essencialmente a celebração do Cristo em seu mistério pascal.

---

<sup>215</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 163.

<sup>216</sup> Cf. SC. n. 102.

<sup>217</sup>BUGNINI, A., op. cit, p.46.

<sup>218</sup> Cf SC. n. 107.

<sup>219</sup> Cf. SC. n. 106.

O domingo se destaca, entre os outros dias da semana, como dia do Senhor, dia da ressurreição, vitória sobre a morte. E o único mistério pascal se descobre e reluz nos vários “mistérios” do Senhor celebrados ao longo do ano litúrgico, como se fosse um diamante que resplende em várias cores e matizes.<sup>220</sup>

No domingo, a Igreja celebra o mistério central de sua fé, na páscoa semanal<sup>221</sup>, como transmitido pela tradição apostólica. A cada oito dias, no dia do Senhor<sup>222</sup>, os cristãos fazem memória da ressurreição de Cristo onde o único mistério pascal de Cristo é celebrado de forma nuclear, “o domingo, portanto, é, para os cristãos, a verdadeira medida do tempo, a unidade da medida de suas vidas.”<sup>223</sup>. O domingo, restituída sua índole como célula primária do tempo celebrativo da Igreja, será o fundamento e o núcleo do ano litúrgico, para irradiar pelo ano inteiro a esperança e a força que transfiguram a vida cotidiana. Toda a vida espiritual tem como ponto de partida e de chegada o domingo.

O domingo, dia que se repete com regularidade exata a cada sete dias, constitui a estrutura portadora do tempo litúrgico e uma instituição tipicamente cristã. É o dia do Senhor, o oitavo dia, o dia da ressurreição de Cristo. Sobre a trama dos cinquenta e dois domingos do ano solar, são tecidos os tempos celebrativos e as festas particulares. Os dias da semana se contam, no ano litúrgico, a partir do domingo, primeiro dia, seguindo, com isso, a indicação bíblica da ressurreição ocorrida no primeiro dia da semana judaica, que culmina no dia de descanso, o sabá (sábado).<sup>224</sup>

O domingo se torna também o dia da fraternidade cristã, dia para o encontro com a família, reunida em nome do Senhor, a comunidade de fé, que celebra o Mistério Pascal de Cristo. “A história do domingo nasce na cruz e na ressurreição

<sup>220</sup> BUYIST, I., ARIIVALDO, J., op, cit., p. 88.

<sup>221</sup> Páscoa se refere à festa como um todo e ao sacrifício que se realizava no Templo de Jerusalém. No Novo Testamento, Páscoa era a celebração dos pães ázimos, uma das três festas agrícolas de Israel em Canaã, celebrada como a festa do povo. A Páscoa parece ser mais uma ceia familiar, doméstica. É exatamente nesse contexto familiar que Jesus celebra a sua Páscoa, instituindo agora um novo tempo. É a páscoa que a Igreja celebra, como a principal festa do Ano Litúrgico, para fazer memória ao ato salvífico de Jesus Cristo, sua entrega total no altar da cruz. E a celebração anual da Páscoa marca fortemente nossa redenção em Jesus Cristo.

<sup>222</sup> Encontramos tanto na Sagrada Escritura como nos relatos dos Santos Padres da Igreja que os primeiros Cristãos, desde o início, faziam uma reunião comum para escutar a Palavra e partir o Pão, como encontramos nos testemunhos dos Atos dos Apóstolos (At 20,7-12). Também encontramos relatos na Didaqué, no capítulo 14.

<sup>223</sup> BENTO XVI, op, cit., p. 85.

<sup>224</sup> ROSAS, G. “O Ano Litúrgico.” In: CELAM. *Manual de Liturgia IV: a celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 30-31.

de Jesus”<sup>225</sup> e continua na vida de cada membro do corpo de Cristo. O ano litúrgico tem a função de alimentar a piedade dos cristãos através da celebração dos mistérios da vida de Cristo. Através do ano litúrgico, a Igreja “vai vivenciando os mistérios de Cristo acontecidos no tempo, desde a Encarnação até a espera do retorno glorioso do Senhor.”<sup>226</sup>. Se o domingo é o fundamento e o núcleo de todo o ano litúrgico, ele não poderia ser outra coisa que o fundamento e núcleo de toda a vida litúrgica da Igreja.

Em cada celebração, a Igreja comemora e torna presente todo o mistério de Cristo, como afirma o Concílio: “no decorrer do ano, revela todo Mistério de Cristo, desde a Encarnação e Natividade até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor.”<sup>227</sup>. É mistério que jamais se esgota, ainda que, em cada liturgia, o conteúdo do culto cristão seja o rendimento de glórias ao Pai, através do Filho, na força do Espírito Santo.

Na reforma do calendário litúrgico foi realçada a importância singular do domingo. Nos números 102 a 111 da Constituição litúrgica abordaram-se os temas necessários e mais urgentes, deixando que as devidas adaptações e reformas fossem efetivadas posteriormente. Podemos definir o ano litúrgico como “a celebração do mistério de Cristo e da obra da salvação no decorrer do ano.”<sup>228</sup>. Vida, obra, mensagem, páscoa e vinda gloriosa de Cristo são recordadas, no ano litúrgico, de maneira rítmica e cíclica. O ritmo principal é marcado pelo domingo, dia da ressurreição. O ano litúrgico, para além de ser uma realidade temporal, é uma realidade teológica, elaborada de maneira orgânica no tempo que se processa na ordem da graça. No tempo da graça, isto é, no *káiros*: é hoje o dia da Salvação, “ocasião favorável, reconhecida como graça.”<sup>229</sup>

Os cristãos desenvolvem ciclicamente suas celebrações em memória e em honra de Jesus Cristo; por isso mesmo, o ano litúrgico é a fonte de espiritualidade da Igreja, pois celebramos toda a obra salvífica, como nos aponta o capítulo V da Constituição *Sacrosanctum Concilium*: “No decorrer do ano, revela todo o Mistério

<sup>225</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Guia litúrgico-pastoral*, Brasília: Edições CNBB, 2016, p. 9.

<sup>226</sup> BECKHÄUSER., A., op. cit., p.26.

<sup>227</sup> Cf. SC.102.

<sup>228</sup> MARTÍN, J., L., *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 316.

<sup>229</sup> MOSERLE, I., *Liturgia delle ore. Quando il rito fa festa*. In: BARBA, M., op. cit., p. 213.

de Cristo, desde a Encarnação e Natividade até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor” (cf. n 102).

O ano litúrgico santifica todo fiel que participa, como que a “conta-gotas”, a cada domingo. Pois a cada domingo, com efeito, a Igreja nos oferece, através da Eucaristia celebrada, o todo da salvação. O ano litúrgico é ornado de grande riqueza para cada fiel; por isso, é a celebração da Igreja, pois “a liturgia introduz o tempo terreno no tempo de Jesus Cristo e em sua presença.”<sup>230</sup>.

Nesse sentido, vale dizer que a ciclicidade do ano litúrgico não significa repetitividade. O domingo, ao mesmo tempo em que renova o mistério pascal de Cristo, almeja com esperança sua vinda gloriosa. Cada domingo é novidade e lança o homem para um “porvir” tenso e esperançoso. O domingo é a festa primordial, e, em certo sentido, como se dirá mais adiante, é a antecipação da festa final, isto é, da parusia, na qual a Igreja celebrará eternamente a vitória de Jesus.

A celebração do mistério de Cristo ao longo do ano constitui uma unidade simbólica e uma metáfora da vivência de Jesus de Nazaré, o qual, na sinagoga de Cafarnaum, inaugurou “o Ano da graça do Senhor” (Lc 4,19). Nesse sentido, os domingos e as respectivas semanas recuperaram a unidade e a continuidade.<sup>231</sup>

A proclamação das Sagradas Escrituras<sup>232</sup> ganha centralidade nas celebrações dominicais por uma lucidez dos padres conciliares ao afirmar que “não existe reforma, progresso e adaptação litúrgica sem o gosto saboroso e vivo da Escritura.”<sup>233</sup>. Os padres conciliares desejaram, por exemplo, como parte integrante da Liturgia da Palavra que, em toda missa, especialmente aquelas celebradas nos domingos e dias de festa, fosse feita a homilia.

<sup>230</sup> BENTO XVI, op. cit., p. 53.

<sup>231</sup> ROSSO, S., op. cit., p.187.

<sup>232</sup> Limita-se aqui a indicar o significado que reveste, no âmbito da celebração litúrgica, o tipo e a distribuição dos textos bíblicos, tendo presente, sobretudo, a celebração da Eucaristia. A liturgia da Palavra na celebração eucarística é um diálogo entre Deus e a assembleia, que deriva do diálogo que Deus sempre estabeleceu com seu povo na história da salvação. Por isso, o Ano Litúrgico se organiza para que se leia grande parte da Sagrada Escritura na Liturgia. No domingo, através de três leituras: a primeira, do Antigo Testamento; a segunda, de alguma carta dos Apóstolos ou Apocalipse e a terceira, o Evangelho “Todo domingo, todos os dias, toda hora, a Igreja, representada em qualquer parte do mundo em uma de suas comunidades, se reúne para continuar o diálogo com o seu Senhor.” FERRIS, F., *La mensa della Parola e dell'Eucaristia. Per ben celebraer con il Lezionario e il Messale*. Milano: Paoline, 2008, p. 47.

<sup>233</sup> DE ZAN, R., *I molteplici tesori dell'unica Parola. Introduzione al lezionario e alla lettura liturgica della Bibbia*. Padova: Messaggero, 2008, p. 56

É necessário recordar que, até o Concílio Vaticano II, a liturgia da Palavra da missa era chamada “mesa didática” e a teologia moral ensinava que, para cumprir o preceito festivo de escutar a missa, era suficiente entrar na igreja no momento do ofertório e se podia sair depois da comunhão. Era clássica a expressão *ex velo ad velum* para indicar os dois momentos: se tratava do momento no qual o cálice era descoberto do seu véu para o ofertório e do momento no qual o cálice, depois de purificado, vinha recoberto com o véu após a comunhão.<sup>234</sup>

A valorização da proclamação da Palavra de Deus na liturgia foi uma grande riqueza. “O Concílio Vaticano II determinou na Igreja de hoje um notável despertar de interesse pela Palavra de Deus.”<sup>235</sup>. Tanto é verdade que a reforma litúrgica acabou por oferecer um lecionário próprio para o domingo, ampliando, dessa forma, o acesso aos textos litúrgicos. É uma maneira de enriquecer o domingo. No curso do ano litúrgico, a Igreja podia alimentar-se na Mesa da Palavra e da Eucaristia; assim, “o domingo é declarado dia festivo”.<sup>236</sup> A Eucaristia dominical, depois da reforma, não é somente um preceito. A celebração da eucaristia no domingo se torna também momento de encontro com o Senhor, que fortalece a vida comunitária e social de todos. A Eucaristia se enriquece com novos textos, orações e ritos.

O Concílio Vaticano II, promovendo a participação plena e ativa dos fiéis na liturgia, através da celebração comunitária dos sacramentos, especialmente da Eucaristia, fixando o domingo como lugar-espço privilegiado para essa celebração, recupera a índole originária do domingo. Em sua raiz original, domingo é o dia da festa por causa da ressurreição de Cristo, dia de encontro com a comunidade fiel que aguarda a vinda gloriosa do ressuscitado. E a comunidade eclesial aguarda essa vinda, alimentando-se do pão da Palavra e da Eucaristia.

De ano a ano, percorremos assim o caminho pascal: passando pela espera ardente do advento da definitiva vinda do Senhor, à divinização pela encarnação e manifestação do Filho de Deus em nossa humanidade, celebrada no natal e na epifania; o deserto da quaresma; a paixão da cruz e a vitória da ressurreição; o fogo de pentecostes; a lenta e perseverante identificação com Cristo Jesus ao longo do tempo comum”.<sup>237</sup>

<sup>234</sup> DE ZAN, R., op. cit., p 55.

<sup>235</sup> FERRIS, F., op. cit., p.30.

<sup>236</sup> BOROBIO, D., *Celebrar para viver. Liturgia e sacramento da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 43.

<sup>237</sup> BUYIST, I., ARIIVALDO, J., op. cit., p. 88

Ao lembrarmos os ensinamentos de Jesus Cristo por meio do ano litúrgico, somos convidados a nos unirmos ainda mais a Ele na fé. Não nos resta dúvida que, diante de tamanha riqueza, o domingo precisa ser redescoberto, não como um dia do calendário, mas como uma espiritualidade. Como cristãos, fortalecemos nosso compromisso como discípulos missionários de Jesus Cristo ao celebrarmos a obra libertadora de Deus em favor da humanidade. A mística dominical nos conduz a uma prática cristã e nos faz experimentar o céu já aqui na terra como uma realidade verdadeira.

A descoberta e aprofundamento do valor e do sentido da festa que o domingo produz se dá muito mais no interior do que no exterior, pois a Páscoa de Cristo passa a ser algo dentro do cristão que, já renascido pelo batismo, configura, dia a dia, sua vida com o Mistério de Cristo. Se a comunidade leva a sério o que celebra no domingo, ao longo da semana se esforça para manifestar em atos o que significa e atualiza pelos ritos, o que Bento XV chama de “Eucaristia, mistério vivido”<sup>238</sup>. Santo Inácio de Antioquia exprimia essa verdade da seguinte forma: “aqueles que chegaram à nova esperança e apresentava-os como ‘aqueles que vivem segundo o domingo’”<sup>239</sup>. Somente assim o mistério iluminará e dará sentido à vida.

O ano litúrgico possui uma especial graça, capaz de santificar o batizado e alimentar a sua fé. Não se pode crescer na amizade com Jesus sem conhecer a sua história e o ano litúrgico é, sem dúvida, a releitura de vida de Cristo. Por isso, no próximo ponto vamos falar da pastoralidade do domingo. Não se pode pensar no domingo sem a Eucaristia, sem a comunidade reunida, ainda que seja a celebração sem a presidência do sacerdote. “Reunir-se em assembleia em nome do Senhor é de fato, expressão da comunhão e do amor que une os discípulos de Jesus entre si.”<sup>240</sup>.

<sup>238</sup> BENTO XVI, op, cit., p. 103.

<sup>239</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epístola aos Magnésios*. In: AI, p.113.

<sup>240</sup> BRANDOLINI, L., “La celebrazione Eucaristica domenicale in assenza del prebitero”. In: BARBA, M., op, cit., p. 233.

### 3.3 A dimensão pastoral do domingo

Muitas vezes, nos debates conciliares, encontra-se um discurso sobre o valor dogmático da Constituição *Sacrosanctum Concilium* e sua relação com as exigências pastorais. Quando se fala de “pastoral” na Igreja, pode-se facilmente cair no erro de identificar a palavra com os grupos de fiéis que se dedicam a um serviço especializado na Igreja. Quando se fala de pastoral, referimo-nos à ação mesma da Igreja que, como sinal de Cristo, exerce o seu *múnus*<sup>241</sup> de pastorear o rebanho do Salvador (cf. Jo. 21;15-18).

O Vaticano II foi, em grande medida, um Concílio sobre a Igreja com enfoque pastoral, “aí está, sem dúvida, um dos traços originais desse Concílio”<sup>242</sup>. Havia no ar muitos outros problemas graves à fé e à moral, no entanto, “o Papa queria que o novo Concílio tivesse um ‘cunho pastoral’, não doutrinário, voltado para as novas exigências da presença e da missão evangelizadora no seio do mundo moderno.”<sup>243</sup>.

O termo “pastoral” remete à ideia bíblica do pastor e que Jesus usou várias vezes, para si, como aquele que guia e cuida das suas ovelhas. “Pastoral serve para traduzir as atividades da Igreja, seja em seu interior, seja em relação ao mundo externo. Abrange a catequese, a liturgia, os cursos de preparação para a recepção dos sacramentos, além de ações sociais.”<sup>244</sup>.

Jesus, em seu ministério para expressar o cuidado que tinha com as pessoas, afirma: “Eu sou o Bom Pastor. Eu dou a vida por minhas ovelhas” (cf. Jo 10, 11-15), imagem esta oriunda da prática corrente no povo de Israel: o pastoreio das ovelhas. Após a sua ressurreição, ele confia a Pedro a missão de pastorear “apascenta as minhas ovelhas” (cf. Jo 21,15-18). No entanto, a missão de pastorear não está restrita aos pastores, papa, bispos e padres, mas a todo povo de Deus, ou seja, a toda a Igreja. É uma ação eclesial que encontramos descrita na Constituição

---

<sup>241</sup>O *múnus* pastoral da Igreja está ligado ao próprio *múnus* de Cristo que é o Pastor verdadeiro do rebanho. Ao lado do *múnus* pastoral, está o *múnus* sacerdotal - a missão de santificar os cristãos através dos sacramentos – e o *múnus* profético – que é a missão de anunciar o evangelho.

<sup>242</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 67.

<sup>243</sup> BIGHENTI, A., “Pastoral”. In: PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. (org). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p.716.

<sup>244</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 67.

conciliar *Lumen Gentium* (cf 2-8), onde a ideia de Igreja aparece como comunidade reunida pelo Pai, em Cristo.

A constituição sobre a Igreja – *Lumen Gentium* (Luz dos Povos – LG) torna-se como que o tronco do Concílio e representa, no campo da eclesiologia, uma autêntica revolução. Surge um novo modo de ser e de compreender a Igreja. De um modelo de Igreja como sociedade perfeita, passa-se agora a uma pluralidade de imagens, complementares entre si e orientadas pela perspectiva do mistério e da Trindade.<sup>245</sup>

Até o Concílio Vaticano II, a Igreja se percebe como uma sociedade hierarquizada, ou seja, estava sob uma concepção demasiadamente institucional, jurídica, clerical e verticalista de si mesma. “O Concílio pede que, entre pastores e fiéis, haja uma ‘comunidade de relações’ e um mútuo apoio.”<sup>246</sup> Essa foi a novidade do Concílio Vaticano II diante da proposta eclesiológica do segundo milênio. “O Concílio, ao deslocar a ênfase, na definição da Igreja, da hierarquia para o povo de Deus, abriu caminho para essa participação mais ativa e responsável de todos na vida e na construção da Igreja.”<sup>247</sup> O batismo vem a ser o sacramento através do qual os fiéis participam e exercem o sacerdócio de Cristo. O que a *Lumen Gentium* deixa transparecer é que os batizados, quando participam da assembleia litúrgica, estão, de fato, participando do sacerdócio de Cristo, o que encontra fundamentação bíblica (cf. 1Pd 2,4-10; 3,15; At 2,42-47; Rm 12,1).

O domingo, como desejou o Concílio Vaticano II, transformou-se em especial instrumento da ação pastoral da Igreja e, portanto, em espaço privilegiado do exercício do sacerdócio comum de todo batizado. Sendo o dia por excelência em que se realizam todos os sacramentos, especialmente a eucaristia, o Dia do Senhor é também “dia de ir à Igreja”. É o dia da catequese, da mistagogia. Em meio às muitas atividades do dia-a-dia, o povo cristão encontra no domingo a oportunidade para experimentar de maneira profunda e profícua a vida cristã. É dia de encontro com Deus e com os irmãos. É dia de repouso e gratidão a Deus pelo trabalho realizado.

<sup>245</sup> ZANON, D., op. cit. p.15.

<sup>246</sup> ZANON, D., op. cit. p 17.

<sup>247</sup> BEOZZO, J. O., *A Igreja após o Vaticano II*. Revista Vida Pastoral. Nov/dez, 1985, p. 33-40.

O domingo dá a rítmica semanal do tempo. A cada oito dias, cessam-se os trabalhos e dá-se lugar ao louvor. A cada oito dias, os cristãos se reencontram e a Igreja pode curar o seu rebanho. Grande parte das pessoas, por exemplo, só têm acesso à Palavra de Deus no domingo, quando escutam a proclamação dos textos bíblicos com a atualização pelo presidente da celebração. A formação cristã, moral e espiritual do povo se dá particularmente no domingo.

A missão pastoral da Igreja é, principalmente, a santificação dos fieis<sup>248</sup>. Assim, o Concílio apresenta a liturgia como cume e fonte da vida da Igreja: “Liturgia é simultaneamente o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força.”<sup>249</sup>. Em outras palavras, toda a ação pastoral da Igreja é em função da celebração do mistério da fé e nasce da celebração desse mesmo mistério. A Igreja centraliza sua vida pastoral na Eucaristia que, na realidade, é a mais plena expressão eficaz da comunidade cristã. Nesse sentido, podem-se distinguir quatro momentos da ação pastoral da Igreja: a preparação eucarística remota, a preparação imediata, a ação litúrgica em si mesma e a ação missionária.

A preparação remota para a Eucaristia pode se identificar com a catequese. A partir do modo como foi programada a celebração dos sacramentos da iniciação cristã<sup>250</sup>, pode-se observar a centralidade da Eucaristia em relação aos demais sacramentos. Já no antigo instituto do catecumenato<sup>251</sup> se podia ver que o batismo e a confirmação visavam à introdução do fiel na plena celebração dos mistérios da fé. O sacramento da penitência, por sua vez, visava à reinserção do fiel em situação de pecado na vida celebrativa da comunidade. A plena participação na celebração eucarística era símbolo da plena participação na vida comunidade.

O ano litúrgico é o método tradicional da Igreja educar e alimentar a fé do povo. A Constituição litúrgica, *Sacrosanctum Concilium*, inicia-se colocando a

<sup>248</sup>Cf. BUYIST, I.; ARIIVALDO, J., op. cit., p. 126.

<sup>249</sup>Cf. SC. n. 10.

<sup>250</sup>De fato, os sete sacramentos encontram sua centralidade na Eucaristia. Assim, na iniciação cristã, o sacramento do batismo e o da confirmação não só introduzem o cristão na vida eclesial, mas também o preparam para a plena integração no Corpo de Cristo, que se dá através da Eucaristia.

<sup>251</sup>O catecumenato era o modo usado pela Igreja na antiguidade para introduzir uma pessoa na vida cristã. Não se tratava somente de catequizar uma pessoa, mas de lhe iniciar na compreensão e vivência dos mistérios na fé. Os vários ritos pelos quais passavam os catecúmenos serviam de instrumentos mitológicos, visando prepará-los para a grande celebração do batismo e da eucaristia, geralmente no sábado santo. Depois de cair em desuso, por causa do batismo efetuado já nos primeiros dias de vida das crianças, o catecumenato foi recuperado depois do Concílio Vaticano II, através da promulgação do Rito de Iniciação Cristã de Adultos – RICA, em 1972.

liturgia no mais vasto contexto da história da salvação, “o mistério de Jesus constitui ‘a totalidade’ do ano litúrgico, e qualquer pastoral do ano litúrgico que se proponha deve conduzir a ele.”<sup>252</sup>. O objetivo que se queria alcançar com a reforma conciliar consistia em “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis” (cf. SC 1). Assim, promovendo tal reforma, o Concílio desejava que o povo pudesse plenamente atingir o mistério celebrado, sem colocar outro objetivo que não seja Cristo. “A plena participação do leigo na Igreja se manifesta também nesses papéis primordiais exercidos por ele na preparação remota, como desejo do Concílio Vaticano II. No momento celebrativo, a Igreja manifesta a sua natureza e o seu mistério.”<sup>253</sup>

O leigo está presente também na preparação imediata da celebração eucarística. O Concílio Vaticano II prescreve: “sejam cuidadosamente imbuídos do espírito litúrgico e preparados para executar as suas partes, perfeita e ordenadamente”<sup>254</sup>. No fundo, refere-se à chamada “pastoral da liturgia”. Referimo-nos, sim, à pastoral específica para a preparação das celebrações, que é o coração e a ponta de lança no trabalho na vida litúrgica de uma comunidade. Ela tem a missão de preparar subsídios, espaço, cânticos, livros e outros materiais que serão usados na liturgia. Esse grupo já atua como sinal de comunhão, porque ali se veem padres e leigos sentados juntos, organizando-se para um trabalho conjunto.

A pastoral da liturgia, nessa fase e na fase seguinte, isto é, na fase da celebração eucarística em si, tem a missão particular de favorecer e promover a plena, ativa e consciente participação dos fiéis nas celebrações. Sabemos que a participação ganha qualidade quando se sabe o que está celebrando.

No conjunto da ação pastoral da Igreja, a pastoral litúrgica constitui um campo específico de suma importância, articulada com as demais pastorais. Conforme o concílio, “a liturgia não esgota a atividade da igreja (cf. SC 9), mas é o cume e a fonte de toda sua ação pastoral” (cf. SC 10). Antes que os homens possam chegar à liturgia, é necessário que sejam chamados à fé e à conversão pelo anúncio da palavra.<sup>255</sup>

<sup>252</sup> BORÓBIO, D., “Pastoral do Ano Litúrgico.” In: BOROBIO, D., p. 257.

<sup>253</sup> BONOMO, F. “Catechesi e liturgia, un rapporto complesso”. In: *Liturgia e Catechese*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1993, p. 33.

<sup>254</sup> Cf. SC, n. 29.

<sup>255</sup> CELAM, *Manual de liturgia: A celebração do mistério pascal outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*, São Paulo: Paulus, vol. IV, 2007, p. 303-304.

Quando a pastoral da liturgia caminha bem e consegue realizar sua missão, promove e favorece a ministerialidade, ajuda a comunidade a celebrar bem. O pós-concílio viu florir uma vivacidade ministerial. “O ideal será que todos os que estão presentes na ação litúrgica participem em plenitude e que alguns tenham uma participação animadora ministerial, de modo que se viva o mistério em atualidade transformativa, expresse-se a fé realizando-se, e renove-se a vida no amor e na esperança.”<sup>256</sup>.

A restauração do diaconato permanente<sup>257</sup> é uma das riquezas herdadas do Concílio, juntamente com o leitorato e acolitato. Contudo, a celebração participada proporcionou até mesmo o nascimento de novos ministérios litúrgicos, de caráter propriamente leigo, como o mistério extraordinário da distribuição da sagrada comunhão eucarística. Vimos também renovados os ministérios de música, do salmista e outros. Os leigos também poderiam exercer o ministério extraordinário do batismo e de testemunhas qualificadas do matrimônio.

Contudo, foi particularmente sentida em todas as partes do mundo a necessidade de celebrar o domingo, ainda quando não estivesse presente um ministro ordenado. A importância do domingo na vida Igreja foi tão bem compreendida pelos padres conciliares que eles não puderam deixar de reconhecer a possibilidade real da celebração dominical sem a presença de ministro ordenado, prática impensável antes do Concílio. Porém, a realidade de muitas comunidades, especialmente no Brasil, passou a exigir a solução para a ausência de padres para presidência da Eucaristia.

A eucaristia é, por excelência, a celebração do Dia do Senhor. Muitas comunidades não podendo, porém, celebrar a eucaristia, por falta de presbítero, reúnem-se e celebram os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus e, desse modo, asseguram o sentido do domingo. No Brasil, a falta de padres, a dispersão populacional e a situação geográfica do país impedem que inúmeras comunidades tenham a celebração eucarística aos domingos.<sup>258</sup>

<sup>256</sup> BORÓBIO, D., “Pastoral do Ano Litúrgico.” In: BORÓBIO, D., p. 261.

<sup>257</sup> Depois do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI publicou duas cartas apostólicas – *Sacrum Diaconatus Ordinem*, de 18 de junho de 1967, e *Ad Pascendum*, de 15 de agosto de 1972 – através das quais restaurava a antigüíssima instituição do diaconato permanente.

<sup>258</sup> CNBB, *Guia litúrgico-pastoral*, op, cit., p. 18.

A comunidade eclesial se conhece herdeira e, ao mesmo tempo, responsável por manter a celebração do domingo. Celebrar o domingo é celebrar a vida de Cristo, de cujo Corpo Místico somos membros (cf. (1Cor 12, 12; Cl 1,18; Ef 5,23; Rm 12,4-5). O domingo celebra a vida da própria comunidade. A celebração na ausência de ministro ordenado é realizada sempre em referência à Eucaristia. Ainda que durante a celebração seja distribuído o Corpo de Cristo para comunhão dos fiéis, a plenitude, o mistério eucarístico, realizam-se na celebração comunitária da missa. No entanto, pode-se dizer que a celebração da Palavra realiza plenamente o sentido do domingo na vida da comunidade eclesial. Muitas comunidades são sustentadas na fé por causa desse modo de santificar o Dia do Senhor.

Promova-se a celebração da Palavra de Deus nas vigílias das festas solenes, em alguns dias feriais do advento e da quaresma e nos domingos e dias de festa, especialmente onde não houver padre; neste caso será um diácono, ou outra pessoa delegada pelo bispo, a dirigir a celebração<sup>259</sup>.

A necessidade de celebrar o domingo favorece a ministerialidade na Igreja. No entanto, os padres conciliares deixam claro que cada ministro deve se limitar a fazer única e exclusivamente aquilo que lhe compete, para favorecer a participação e a ministerialidade. “Nas celebrações litúrgicas, cada qual, ministro ou fiel, ao desempenhar a sua função, faça tudo e só aquilo que pela natureza da coisa ou pelas normas litúrgicas lhe compete.”<sup>260</sup>.

É uma forma de realçar o sentido do batismo que faz do povo cristão um povo sacerdotal. A unção pós-batismal torna o cristão “participante da natureza divina” (cf 2Pd 1,4), significando, para cada batizado, que ele é ungido como membro do Corpo de Cristo para participar dessa missão profética, sacerdotal e real, povo de pastores e povo de profetas. A partir do Concílio Vaticano II, os três munús eclesiais deixam-se de ser resumidos na figura do presbítero e voltam a ser compartilhados com os fiéis leigos. Assim, encontra-se plena participação do leigo não somente no munús de ensino da Palavra, mas também no munús de santificação.

O leigo também participa do munús de governo pastoral. Pode-se dizer que, ao lado do surgimento de uma liturgia renovada, surge também uma eclesiologia

<sup>259</sup> Cf. SC., n. 35, 4.

<sup>260</sup> Cf. SC, n. 28.

renovada. “No princípio está a Igreja como maravilhoso mistério de comunhão entre todos os batizados – Povo de Deus – e não solidão da hierarquia.”<sup>261</sup>. Daí nasce uma eclesiologia de comunhão.

Na América Latina, surgem as Comunidades Eclesiais de Base, as CEB's. Elas recolhem os frutos mais ricos dessa reforma litúrgico-elesial e tornam-se difusoras dessa reforma. As CEB's, como comunidade eclesial<sup>262</sup>, são lugar histórico da difusão de uma liturgia renovada no Brasil. Ali aparece a comunidade cristã desejosa de celebrar a vitória de Cristo. A comunidade se torna berço de todos os ministérios, para o serviço da própria comunidade de toda a Igreja. Numa “rede de comunidades”, a própria comunidade é missionária, ou seja, ela se vê responsável por todo o edifício eclesial. Assim nascem os conselhos pastorais, como Conselho de Pastoral, Conselho Administrativo e Econômico, em nível de paróquia e de diocese. O leigo também toma parte do múnus de governo.

A expressão “Dia do Senhor”, já mencionada no Antigo Testamento (cf. Am 5,18;5,9), remete para a vinda escatológica, enquanto no Novo Testamento se aplica ao dia da segunda vinda de Cristo. Nesse sentido, o dia da ressurreição do Senhor Jesus, dia da celebração do culto cristão, surge como uma antecipação do grande dia final.<sup>263</sup> A comunidade que se reúne no domingo celebra essa espera vigilante da volta de Cristo. A Igreja nos possibilita saborear as primícias de um reino futuro que antecipa o culto da Jerusalém celeste.

A Eucaristia se desdobra na vida. “Por isso, também os cristãos são chamados a serem pessoas dominicais, isto é, que vivam sempre sua vida em Cristo ressuscitado.”<sup>264</sup>. Como tudo teve como ponto de chegada o domingo como lugar primordial para a celebração comunitária da Eucaristia, tudo toma sentido a partir também do domingo. A retomada da vida ordinária deve ser iluminada pelo que celebramos no domingo. A Eucaristia deve ser ponto de partida para a renovação social, para a denúncia das injustiças, porque a comunhão com o Corpo de Cristo é

<sup>261</sup> BOFF, L., *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. São Paulo: Vozes, 1988, p. 23.

<sup>262</sup> Como um movimento de grande amplitude, as CEB's se configuraram de maneiras diferentes em todo o Brasil. Do modo como elas hoje se apresentam, poderia se dizer que se configuram como um movimento de caráter nacional, com coordenação centralizada. No entanto, as pequenas comunidades existentes no interno das paróquias que, muitas vezes, não têm contato com todo o restante do movimento, manifestam-se como parte estrutura da grande comunidade eclesial, isto é, da paróquia como comunidade de comunidades.

<sup>263</sup> CARDOSO, I. M. A. op. Cit., p. 128.

<sup>264</sup> BECKHÄUSER., A., op. Cit., p.34.

também comunhão com seu Corpo Místico. O encontro com a comunidade não pode ser vivido na indiferença. “O batizado se torna, ele próprio, uma fonte.”<sup>265</sup>.

A proclamação e meditação da Palavra de Deus coloca o fiel numa dimensão solidária. A leitura comunitária da Palavra introduz o cristão no mistério celebrado e no mistério do outro. Assim, toda a ministerialidade que nasce do domingo, em certo sentido, lança a Igreja numa missionariedade: “Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar.”<sup>266</sup>. Uma Igreja sempre em missão, cumprindo o mandado de Jesus: “ide e fazei que todos os povos se tornem discípulos” (cf. Mt 28, 19a). Portanto, para nós batizados, “a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer.”<sup>267</sup>.

Por fim, tratar da pastoralidade do domingo nos leva a pensar na categoria de Paróquia. A Paróquia, por excelência<sup>268</sup>, é sinal da divina esposa que aguarda o seu esposo no tálamo nupcial. Com a Paróquia reunida para a liturgia dominical, realiza-se, de modo pleno, esse amor do noivo que sempre vem ao encontro da noiva, a Igreja: “a noiva está pronta para se encontrar com o noivo e a aliança se realiza definitivamente. Eis a tenda de Deus com os humanos. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus”.<sup>269</sup>.

A grande expressão litúrgica da vida de uma Paróquia está ligada à pastoralidade do dominical. “A Eucaristia, fonte e ponto alto da vida cristã, faz com que nossas paróquias sejam sempre comunidades eucaristizadas, que vivem sacramentalmente o encontro com o Cristo Salvador. Elas também celebram com

<sup>265</sup> BENTO XVI, op. cit., p. 183.

<sup>266</sup> FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, n.119.

<sup>267</sup> Idem, n.121.

<sup>268</sup> O Documento de Aparecida apresenta a paróquia como lugar privilegiado de encontro com Deus, onde os discípulos de Jesus Cristo fazem a mais profunda experiência de comunhão de fé e amor. Nela reunidos, podem escutar os ensinamentos de Jesus e partir pelo mundo afora anunciando o seu amor como uma tarefa missionária de todo batizado (At 2,1-13). A V Conferência Geral dá à Paróquia um destaque privilegiado, sugerindo uma profunda renovação das mesmas: “entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se foram os discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as Paróquias. São células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial. São chamados a ser casas e escolas de comunhão.”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 86.

<sup>269</sup> BUYST, I.; ARIIVALDO, J. S. op. cit., p. 81.

alegria”.<sup>270</sup> Essa alegria tem sua fonte exatamente no domingo, porque nele fazemos memória de Cristo morto e ressuscitado.

É a partir da paróquia que o batizado é enviado em missão, a serviço do Reino de Deus. No ministro que vai encontrar os enfermos, os presos, no serviço dos pobres, nas lutas sociais em favor dos mais fracos e necessitados, em tudo isso, é a comunidade eclesial - paroquial - que age. Animados pela força da comunhão com a vida de Cristo, os cristãos partem em missão para ser sinal no mundo da ressurreição do Senhor. A Pastoralidade do domingo se torna evidente quando o cristão é sujeito dominical, no qual a participação plena no sacrifício de Cristo, em sua ação redentora em favor dos homens, expressa na liturgia, deve realizar uma síntese do homem e do divino. Do visível com o invisível, do social com o espiritual do qual é constituída a Igreja. Essa é a dimensão pastoral do domingo, cuja “finalidade pastoral do Concílio se expressou na atitude positiva da Igreja diante do mundo moderno, reconciliando-se com ele.”<sup>271</sup>.

---

<sup>270</sup>CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Documentos de Aparecida*. op. cit., p. 88.

<sup>271</sup> LIBANO, J. B., op, cit., p. 69.

## 4 Domingo: Dia do Senhor

### 4.1 O mistério pascal de Cristo e o domingo

A partir deste ponto, nos propomos a refletir sobre a categoria do mistério pascal<sup>272</sup> de Cristo, uma das mais felizes recuperações do movimento litúrgico. A consciência de que quando a comunidade se reúne aos domingos está, de fato, fazendo memória e, ao mesmo tempo, atualizando a eficácia do mistério pascal de Cristo, enche de sentido tudo o que a Igreja faz. “A liturgia não é uma ideia, um discurso, mas uma ação, uma ação simbólica, ritual, que evoca e torna presente, por obra do Espírito Santo, a páscoa de Cristo.”<sup>273</sup>

A *Sacrosanctum Concilium* dá ênfase ao mistério pascal como eixo de toda a ação litúrgica, possibilitando falar de uma liturgia cristocêntrica. No coração da celebração eucarística, que é, por sua vez, o centro de toda vida litúrgica da Igreja, ressoam para a assembleia reunida as palavras proferidas por Jesus, transmitidas por Lucas e Paulo “Fazei isto em memória de mim!” (cf. Lc 22,19-20; 1Cor 11,23-26). Este é o mistério da fé que fortalece e dá sentido à vida eclesial.

Ao celebrar a memória da nova criação, da libertação do pecado e a esperança da salvação eterna, estamos renovando o mistério de Cristo que doa a sua vida. A páscoa celebrada pelos judeus anualmente foi renovada pelo mistério de Cristo, pelo seu sangue derramado na cruz, “sangue da nova e eterna Aliança” (cf. 1Cor 11,24). Dessa forma, os cristãos não celebram apenas anualmente a páscoa, mas a cada semana no domingo – e todas as vezes que se reúnem – com um

---

<sup>272</sup> Por Mistério Pascal, entendemos toda a vida, paixão, morte, ressurreição e ascensão do Senhor. Dizemos ser mistério porque, de um ponto de vista conceitual, mistério significa escondido, não manifestado, irracional. Nesse sentido, não se pode ser explicado, mas somente sentido, experimentado mediante uma experiência toda pessoal que em muito se relaciona com a revelação de Deus que se revela quando e a quem ele quer. O Mistério tem suas característica e reações na alma da pessoa, na interioridade; no entanto, Deus sempre continuará sendo para nós um mistério, o qual nossas palavras jamais poderiam expressar em sua totalidade. A Morte de Cristo é um Mistério, porque não se pode compreender a loucura de seu amor que dá a vida por nós

<sup>273</sup> SORCI, P., “La partecipazione istanza fondamentale del rinnovamento liturgico”. op. cit., p. 74.

novo cordeiro pascal: Jesus Cristo, pois a “Eucaristia representa o mistério pascal em sua plenitude.”<sup>274</sup>

Em cada Eucaristia, os cristãos celebram e assumem o mistério pascal, participando dele. Portanto, os fiéis devem viver sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais eucarística<sup>275</sup>.

A Eucaristia atualiza a páscoa de Cristo e Ele nos atrai para si, para uma relação que nos coloca em íntima união com Deus Pai. A morte e ressurreição do Senhor são atualizadas na vida da pessoa que experimenta o mistério<sup>276</sup>. O termo “mistério pascal” tem uma pré-história. Esse termo se encontra pela primeira vez no século II, em uma homilia de Melitão de Sardes sobre a páscoa, datada entre os anos 165 e 185. Melitão afirma que “novo e antigo, eterno e temporário e imperecível, mortal e imortal é o mistério da páscoa”<sup>277</sup>. O referido autor chega a dizer claramente que o mistério da páscoa é Cristo<sup>278</sup>. O testemunho atribuído a Melitão não é o único acerca do uso do termo, mas já é suficiente para se constatar a antiguidade do mesmo.

O termo mistério pascal, tão presente na liturgia e na tradição cristã da Igreja, quer significar não um conteúdo dogmático, mas uma realidade concreta. “Os documentos conciliares também recuperam a concepção bíblica da Eucaristia

<sup>274</sup> SORCI, P., “La partecipazione istanza fondamentale del rinnovamento liturgico”. op. cit. P. 74.

<sup>275</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Documentos de Aparecida*. op. cit., p. 117-118.

<sup>276</sup> A palavra *mysterion*, de origem grega, é formada por dois elementos: pelo verbo *mýo* (carrega sentido de fechar, normalmente os olhos ou a boca) e pelo sufixo *térion* (porta o significado de lugar onde se deve fazer algo). Assim, podemos dizer que, etimologicamente, é o local onde se deve guardar silêncio. Por isso essa palavra se faz presente na liturgia com muita frequência, sempre como uma forma de referir-se a Deus. A iniciativa de revelar-se é própria de Deus e nasce de sua bondade amorosa que se dá a conhecer ao ser humano; no entanto, não podemos abarcar a totalidade de sua Pessoa com nossa inteligência. Assim, na linguagem comum, mistério remete a segredo, enigma, algo incompreensível ou oculto, aquilo que ultrapassa nossa compreensão. Quando, por exemplo, dizemos que algo é mistério, não é tanto porque não sabemos expressar acerca dele, mas para não dizer aquilo que ele não é; a linguagem do mistério é a contemplação, o silêncio. No entanto, na literatura apocalíptica da Bíblia, o termo “mistério” aparece com um sentido novo, específico: o plano secreto da intervenção definitiva do Senhor Deus na história a favor de seu povo e que é revelado aos sábios e profetas. É na morte e ressurreição que se desvela o mistério da Pessoa de Jesus Cristo – mistério anunciado, por muito tempo, pelos profetas – e, na atualidade, a celebração no mistério da liturgia que é mistério de Deus operando misteriosamente no memorial da Páscoa de Jesus Cristo.

<sup>277</sup> CANTALAMESSA, R., *I piu antichi testi della chiesa*. Roma: Edizione Liturgiche, 1972.

<sup>278</sup> SORCI, P. “Mistério Pascal”. In: SARTORE, D; TRIACCA, A., M., A. CIBIEN, C., (orgs.). op. cit., p. 771-787.

como memorial do mistério pascal na sua totalidade.”<sup>279</sup> É uma centralidade teológica que resume “a totalidade do acontecimento salvífico em Jesus Cristo.”<sup>280</sup>. Encontramos no mistério pascal a fonte de toda a vida cristã, tal como nos apresenta a oração sobre as oferendas da Vigília Pascal: “Acolhei, ó Deus, com estas oferendas as preces de vosso povo, para que a nova vida que brota do mistério pascal seja por vossa graça penhor de eternidade.”<sup>281</sup>.

O resgate da categoria de mistério foi uma das intuições mais fecundas da Constituição *Sacrosanctum Concilium*.<sup>282</sup> A páscoa de Cristo é misteriosa porque atual. “Todas as vezes que comem a Ceia do Senhor, anunciam a sua morte até que Ele venha.”<sup>283</sup>. É um evento histórico, testemunhado por homens e mulheres e que, celebrado de maneira sacramental, produz efeitos de salvação na vida dos que o celebram. O mistério não é somente um conteúdo intelectual, mas principalmente um lugar, uma realidade espiritual que pode ser acessada pelo homem de fé

De fato, a celebração do mistério pascal nos ajuda a compreender o desígnio salvífico de Deus Pai, que encontrou sua realização na morte e na ressurreição de Cristo e se prolonga no tempo através da ação da Igreja, guiada pelo Espírito Santo. Na Páscoa de Cristo, podemos entender a salvação da humanidade planejada e preparada pelo Pai.<sup>284</sup>

No capítulo V da *Sacrosanctum Concilium*, a categoria teológica mistério pascal é de singular importância para se articular a páscoa de Cristo com a celebração do domingo. “Desse modo o mistério pascal é colocado como fundamento e chave interpretativa de todo o culto cristão.”<sup>285</sup>

Poderia dizer-se que o Concílio resgata como centro da vida da Igreja o mistério pascal, alterando a forma de compreender e vivenciar a liturgia. Vale dizer que o Concílio apresenta a “liturgia como ação salvífica de Cristo na Igreja”.<sup>286</sup> Ele é o ápice do culto prestado pela Igreja através do Filho ao Pai, na força do Espírito Santo. Dessa forma, a ação sacramental da Igreja está ligada ao mistério pascal,

<sup>279</sup>SILVANO, A. Z., “Eucaristia”. In: PASSOS, J. D., SANCHEZ, L. W., op. cit., p. 375.

<sup>280</sup> GERHARDS, A.; KRANEMANN, B. *Introdução à Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 163.

<sup>281</sup> MISSAL ROMANO, op. cit., p. 290.

<sup>282</sup>O termo mistério aparece 23 vezes ao longo do documento da *Sacrosanctum Concilium*, na dinâmica mistério e liturgia. Muitas vezes, o termo aparece para fundamentar a natureza da liturgia: “mistério pascal”, “mistério de Cristo”, “sagrados mistérios” etc. Como podemos verificar, por exemplo, nos parágrafos quinto e sexto.

<sup>283</sup> Cf. SC, n. 6.

<sup>284</sup> SORCI, P. “Mistério Pascal”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.), op. cit., p. 771-787.

<sup>285</sup> SORCI, P. “Mistério Pascal”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.), op. cit., p. 772..

<sup>286</sup> FLORES, J. J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 295.

visto que toda a vida de Cristo se concretiza plenamente no ato de sua entrega na cruz. Mas se pode verificar outros momentos pascais na história da salvação. Dessa forma, a Igreja continua a páscoa de Jesus através dos sacramentos e da liturgia.

A trajetória da visibilidade de Deus na história da salvação tem três momentos significativamente especiais, pelas suas características de aliança pascal. Ao modo de maravilha, Deus promove essas passagens, que se colocam a serviço da revelação e marcam o tempo e a história. O primeiro foi o êxodo dos hebreus, a Páscoa sonhada, realizada e celebrada no Antigo Testamento. Ela se tornou o referencial para o culto e para a vida cotidiana. O segundo momento foi a Páscoa de Jesus, suprema maravilha de Deus na história da humanidade. Seu início se dá com a encarnação e o ápice com a cruz e a ressurreição. O terceiro é o da Igreja e da celebração dos sacramentos para fazer memória e rerepresentar em clave litúrgica em todos os tempos e para todos os povos o mesmo e único sacrifício redentor da cruz.<sup>287</sup>

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* trata do tema da Igreja de modo mais profundo que a *Sacrosanctum Concilium*. A *Lumen Gentium* entende a Igreja como “mistério”<sup>288</sup>. Propõe uma gênese da comunidade eclesial em uma linha histórico-salvífica<sup>289</sup>. A encarnação do Verbo de Deus é ação redentora da humanidade e conseqüente glorificação de Deus.

Os diversos momentos, episódios e atos da vida de Cristo são chamados de ‘mistérios’ porque acontecem no ‘mistério’, na própria humanidade de Cristo, e também porque cada um deles tem a sua própria fisionomia e um valor salvífico próprio ao manifestar o ‘mistério’. Os ‘mistérios’ são orientações determinadas e determinantes da vida e missão redentora de Cristo.<sup>290</sup>

Na liturgia, a humanidade participa do acontecimento da encarnação por meio de coisas simbólicas e sensíveis e é elevada a um modo de ser e de agir divinos. Essa seria a perfeita satisfação de nossa reconciliação - o humano reconciliado com o divino no modo do homem. "Deus, ao comunicar-se aos homens, teria podido escolher uma outra via. Escolhendo livremente a da

<sup>287</sup> COSTA, V, S., *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 92 - 93.

<sup>288</sup> Cf. LG, n. 39.

<sup>289</sup> Cf. LG, n. 2-8.

<sup>290</sup> BERGAMINI, A. *Cristo, Festa da Igreja. O ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 69.

encarnação, não fez senão, substancialmente, considerar a natureza e tratar o homem, espírito encarnado, no modo do homem.”<sup>291</sup>.

Assim, a humanidade pode dar a Deus toda a glória pela sua presença amorosa manifestada com a pessoa do filho sempre presente em nosso meio. O mistério da Igreja é continuidade do mesmo mistério do Cristo ressuscitado, atuando no hoje da história da Igreja. “O mistério é uma história sagrada, que possuiu significado aos olhos de Deus e que foi revelado nos últimos tempos, no grau máximo, aos cristãos.”<sup>292</sup>

No que tange à expressão “mistério pascal”, o Concílio expõe três momentos da vida de Cristo como sendo um só: paixão, morte e ressurreição fazem parte do único e mesmo momento “a redenção como ação exclusivamente divina.”<sup>293</sup>. Dessa maneira, a Páscoa de Cristo vem colocada no centro da liturgia. A eficácia salvífica dos atos da vida de Cristo tem sua fonte no mistério pascal.

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, libertar-nos-á do poder de Satanás e da morte e nos introduzirá no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica<sup>294</sup>.

Toda liturgia cristã é celebração da páscoa de Cristo. E deve ser considerada memorial que se prolonga no tempo, para ser presença e atualidade mística, ao mesmo tempo em que é antecipação do que iremos possuir de modo pleno no amanhã escatológico. A liturgia celebra a presença viva e atuante do Ressuscitado no meio da assembleia reunida. É justamente essa presença que dá o caráter festivo, solene e santo para cada celebração.

Nesse sentido, não se trata de uma presença isolada, individualista ou de uma fé intimista e pessoal, mas da sinergia entre Cristo e a Igreja, ou Cristo e seu corpo inteiro. “Não existe nenhuma participação no mistério de Cristo que seja individual:

<sup>291</sup> VAGAGGINI, C., op. cit., p. 273.

<sup>292</sup> Idem., op. cit., p. 34.

<sup>293</sup> SCHILLEBEECKX, E., *I sacramenti punti d'incontro con Dio*. Brescia: Queriniana, 1960, p.57.

<sup>294</sup> Cf. SC, n. 6.

depois de Pentecostes, Cristo é inseparável de seu corpo eclesial, cuja salvação não é individual nem coletiva, mas em comunhão.”<sup>295</sup>.

A liturgia cristã possui um sentido comunitário que deu significado à vida da Igreja. Tal como foi transmitido pelos apóstolos após a ressurreição, como uma necessidade vital. Santo Agostinho afirma: “separado do corpo, cada membro conserva sua forma, mas não tem vida”<sup>296</sup>. João Paulo II, na Encíclica *Dies Domini*, dá-nos uma descrição acerca da importância da comunidade reunida, como o lugar da presença viva e atuante do Cristo.

Para que essa presença seja anunciada e vivida adequadamente, não é suficiente que os discípulos de Cristo rezem individualmente e recordem interiormente, no segredo do coração, a morte e a ressurreição de Cristo. Com efeito, todos os que receberam a graça do batismo não foram salvos somente a título individual, mas enquanto membros do Corpo místico, no qual entraram a fazer parte do Povo de Deus. Por isso, é importante que se reúnam para exprimir em plenitude a própria identidade da Igreja, a *ekklêsia*, assembleia convocada pelo Senhor ressuscitado, que ofereceu a sua vida “para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos” (Jo 11,52).<sup>297</sup>

Depois da longa história do distanciamento dos fiéis da vida eucarística, a Igreja procurou evidenciar o sentido da “presença real”. Fundindo o passado, o presente e o futuro, “a liturgia aparece como o momento-síntese de toda a história salvífica e configura o tempo da Igreja como a etapa última e definitiva da salvação.”<sup>298</sup>. A *Sacrosanctum Concilium* cuidou de ampliar novamente a ideia de presença real do mistério pascal de Cristo na liturgia. Vários aspectos da presença real do ressuscitado na Igreja, principalmente nas celebrações litúrgicas, são apresentados de tal modo que podemos intuir com o Concílio que a presença real na eucaristia pressupõe a assembleia reunida como um ato a priori.

Para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em Sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, “pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz”, quanto, sobretudo, sob as espécies eucarísticas. Presente está pela Sua força nos sacramentos, de tal

<sup>295</sup> CAMPATELLI, M. *O Batismo. Cada dia às fontes da vida nova*. Bauru: Edusc, 2008, p. 33.

<sup>296</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermão 268*. In: AL. p. 952.

<sup>297</sup> JOÃO PAULO II, op. cit., p. 28.

<sup>298</sup> LÓPEZ MARTÍN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 74. (Coleção liturgia fundamental).

forma que, quando se batiza, é Cristo mesmo que batiza. Presente está em sua Palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia.<sup>299</sup>

O mesmo documento afirma que a presença real é uma forma de Cristo se associar à sua Esposa. Vale recordar que essa presença não é uma presença estática, mas dinâmica, pois brota do Espírito que age constantemente na comunidade reunida. A presença de Cristo e da força de sua páscoa não terminará mais. Tendo se encarnado, Cristo se torna “Deus Conosco” (cf. Mt 1: 23). Ressuscitado, ele garante aos seus discípulos: “Eis que eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.” (cf. Mt 28, 20).

Dessa forma, não se pode limitar a presença de Cristo. “A presença ativa do Ressuscitado na *dynamis* do Espírito constitui o dado fundamental do dia cultural do cristão.”<sup>300</sup>. Essa presença de Cristo é transformadora da vida e impulsiona a comunidade a continuar o mistério da Cruz de Cristo que oferece a vida para a construção do mundo novo. Somos chamados a viver em oração contínua e a trazer também, em nosso corpo, a morte de Cristo, para que manifestemos em todos os âmbitos da vida o que celebramos. “A liturgia, centrada no mistério pascal, é comprometida com a salvação histórica do homem em todos os seus aspectos.”<sup>301</sup>.

O domingo perdura ao longo da semana, através do anúncio. O domingo, como dia no qual se atualiza o ato salvífico de Deus, o mistério pascal, torna-se o conteúdo do *querigma*, que tem como “núcleo a salvação de Jesus Cristo para a humanidade”<sup>302</sup>. Nossa participação na assembleia dominical permite-nos entrar no mundo, na realidade divina, e atualiza a doação da vida de Cristo no altar da cruz.

A Páscoa de Cristo atua secretamente também no âmbito de todas as coisas criadas: a natureza, o cosmo, levando-os, juntamente com toda a humanidade, à sua plena realização e comunhão em Deus, até que Deus seja tudo em todos, na expressão de São Paulo (1Cor 16,28).<sup>303</sup>

<sup>299</sup>Cf. SC, n. 7.

<sup>300</sup>ROSSO, S., op. cit., p. 164.

<sup>301</sup>NEUNHEUSER, B. “Memoriale”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M.; CIBIEN, C. (orgs). *Dizionario di Liturgia*. Milano: Edizioni San Paolo, 2001, p. 1163 - 1180.

<sup>302</sup>FRANÇA, M. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 193.

<sup>303</sup>BUYST, I.; ARIIVALDO, J. S., op. cit., p. 86.

Essa presença de Cristo e do seu mistério pascal sempre atualizado nutre a esperança dos cristãos. Deus, sempre presente na história do seu povo, permite nossa participação na páscoa de seu amado Filho Jesus. O Ressuscitado é luz e vida, princípio ativo de renovação do cosmo e de toda a história. Cristo renova sua atuação na proclamação da Palavra e na celebração dos sacramentos. É por essa razão que todos os sacramentos comunicam o inteiro mistério de Cristo e estão ligados à Eucaristia como cume e fonte. “Da liturgia, portanto, mas da Eucaristia principalmente, como de uma fonte, deriva-se a graça para nós e com a maior eficácia é obtida aquela santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, para a qual, como a seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja.”<sup>304</sup>.

No ano litúrgico, todos os mistérios da vida do Senhor, do nascimento à ascensão, de pentecostes à parusia, o mistério da vida dos santos e da Virgem Maria, vêm celebrados e comunicados de modo excelente na liturgia da missa. Não existe outro mistério senão o de Cristo.

Sendo a liturgia o lugar privilegiado da presença de Cristo e fonte de santificação de toda a Igreja, o Concílio se debruçou sobre a participação da assembleia na celebração Eucarística. Visando à necessidade de uma participação plena, ativa e consciente, a Constituição sobre a liturgia afirmou:

Deseja ardentemente a Mãe Igreja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da Liturgia exige e à qual, por força do batismo, o povo cristão, “geração de conquista” (Pd 2,9; 2,4-5), tem direito e obrigação. Cumpre que essa participação plena e ativa de todo o povo seja diligentemente considerada na reforma e no incremento da Sagrada Liturgia.<sup>305</sup>

A proposta do Concílio é conscientizar os fiéis de que a celebração comunitária, caracterizada pela presença e pela participação ativa, consciente e plena de todo cristão, supera qualquer ideia de celebração privada e individual, sobretudo da missa que não pode se contentar com a mera assistência passiva. “As ações litúrgicas não são privadas, mas celebrações da Igreja, que é o ‘sacramento da unidade’, isto é, o povo santo, unido e ordenado sob a direção dos Bispos.”<sup>306</sup>.

---

<sup>304</sup> Cf. SC, n. 10.

<sup>305</sup> Cf. SC, n. 14.

<sup>306</sup> Cf. SC, n. 26.

No número 1141, o Catecismo da Igreja Católica continua a expressar a importância da assembleia litúrgica, dizendo: “A assembleia que celebra é a comunidade dos batizados, os quais, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual e sacerdócio santo e para poderem oferecer em sacrifício espiritual toda atividade humana do cristão.”<sup>307</sup>.

A assembleia litúrgica não é uma reunião qualquer, ela é constitutiva da Igreja. “O domingo é, em verdade, o dia da assembleia para ouvir a palavra de Deus e participar da Eucaristia”.<sup>308</sup> Sem assembleia não há Igreja. “Não existe liturgia sem haver quem celebre. Assim, o primeiro símbolo na liturgia são as pessoas que realizam a ação memorial do mistério pascal de Cristo.”<sup>309</sup>. Esse corpo de Cristo continua necessário para que a salvação atinja toda a humanidade como o lugar privilegiado para Deus agir e comunicar a sua graça.

Porque a assembleia litúrgica é sacramento da Igreja, é seu “sinal” e instrumento; é realidade visível que remete à sua realidade invisível; é celebrando juntos que nos tornamos Igreja e temos condições de experimentar a realidade de ser Igreja<sup>310</sup>.

Por isso, a liturgia se enriquece de gestos, símbolos e palavras que favorecem a participação. Mas, se tudo isso não vem acompanhado de uma interioridade, tudo se torna vazio. Os gestos se transformam em coreografia; as palavras e símbolos em verbosidade e redundância. O cristão deve entrar com consciência na liturgia, mergulhar na profundidade do mistério, com a finalidade de criar um elo entre a sua vida e a vida da comunidade, entre a vida social e o mistério celebrado. “É a liturgia-celebração se projetando e tendo continuidade na liturgia da vida.”<sup>311</sup>.

O povo sacerdotal, a assembleia que, reunida sob a ação do Espírito Santo faz memória do mistério pascal, não pode fazer um culto desencarnado da vida. Deve-se tornar uma extensão, na vida, da graça de Deus. Fazer memória, celebrar o mistério pascal, é tornar-se um sinal, (Cf. Rm 6,3-11; Ef 4,24; Cl 3,10-12; Gl 5,1; 1Pd 2,21)

<sup>307</sup> Cf. CIC, n. 1141.

<sup>308</sup> AUGÉ, M., op. cit., p. 316.

<sup>309</sup> BECKHAUSER, A., *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 132.

<sup>310</sup> BUYST, I.; ARIIVALDO, J. S., op. cit., p. 100.

<sup>311</sup> Idem, p. 108.

Fermento na massa (cf. Lc 13,18-21). Dar testemunho ao mundo de que Cristo vive. A força do mistério pascal mostra que a comunidade é fruto desse mistério pascal que ilumina toda vida humana e dá sentido. A ação salvífica do mistério pascal leva a realizar, na vida cotidiana, a morte e ressurreição de Cristo, sacramentalmente configurados com Cristo, revestir-se dos seus sentimentos, seguir os seus passos.<sup>312</sup>

O Concílio também incumbe aos pastores a responsabilidade de proporcionar a participação ativa de todos os fiéis no mistério de Cristo. “Com empenho e paciência, procurem dar os pastores de almas a instrução litúrgica e promovam a ativa participação interna e externa dos fiéis.”<sup>313</sup> O batizado recebe a filiação divina e, como filho, pode dialogar com o Pai. Ele nos acolhe e nos ama de modo incondicional. A Eucaristia é o lugar privilegiado para este encontro do Pai com seus filhos, “quando nos reunimos por seu amor. Como outrora aos discípulos, ele nos revela as Escrituras e parte o pão para nós”,<sup>314</sup> recorda-nos uma das orações eucarísticas proposta pelo missal.

Na assembleia reunida, a Palavra de Deus é sinal da presença de Cristo. É onde a Palavra do Pai cai em nossos corações como boa semente e as palavras dos filhos retornam ao Pai como prece, súplica e louvor. Renova-se a aliança de amor e fidelidade. A assembleia litúrgica dominical deve ser de participantes atentos e ativos. A assembleia dominical deve exprimir as suas mais importantes características: a oração, a escuta da Palavra de Deus e a comunhão do Corpo de Cristo.

A *Sacrosanctum Concilium* deixou, como grande legado, uma vida espiritual centrada no mistério de Cristo, sobretudo porque, no período anterior, existiam muitas correntes de espiritualidades que não tinham sua centralidade na vida litúrgica e tão pouco no mistério pascal, fonte de salvação. A missa, compreendida e participada, passa a ser, de fato, a maior de todas as orações, da qual brota toda a graça para a vida. O mistério pascal, portanto, ultrapassa as fronteiras da liturgia “para se tornar o fundamento e o critério inspirador de toda a vida moral e das opções do crente em qualquer nível, bem como de toda a

<sup>312</sup> SORCI, P. “Mistério Pascal”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). op. cit., p. 773.

<sup>313</sup> Cf. SC, n. 19.

<sup>314</sup> MISSAL ROMANO. Oração Eucarística VI B. p. 848.

espiritualidade cristã.”<sup>315</sup> Mistério para ser vivido e não apenas celebrado, o domingo se torna “um sacramento”, sinal da graça que atua na história.

## 4.2

### A sacramentalidade do domingo enquanto ação de Cristo na Igreja

Quando falamos de liturgia, falamos também de sacramentos, porque “toda a vida litúrgica da Igreja gravita em torno do sacrifício eucarístico e dos sacramentos.”<sup>316</sup> Os sacramentos, “sinais eficazes do mistério de Cristo”<sup>317</sup>, são instrumentos deixados por Cristo à Igreja para que esta possa atualizar, no tempo e na história, o mistério da salvação.

Cristo age na Igreja agora pelos sacramentos, instituídos por Ele para comunicar sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações) acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam, em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo.<sup>318</sup>

Os vocábulos *sacramentum* e *mysterium* são dois termos técnicos para indicar, na ação litúrgica, o desígnio histórico-salvífico realizado em Cristo, que é o *mysterium* visível por obra do Espírito Santo. Além disso, indicam a celebração dos ritos nos quais Deus mesmo, na pessoa de Cristo, continua presente na Igreja, realizando, por meio do seu Espírito, a obra da redenção no *hodie* litúrgico. A liturgia é celebração sacramental que realiza, sobretudo na Eucaristia, a união entre o visível e o invisível.

No entanto, de certo modo, a atualização do mistério de Cristo não atua somente por meio dos sete sacramentos. Na liturgia, atualiza-se o mistério de Deus, que não é outro que Cristo mesmo. Toda a ação da Igreja é sacramental, porque, em

<sup>315</sup> SORCI, op. cit., p. 772.

<sup>316</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 366. n. 1084 - 1113. Passaremos a usar para identificar o referido documento da Igreja, a sigla: CIC.

<sup>317</sup> MARSILI, S., “Sacramenti”. In: SARTORE, D., TRIACCA, A. M., CIBIEN, C.,(orgs). *Dizionario di Liturgia*. Milano: Edizioni San Paolo, 2001, p. 1750.

<sup>318</sup> Cf. CIC, p. 306. n. 1084.

toda sua ação, a Igreja celebra a memória de Cristo: “O que a Igreja anuncia e celebra em sua liturgia é o Mistério de Cristo.”<sup>319</sup>.

O tema da liturgia teve lugar de destaque no Concílio Vaticano II. O Concílio “julga ser seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da liturgia.”<sup>320</sup>. O Concílio pensou em uma liturgia que fosse celebrada e vivida. A fé professada é a fé celebrada. Por isso, era preciso favorecer ao povo cristão uma participação ativa e consciente na vida litúrgica da Igreja, definida pelo Concílio como “celebração dos mistérios da vida de Cristo. Relembrando, assim, os mistérios da salvação.”<sup>321</sup>.

*Lex orandi, lex credendi* equivale dizer que “a Igreja crê conforme reza.”<sup>322</sup>. Esse antigo ditado latino é reportado no Catecismo da Igreja Católica para afirmar a participação da liturgia católica da sagrada Tradição da Igreja. Significa dizer que o conteúdo litúrgico, enquanto rito e gestos, corresponde ao conteúdo professado pela sã doutrina. Nesse sentido, queremos estabelecer uma relação entre *Sacrosanctum Concilium* e *Lumen Gentium*, no que diz respeito ao uso da palavra sacramento. Primeiramente, torna-se imprescindível recordar que “Cristo é o verdadeiro ‘mistério’ de Deus. É a síntese do eterno decreto de Deus e, ao mesmo tempo, de sua realização e revelação. [...] Daí em diante a palavra pode designar os fatos terrestres em que o plano divino da salvação veladamente se manifesta e se realiza.”<sup>323</sup>. Pela sua vida, morte e ressurreição, Jesus se manifesta como o “mistério” salvífico de Deus. Ele é o “Sacramento Primordial”<sup>324</sup> porque, através de Jesus, a redenção é única e definitiva, revelando, assim, o amor do Pai dispensado a toda a humanidade.

O centro da Constituição *Sacrosanctum Concilium* é uma meditação profunda sobre o mistério da Igreja, visto como uma torrente de amor que flui do lado aberto de Cristo na cruz (cf. SC, 5). A liturgia é sinal da imagem mais verdadeira e plena da Igreja. Ainda que o tema da eclesiologia seja tratado na *Lumen Gentinum*, a *Sacrosanctum Concilium* assim afirma: “A liturgia... contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério

<sup>319</sup> Cf. CIC, p. 302, 1068).

<sup>320</sup> Cf. SC, n. 1.

<sup>321</sup> Cf. SC, n. 102.

<sup>322</sup> Cf. CIC, n. 1124.

<sup>323</sup> SMULDERS, P. “A Igreja como sacramento de salvação”. In: BARAÚNA, G. (org.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 402.

<sup>324</sup> SCHILLEBEECKX, E., op. cit., p.49.

de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja.”<sup>325</sup>. A constituição dogmática sobre a liturgia inicia exatamente firmando que a celebração litúrgica é o lugar por excelência da manifestação do mistério de Cristo e da Igreja.

A Liturgia, ao mesmo tempo em que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito, até à medida da idade da plenitude de Cristo, robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações, para reunir, à sua sombra, os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor.<sup>326</sup>

A liturgia tem a função de edificar os membros da Igreja e robustecer as suas forças para o anúncio do Evangelho. Essa é igualmente a função dos sacramentos, dada a centralidade dos mesmos na vida litúrgica da Igreja. Ao anunciar o Evangelho “aos que estão fora”, a Igreja deve aparecer como “sinal erguido entre as nações”. Este *signum*, que aparece na introdução da *Sacrosanctum Concilium* definindo a missão da Igreja, está seguramente ligado à palavra *sacramentum*, segundo o uso analógico do termo. A *Sacrosanctum Concilium* compreende a Igreja não como uma realidade fechada sobre si mesma, nem como uma sociedade separada do mundo, mas sim como mãe nutridora para “os de dentro” – isto é, os membros da Igreja – e como sinal para “os de fora” – ou seja, os não-batizados.

O domingo, como dia privilegiado para a celebração do mistério da fé, é chamado na *Sacrosanctum Concilium* “de principal dia de festa e fundamento e cerne do ano litúrgico”<sup>327</sup>, é também sinal da fé dos fiéis batizados, que dão testemunho ao mundo da ressurreição de Cristo. “Neste dia, pois, os cristãos devem reunir-se para, ouvindo a Palavra de Deus e participando da Eucaristia, lembrarem-se da Paixão, Ressurreição e Glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus.”<sup>328</sup>. Nessa afirmação conciliar, podemos perceber claramente que o domingo aparece como sacramento do Mistério Pascal de Cristo. Assim, a relação entre Jesus, “Sacramento Primordial”, e a Igreja, seu Corpo, é de profunda intimidade, realizada

---

<sup>325</sup> Cf. SC, n. 2.

<sup>326</sup> Cf. SC, n. 2.

<sup>327</sup> Cf. SC., n. 106.

<sup>328</sup> Cf. SC, n. 106.

pela ação pneumatológica<sup>329</sup>. Ao falarmos da sacramentalidade do domingo, estamos dizendo que esta brota de Cristo. “Jesus Cristo é o autor da salvação e a origem da unidade e da paz; a Igreja, por sua vez, é o sacramento visível desta salvação.”<sup>330</sup>.

No entanto, já desde a primeira tradição da Igreja, com a palavra *sacramentum* se designava muitas outras realidades: Cristo, a Igreja, a Eucaristia, a Páscoa, o altar, a consagração de virgens, os tempos litúrgicos, a vida cristã, a própria realidade criada.<sup>331</sup>

O uso da palavra sacramento de maneira analógica encontra sua legitimação na *Lumen Gentium*: “Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento ou sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano...”<sup>332</sup>. Aqui o Concílio faz claro uso da palavra sacramento em sentido lato, ligando-a à palavra sinal. Nesse sentido, o Concílio acena para uma dimensão simbólica da Igreja, fazendo compreender a palavra sacramento em um sentido amplo, podendo significar não somente os sete mistérios da fé – Batismo, Eucaristia, Confirmação, Reconciliação, Unção dos Enfermos, Matrimônio e Ordem – mas sim toda a dimensão simbólica da vida da Igreja. “Na *Lumen Gentium*, Igreja é contemplada como “mistério”, ou seja, no interior do designo salvífico do Pai, que tem seu cume no dom do Filho e do Espírito Santo na plenitude dos tempos.”<sup>333</sup>.

Na mesma Constituição Conciliar, *Lumen Gentium*, encontra-se: “Na verdade, Cristo, elevado sobre a terra, atraiu todos a Si; ressuscitado de entre os mortos, infundiu nos discípulos o Seu Espírito vivificador e por Ele constituiu a

<sup>329</sup> Não se pode pensar na Igreja sem a ação do Espírito Santo, é o Espírito Santo que fortalece e encoraja a missão dos primeiros discípulos, tornando-os capazes de darem testemunho de Jesus Cristo. O domingo tem sua íntima ligação com o Espírito Santo, pois é o dia em que Jesus doa aos discípulos o seu Espírito e estes saem para o anúncio. “De fato, a missão, à luz da pneumatologia lucana, se explica na ação do *Pneuma*, tanto na vida de Jesus como na vivência da comunidade primitiva. Ao mesmo tempo, não se pode compreender a práxis evangélica sem o princípio vital e dinamizador do Espírito de Jesus. Dessa forma, torna-se impossível pensar na tarefa missionária da Igreja das origens sem o fio condutor e o paradigma pneumatológicos.” Cf. SANTANA, L. F. R., *O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida: Liturgia no Espírito*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015, 131.

<sup>330</sup> KASPER, W., *Teologia e chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989, p. 252.

<sup>331</sup> BOROBI, D. op. cit., p. 103.

<sup>332</sup> CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen Gentium*: Sobre a Igreja no mundo. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2015, n. 1. Doravante usaremos a mesma edição. E em todas as citações da referida Constituição usaremos as siglas LG.

<sup>333</sup> BIGHENTI, A., “Pastoral”. In: PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. (org), op, cit., p.717.

Igreja, Seu corpo, como universal sacramento da salvação.”<sup>334</sup>. Com isso, pode-se afirmar que o Concílio quis realmente fazer um uso analógico da palavra sacramento, expandindo o seu significado para além do senso estrito, isto é, dos sete sacramentos.

A Igreja é, portanto, situada numa perspectiva sacramental. Ela é sinal, presencialização, do plano do Pai de salvar todos os seres humanos na caridade do Filho, feito homem, redentor e mediador, e na efusão do Espírito, princípio de união e santificação dos remidos. Ela dirige apelo a todos para formarem o Povo de Deus.<sup>335</sup>

A palavra sacramento passa a significar, então, todo o mistério da Igreja “que veicula o acesso de Deus aos homens.”<sup>336</sup>. E a Igreja é sacramento da íntima união com Deus, da unidade dos homens entre si (cf. LG, n. 1; 9) e sacramento de salvação para toda a humanidade (cf. LG, n. 48). Nesse sentido, o domingo, como sendo o dia da Igreja, é também sinal sacramental da graça de Cristo.

O Concílio não queria, obviamente, ampliar a lista dos sete sacramentos. Ao afirmar que a Igreja mesma é sacramento, aponta para a missão santificadora da Igreja e para sua presença missionária no mundo. Os sacramentos, em sentido estrito, têm a função de santificar<sup>337</sup>. E aqui está a analogia: toda a ação da Igreja é santificadora. Ora, domingo é dia santo porque, neste dia, a assembleia dos membros de Cristo se reúne para celebrar o mistério da fé. “Neste dia, os fiéis devem ser reunir para ouvir a palavra de Deus e participar da eucaristia, dando graças a Deus, ‘que nos fez renascer para uma esperança viva, ressuscitando Jesus Cristo dentre os mortos’ (cf. 1Pd 1,3).”<sup>338</sup>. Portanto, a sacramentalidade do domingo consiste na profunda união de Cristo e da Igreja. O domingo possibilita que a Igreja viva de Cristo e para Cristo, através da Palavra e da Eucaristia e, como todos os sacramentos, possibilita “fazer presente neste mundo as atividades celestes de Cristo.”<sup>339</sup>.

<sup>334</sup> Cf. LG, n. 48.

<sup>335</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 108.

<sup>336</sup> VELASCO, R. *A Igreja de Jesus. Processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 246.

<sup>337</sup> A doutrina católica ensina que os sacramentos são instrumentos de santificação, mas também de fortalecimento da Igreja e da sua missão de prestar culto a Deus e anunciar o evangelho. Cf. CIC, n. 1123.

<sup>338</sup> Cf. SC, n. 106.

<sup>339</sup> SCHILLEBEECKX, E., op. cit., p.

É a ação missionária da Igreja, em continuidade com a ação redentora de Cristo, santificar o domingo. O domingo é um dia separado, consagrado para santificar o ritmo da vida. Enquanto o sábado, na compreensão judaica, era dia santo em si mesmo, o domingo é santo pela obra de santidade realizada neste dia. O domingo não é um oitavo sacramento, mas participa do sentido mais profundo, ou seja, está intimamente ligado ao mistério de Cristo. O domingo tem sua origem em Cristo – na ressurreição, como já dissemos anteriormente. O domingo é santo porque a obra realizada no primeiro dia da semana é santa, ponto alto da nossa redenção, da doação da vida de Cristo na cruz.

É isso, portanto, que queremos afirmar com a expressão “sacramentalidade do domingo”: que o domingo possui uma dimensão sacramental que lhe é intrínseca pela sua já conhecida dimensão cristológica, garantia de sua origem vinculada a Jesus Cristo. Cristo é “sacramento”, e o domingo o é “em Cristo”. O domingo é o “dia do Senhor”. É o dia escolhido para celebração da memória de Cristo, “é de fato memorial da ressurreição.”<sup>340</sup>. Por causa de Cristo, Sacramento Primordial, o domingo recebe a sua sacramentalidade.

E que obra se realiza no domingo? A obra da redenção. Na liturgia, é o próprio Cristo que se dá para a salvação da humanidade. “Não pode ser outra coisa do que o próprio Cristo, e este no acontecimento central de sua vida, o mistério pascal pelo qual essa mesma salvação se realizou para nós.”<sup>341</sup>. O domingo é sagrado porque é memória perpétua<sup>342</sup> da ação redentora realizada por Cristo, continuada no tempo através da ação do Espírito na Igreja. Por isso, a Igreja é, no mundo, sacramento de salvação, já que, através dela, o Senhor continua sua obra redentora.

Leonardo Boff, no seu livro “Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos”, fala sobre a questão da sacramentalidade expandida a toda a ação da Igreja. Ele fala da capacidade do ser humano de criar representação e demonstra como a sacramentalidade está presente no cotidiano da vida. Leonardo Boff nos ajuda a compreender sacramento como o veículo da graça divina, afirmando que

<sup>340</sup> GROLL.V. *Il Giono del Signore nel Triveneto*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1990, p. 16.

<sup>341</sup> BOROBIO, D.,(2009), op, cit., p. 121.

<sup>342</sup> A páscoa, no antigo testamento, é memória perpétua. O domingo é memória da páscoa.

“todo cristão de hoje deveria ser educado a ver o sacramento para além dos estreitos limites dos sete sacramentos.”<sup>343</sup>.

O ser humano tem a capacidade de dar significado às coisas ao ponto que um simples “toco de cigarro”, com todo o mal que pode provocar à saúde de uma pessoa, pode evocar de maneira quase concreta a memória de uma pessoa amada. “Quando as coisas começam a falar, então emerge o edifício sacramental”<sup>344</sup>

Falar de sacramentalidade é interpretar as coisas dentro da sua dimensão simbólica. Quando Boff escreve, de maneira muito poética por sinal, sobre o modo como, na cultura sulista, recebe-se uma pessoa em casa com uma bela cuia de chimarrão, ele compara: “É uma ação ritual para celebrar o encontro e saborear a amizade. O centro das atenções não está no chimarrão, mas na pessoa. O chimarrão desempenha uma função sacramental.”<sup>345</sup>. A função sacramental coincide, de certo modo, com a função simbólica, portadora de sentido e potencializadora de significação. “Por meio de um sacramento, entramos em contato no espaço e no tempo, com alguma coisa que transcende o espaço e o tempo.”<sup>346</sup>.

O domingo não é somente um dia da semana. Ele é sacramento, no sentido em que simboliza o amor de Deus por nós e o nosso amor por Deus, “todo seu sentido vem do mistério salvífico de que é sinal.”<sup>347</sup>. Ao mesmo tempo, ele potencializa a conversão, é um apelo constante para todos os seres humanos congregarem-se ao Corpo de Cristo. O domingo ganha um sentido todo especial em uma sociedade globalizada que vai se descristianizando. No momento em que a lógica do domingo gira em torno do shopping, da praia, da piscina, do lazer ou do trabalho extra, a santificação do domingo vem propor o testemunho de anúncio do evangelho. Por isso, o domingo é sacramental. Entre o trabalho e a santificação do domingo para o cristão não deveria haver dicotomia. No entanto, a ocupação do cristão não pode ser tanta a ponto de que ele não encontre tempo para celebrar o Senhor no domingo.

<sup>343</sup> BOFF, L., *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2015, p.16.

<sup>344</sup> Idem., op. cit., p.12.

<sup>345</sup> Idem., op. cit., p. 14.

<sup>346</sup> DRISCOLL, J. *Cosa accade nella Messa*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 2006, p. 12.

<sup>347</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 112.

A secularização, que nos últimos decênios invade a sociedade, sobretudo a ocidental, está produzindo rápido processo de erosão no sentido cristão do domingo. Apreciam-se nele valores humanos inegáveis, muitos dos quais conquistas legítimas da humanidade. O Domingo aparece, cada vez mais, como o “dia do homem, mas, na mentalidade de muitos, não mais cabe considerá-lo também “o dia do Senhor” com seus valores transcendentais e propriamente cristãos. Manifesta-se isso não só na diminuição dos que se reúnem para a celebração eucarística, mas também na falta de sentido cristão na compreensão do domingo como dia pascal em toda sua extensão.<sup>348</sup>

Eusébio de Cesaria afirma: “Constantino dispôs que fosse considerado dia próprio para as orações o dia que, sem dúvida, é o mais importante e primeiro pelo seu valor intrínseco, o dia do Senhor e da redenção.”<sup>349</sup>. Se, por um lado, a disposição constantiniana não tem efeito sacramental, por outro, ela se tornou um reconhecimento da atividade religiosa realizada pelos cristãos no primeiro dia da semana. O domingo perde seu sentido quando os cristãos deixam de dar seu testemunho de fé na ressurreição através da assembleia dominical que evoca a salvação de Deus em Jesus Cristo. Se poderia dizer que, no domingo, tudo é sacramental, porque tudo o que é santo e santifica nos evoca a memória do redentor.

A dimensão simbólica do domingo possui um forte caráter missionário. Como já mencionamos, a palavra *sacramentum*, usada de modo analógico, evoca a capacidade de significação presente nos sacramentos. A missão do cristão é mostrar ao mundo a Igreja como “sinal erguido entre as nações” (cf. SC, n. 1). É o que a Igreja significa para o mundo – no texto conciliar referido genericamente como “os de fora” – que a faz sacramento de Cristo.

Sendo sinal da presença de Cristo na história e dando testemunho de unidade, a Igreja é instrumento eficaz de santificação. “A Igreja que deixasse de convocar assembleia para o domingo não mais seria Igreja do Senhor.”<sup>350</sup>. A liturgia é instrumento do cristão para manifestar ao mundo o mistério de Cristo e da Igreja. O domingo permanece como tempo, por excelência, para a ação celebrativa da Igreja. O domingo, como tempo da assembleia dos fiéis, é, portanto, símbolo da missão da Igreja de santificar o mundo através do anúncio de Jesus Cristo.

<sup>348</sup>ALDAZÁBAL, J., “Domingo, dia do Senhor.” In: BOROBIÓ, D., op. cit., p. 68.

<sup>349</sup>EUSÉBIO CESAREIA. *Livro IV*. In: AL. p. 382.

<sup>350</sup>ZILLES, U., *Os sacramentos da Igreja Católica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 285.

A ressurreição de Cristo dos mortos, a sua manifestação na assembleia dos discípulos, o banquete messiânico do ressuscitado com os seus, o dom do Espírito Santo e o mandado missionário da Igreja, esta é a Páscoa cristã em sua plenitude. Este é o evento central da história da salvação, que marcou para sempre o primeiro dia da semana. Todo o mistério que o domingo celebra é já presente no dia da Páscoa; o domingo não será outra que a celebração semanal do mistério pascal.<sup>351</sup>

De fato, existe uma dimensão missionária na celebração dominical como “dia do Senhor”, que coaduna com a sua dimensão sacramental. A reunião celebrativa dos cristãos no domingo, diante daqueles que não mais distinguem a sacralidade desse dia, é testemunho de fé no ressuscitado. O domingo é sacramental não somente porque nesse dia se celebram os sacramentos, mas também porque, em si mesmo, o domingo é sinal de Deus que abençoa o tempo e santifica o homem. Os cristãos, que se reúnem no domingo para celebrar a esperança escatológica e a fé no “dia sem ocaso”, dão testemunho também de fé e certeza da vida eterna. Assim, o domingo é, para todo ser humano, sinal de esperança. O domingo é, portanto, parte do conteúdo da sagrada Tradição. Ele é conteúdo que “deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis.”<sup>352</sup>

Por fim, a sacramentalidade cültica da Igreja pode ser entendida em duas dimensões: uma escatológica e outra presencial. A primeira é apresentada na *Sacrosanctum Concilium*, no parágrafo oitavo. Segundo o texto, o Senhor é ministro do santuário e da tenda verdadeira e tributa uma liturgia doxológica ao Pai. J. Flores afirma que “se a liturgia terrena é participação da liturgia celestial, então a liturgia eclesial depende também do sacerdócio permanente de Cristo.”<sup>353</sup> Dessa forma, a vida dos cristãos, vivida como resposta doxológica ao Pai, é a primeira instância sacramental da liturgia, uma resposta concreta ao que se celebra. Os homens podem, através da resposta amorosa e laudatória da Igreja, entrar em comunhão com o cântico eterno de louvor prestado pelo Filho ao Pai. Essa resposta existencial e vivencial ganha uma expressão celebrativa na liturgia do domingo. Toda a celebração ritual subentende o culto vivencial e, sem este, tal celebração entraria em uma teatralidade infrutífera; a missa poderia facilmente transformar-se em palco e o domingo em um

<sup>351</sup> MARTIMORT, G. A. *La Chiesa in preghiera. Introduzione alla liturgia*. Brescia: Edizione Queriniana, 2010, p. 28.

<sup>352</sup>Cf. SC, n. 106.

<sup>353</sup>FLORES, J. J. op. cit., p. 311.

feriado. Assim, os ritos sacramentais mediam o culto celeste e o culto terrestre: vida e celebração fazendo deste último uma participação do primeiro.

A outra dimensão da sacramentalidade da liturgia é aquela que presentifica no “hoje” os eventos da vida de Jesus – a sua sacramentalidade presencial. Esta dimensão é apontada na *Sacrosanctum Concilium* no parágrafo sete. De fato, no culto ritual prestado pela Igreja, o Senhor exaltado se faz presente em diversas realidades e de diversas maneiras. No texto do Concílio, a noção de “presença de Cristo” está profundamente articulada à teologia da história salvífica e do prolongamento do culto de Cristo na Igreja. O domingo é sacramento na medida em que revela, celebra e faz sinal para o mistério, que não é outro senão o mistério de Jesus Cristo.

O domingo se torna sacramento porque é repleto de sentido, no qual está presente o mistério de Cristo. O domingo é sacramento enquanto as pessoas se reúnem para celebrar o que ele significa, pois o elemento humano está a serviço do divino. Mas o domingo, ao mesmo tempo, ultrapassa o seu significado, levando a uma transcendência, fazendo com que o olhar e o viver do homem se dirijam a Deus. “O homem vê o sacramento. Mas não deve descansar nesse olhar objetivado. Deve transcender e descansar em Deus comunicado no sacramento. Esta é a função indicadora do sacramento. Vai do objeto para Deus.”<sup>354</sup>

A sacramentalidade do domingo aponta para uma plenitude da realidade salvífica, em demanda de uma consumação ainda esperada. Essa é sua dimensão escatológica. Assim entendido o domingo, não é o último-definitivo, mas antecipação sacramental do que toda a Igreja aguarda com firme esperança em Cristo. Lembra-nos a *Gaudium et Spes* a que fim tende a Igreja: “...que venha o reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade.”<sup>355</sup> É o que veremos no próximo passo.

---

<sup>354</sup> BOFF, L., op, cit., p.14.

<sup>355</sup> Cf. GS, n. 45.

### 4.3

#### “Vinde, Senhor Jesus”: A dimensão escatológica do domingo

Toda a liturgia nos leva a esta conclusão: esperamos o Senhor cada vez que nos reunimos por seu amor para fazermos memória da sua paixão, morte e ressurreição. Existe, no domingo, uma profunda dimensão escatológica<sup>356</sup>, pois, após a ressurreição, o Senhor subiu aos céus e sentou-se à direita do Pai na glória; seu caminho, sua trajetória o conduziram a este momento.

Recordando a vitória pascal do Senhor sobre a morte, o domingo anuncia a parusia (cf. 1Cor 11,26). Desse modo, o dia do Senhor é espera da parusia. O domingo é memorial da primeira e da nova criação, *anamnese* de toda a história da salvação, sinal de plenitude e, portanto, da eternidade.<sup>357</sup>

O caráter simbólico do sétimo dia serve, antes de mais nada, para pôr em evidência a índole do cristianismo como acontecimento escatológico. “O tema do repouso e o tema do sétimo dia, o aspecto espiritual e o aspecto escatológico, estão unidos na única pessoa de Cristo que lhes dá o sentido”.<sup>358</sup> O mistério pascal desempenha, portanto, um papel fundamental na constituição e na articulação da esperança cristã. Ele é o eixo da identidade e o ponto de partida da escatologia.

No núcleo do mistério pascal está o evento escatológico por antonomásia: a ressurreição de Jesus. Na ressurreição, a vida humana de Jesus de Nazaré foi introduzida na plenitude da vida em Deus. Quando o Ressuscitado ingressa nessa plenitude, emerge um dinamismo de atração que convoca irresistivelmente os membros do seu corpo eclesial – e, por meio deles, a humanidade inteira e todo o cosmos - a participar dessa mesma plenitude. Jesus Ressuscitado é um sinal incontestável de que novos céus e nova terra são uma realidade que já começou.

---

<sup>356</sup> A palavra Escatologia designa o discurso teológico acerca das realidades do homem, da igreja e de todo o cosmo. Escatologia, portanto, é o estudo sobre os “últimos acontecimentos”. Ela remete aos acontecimentos que afetarão cada indivíduo no fim de sua jornada terrestre, como morte, juízo particular, purgatório, inferno e céu. O fim da nossa peregrinação terrena rumo à Jerusalém celeste onde tudo será eterno e definitivo. A liturgia que celebramos na terra é um gozar já aqui daquilo que um dia viveremos plenamente no céu. A Escatologia tem ainda uma estreita relação com a segunda vinda do Senhor. “No centro da escatologia cristã, está Cristo que, com a sua ressurreição gloriosa, inaugurou o *eschaton*, isto é, a realidade nova e definitiva da história”. Cf. CASTELLIANO, J., “Escatologia” In: SARTORE, D.; TRIACCA, S. M.; CIBIEN, C., op. cit., p. 676.

<sup>357</sup> ROSSO, S., op. cit., p. 164-165.

<sup>358</sup> CARDOSO, I. M. A., op. cit., p. 57.

A eucologia da solenidade da Ascensão expressa admiravelmente essa realidade:

Ó Deus todo poderoso, a ascensão do vosso Filho já é nossa vitória. Fazei-nos exultar de alegria e fervorosa ação de graças pois, membros de seu corpo, somos chamados na esperança a participar da sua glória. (coleta) Ele, nossa cabeça e princípio, subiu aos céus não para afastar-se de nossa humildade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade”. (Prefácio da Ascensão I)  
Ele [...] subiu aos céus a fim de nos tornar participantes de sua divindade (Prefácio da Ascensão II).

Por isso, a Eucaristia é, de fato, um pedido insistente para que o Senhor venha e uma espera festiva do dia final. A liturgia é uma forma privilegiada de abertura para aquele futuro onde se atinge “a medida da plenitude de Cristo” (cf. Ef 4,13) “Por isso, na Igreja Antiga, o *Maranatha* era tão especificamente uma oração Eucarística – significando “vem Senhor Jesus”, “o Senhor vem”- que o cristianismo foi chamado religião do *Maranatha*.”<sup>359</sup>, era uma oração eucarística da Igreja que, celebrando os mistérios da vida de Cristo, “anuncia a morte do Senhor até que ele venha” (cf. 1Cor 11,26). Existe, portanto, o desejo da Igreja: que o reino se cumpra e vivamos movidos por essa esperança que não nos decepciona.

Fazemos memória não só da cruz, do túmulo, da ressurreição no terceiro dia, da ascensão ao céu, onde está sentado à direita do Pai, mas também do segundo e glorioso acontecimento: “A vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali’. Porque o Reino de Deus está no meio de vós!” (cf. Lc 17,20s). A pergunta sobre a vinda do Reino não se responde com um “aqui” ou um “ali”, mas com um “agora”. Jesus fala do Reino como nunca se falou antes porque Ele mesmo é o Reino. A esperança do povo da nova aliança é uma esperança completa.

Esse dia não é outra coisa senão Cristo mesmo. Ele é o dia sem fim. O domingo eterno é o próprio Cristo. Existe uma identificação bíblica, misteriosa e iconográfica de Cristo com o sol, luz que não tem ocaso. No cântico de Malaquias, reza-se ao “Sol da justiça” (cf. Ml 3,20); já no cântico de Zacarias, é exaltado o “sol que surge do alto para iluminar a quantos jazem nas trevas e na sombra da morte, e para guiar os nossos passos no caminho da paz” (cf. Lc 1,78-79). O domingo faz

<sup>359</sup> BROUARD, M., *Eucharistia. Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 581.

também referência ao dia da luz<sup>360</sup>, como nos afirma São Justino em sua primeira apologia, chamando o domingo de o “dia do sol”. Esse sol é Cristo ressuscitado. Cristo é o dia sem ocaso, Cristo é a luz que ilumina o dia que não tem fim.

A dinâmica própria do cristianismo nos coloca na perspectiva da espera da segunda vinda do Cristo em sua glória. “A pregação e a vida de Jesus esteve fortemente polarizada pela perspectiva escatológica”.<sup>361</sup> Tal afirmação está clara em várias pregações de Jesus, nas quais ele falou do fim dos tempos: a parábola do joio (cf. Mt 13,24-30), a parábola do semeador (cf. Mt 13,37-43), as dez virgens (cf. Mt 25,1-13), a do juízo final (cf. Mt 25,31-46). Também nos textos de Paulo (cf. 1Ts 3,23; 4,13-5; 2Ts 2,1-17) e João, no Apocalipse (cf. Ap 22,20). Nessas citações, o dia do Senhor não se refere a um tempo específico, mas à própria pessoa de Jesus Cristo, pois Nele está presente o Reino em sua plenitude.

Ora, se Cristo é o dia sem ocaso, a passagem para o dia do Senhor parece óbvia e natural. “Cristo com a sua páscoa e em virtude da páscoa é o dia sem fim”,<sup>362</sup> porque na expressão “dia do Senhor” existe um sentido todo voltado para a pessoa do Filho Jesus, enquanto Senhor Ressuscitado. A liturgia terrestre é sombra e figura da liturgia celeste de Cristo.

A liturgia terrestre dos cristãos não pode ser senão epifania, sob o véu dos ritos e dos símbolos, da liturgia celeste de Cristo, sua manifestação na terra sob invólucro terrestre. A liturgia terrestre e a liturgia celeste são uma mesma realidade e não diferem senão no modo de manifestação e de plenitude como, no conceito antigo, a imagem e a realidade que ela manifesta.<sup>363</sup>

A *Sacrosanctum Concilium* fala da liturgia terrena e celeste como uma mesma realidade; o que agora celebramos deve nos preparar para a grande liturgia celeste, aquela que não terá fim.

Na liturgia terrena, antegozando, participamos da Liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém para a qual, peregrinos, nos encaminhamos. Lá, Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do tabernáculo verdadeiro. Com

<sup>360</sup> Em algumas culturas, o primeiro dia da semana recebe ainda o nome de *Sunday*, isto é, “dia do sol”. Essa expressão, ainda que tenha origem em uma sociedade pré-cristã, traduz bem o sentido cristão do domingo, pois Cristo é chamado de “sol nascente” (Lc 1,78).

<sup>361</sup> RUBIO, G. A. *Unidade na Pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 184.

<sup>362</sup> NARDI, C., *Nell'atesa del “giorno senza tramonto”*. In: BARBA, M., op. cit., p. 131.

<sup>363</sup> VAGAGGINI, C., op. cit., p.237.

toda a milícia do exército celestial, entoamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos Santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; suspiramos pelo Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até que Ele, nossa vida, Se manifeste, e nós apareçamos com Ele na glória.<sup>364</sup>

O missal Romano em vigor nos oferece, no IX prefácio do Tempo Comum, uma ligação profunda entre o que celebramos no domingo e aquilo que aguardamos para o futuro escatológico: “... na esperança de ver o dia sem ocaso, quando a humanidade inteira repousará junto de vós. Então, contemplaremos vossa face e louvaremos sem fim vossa misericórdia...”<sup>365</sup>. A liturgia nos faz sonhar com a eternidade, quase que a antecipando para nós. A comunidade dos ressuscitados em Cristo já celebra o Pai, com o cordeiro. Assim, o simbolismo escatológico da ceia se prolonga.

A escatologia não é, pois, separada da marcha da história da humanidade no seu caráter de aventura e de dramaticidade. A esperança escatológica adquire, assim, uma função dinamizadora e potenciadora do(s) projeto(s) histórico(s) do homem e uma dimensão política em ordem à transformação das estruturas da sociedade e à humanização do mundo. A política, no seu sentido mais amplo, aparece como um momento da práxis da esperança. É em nome da responsabilidade histórica da esperança que os cristãos são chamados a tal práxis que, por sua vez, torna-se critério de verificação e de hermenêutica existencial da esperança no mundo novo prometido. O cristão não pode desertar do mundo em nome da esperança.<sup>366</sup>

Na liturgia, participamos da salvação escatológica, que significa participação na vida eterna. Os cristãos oram com as palavras de Jesus – “venha o teu Reino” (cf. Mt 6,10a) – dando razão à sua esperança. A salvação tem seu início nesse mundo para ser plena e definitiva no céu, quando viveremos o dia sem ocaso, ou seja, estaremos mergulhados no próprio Cristo. Aqui, agora, nossa luta constante é para que o Reino de Deus seja implantado a partir da construção de uma sociedade justa e fraterna. “A liturgia não nos convida apenas para ouvirmos falar do Reino, mas para nos impelir e animar a construí-lo.”<sup>367</sup> Essa consciência se dá,

<sup>364</sup> Cf. SC, n. 8.

<sup>365</sup> MISSAL ROMANO, op. cit., p. 406.

<sup>366</sup> MARTO, A. A., *Esperança cristã e futuro do homem. Doutrina escatológica do Concílio Vaticano II*. Porto: Metanoia, 1987, p. 250.

<sup>367</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Animação da vida litúrgica no Brasil*: Documento 43. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 32.

plenamente, a partir da nossa participação nos mistérios de Cristo que a liturgia não nos permite esquecer.

Com o futuro escatológico, a eternidade de Deus entra no tempo e, a partir dele, está presente de maneira criadora em tudo que é temporal e que antecede esse futuro. Afinal, o futuro de Deus é a origem criadora de todas as coisas na contingência de sua existência e, ao mesmo tempo, o último horizonte para o significado definitivo e, portanto, para essência de todas as coisas e acontecimentos. No caminho de sua história no tempo, as coisas e pessoas existem somente pela antecipação daquilo que elas serão à luz de seu último futuro, do advento de Deus.<sup>368</sup>

A liturgia celebra essa espera anunciada pelos profetas (cf. Jr 30,7-8; Ez 7,5-24; Am 5,18; Sf 1,14-16) e realizada em Jesus Cristo. Consequentemente, toda celebração é, de certo modo, invocação da vinda do Senhor. Um dos prefácios do tempo do Advento, o número I, recorda-nos as duas vindas de Cristo – a encarnação e a glorificação – dois momentos que se fundem para dizer que Ele está, aqui e agora, agindo e salvando.

Revestido da nossa fragilidade, ele veio, da primeira vez, para realizar seu eterno plano de amor e abrir-nos o caminho da salvação. Revestido de sua glória, ele virá uma segunda vez para conceder-nos em plenitude os bens prometidos que hoje, vigilantes, esperamos.<sup>369</sup>

A liturgia celebra a vinda iminente do Senhor: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo.” (cf. Mc 1,14). “O fim já começou; o futuro já está aqui, graças à ressurreição de Cristo. Tudo isto já está à disposição desta geração.”<sup>370</sup>. O Senhor veio uma primeira vez e virá uma segunda vez no futuro. Toda a pregação de Jesus e da Igreja primitiva faz essa afirmação como uma verdadeira profissão de fé.

Na missa, durante a oração eucarística, após a narrativa da instituição, o rito latino inseriu a aclamação memorial *anamnética*. Das três aclamações propostas pelo Missal Romano, com as quais a assembleia aclama Jesus como Senhor e Salvador, duas delas têm um teor escatológico: “Anunciamos, Senhor, a vossa

<sup>368</sup> PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 698. v. 3.

<sup>369</sup> PANNENBERG, W., op. cit., 406.

<sup>370</sup> CANTALAMESSA, R., op. cit., p. 472.

morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice anunciamos, Senhor, a vossa morte enquanto esperamos vossa vinda.”<sup>371</sup>. Todas elas são uma solene invocação da Igreja pela vinda do Senhor e a nossa participação em sua glória como coroamento de nossa vida neste mundo.

O primeiro dia semana traz o eco da criação e é a antecipação da plenitude futura. Por isso, pode-se pensar a respeito da eucaristia como uma parusia sacramental, especialmente quando se recorda que esse termo significa presença e espera. No primeiro dia da criação, Deus cria a luz (cf. Gn 1,5). O mesmo autor sagrado afirma que Deus, ao terminar a sua obra, no sétimo dia, descansou (cf. Gn 2,2). No Evangelho de João, a missão do Filho de Deus encarnado é de retomar toda a obra da criação em uma perspectiva maior.

O dia da ressurreição é o primeiro dia da nova criação. O oitavo dia, quando Jesus vai de novo encontrar seus discípulos, é a memória do primeiro dia e a antecipação do dia sem fim. Com Cristo, inaugura-se um tempo novo e definitivo. Ele é o Alfa e o Ômega, bem como o domingo é o primeiro dia da criação e o último dia da história; assim, é presença e espera. A Sagrada Escritura o chama e a Igreja o proclama “o dia do Senhor” (cf. Ap 1,8-10).

Recriar o universo todo mediante a ressurreição pascal. A primeira criação faz contraste com aquela maior, a segunda. Deus – que, na realidade, não cessou mais de trabalhar – ao ressuscitar seu Filho, instaura um novo ciclo de obras, aquele que corresponde não mais ao tempo de preparação, mas do cumprimento. O dia da nova criação toma o caminho escatológico, que dá início “ao novo céu e a nova terra. De fato, com a sua ressurreição, o *Kyrios* “faz novas todas as coisas” (cf. Ap 21,5).<sup>372</sup>

O domingo de páscoa é a superação do sábado pascal judaico. O sétimo dia dá lugar ao primeiro, que se transforma em oitavo dia<sup>373</sup>. “O número oito indica a novidade que supera o esquema setenário, porque o novo início não é retorno ao

<sup>371</sup> MISSAL ROMANO, op. cit., p. 406.

<sup>372</sup> ROSSO, S., op. cit., p. 165.

<sup>373</sup>O domingo é também o oitavo dia. Essa denominação parece ser exclusivamente cristã. Provavelmente foi fundada no Novo Testamento. Nasce em torno das aparições de Jesus aos discípulos, tal como podemos ler no Evangelho de João “oito dias depois, os discípulos estavam em casa e estava com eles também Tomé” (cf. Jo 20,26).

primeiro dia, mas o primeiro dia depois do sétimo.”<sup>374</sup>. O domingo, além de ser o primeiro dia, é também o oitavo dia, “primeiro e último”, ou seja, ele não só dá início ao tempo, mas também é o seu fim. Para Bento XVI, “o oitavo dia significa, assim, o novo tempo, iniciado com a ressurreição.”<sup>375</sup> A Igreja está a serviço da realização desse dia; por isso, ela celebra e guarda o domingo, prenúncio daquilo que vai acontecer conosco. O oitavo dia é o início daquele dia escatológico, a eternidade que o domingo antecipa, aquele definitivo e eterno dia. “Primeiro dia e oitavo dia exprimem a totalidade da história santa, todo o empreendimento de Deus, do dia da criação da luz ao da *eschaton*: a criação é início do dia/tempo de graça.”<sup>376</sup>.

O domingo é, portanto, sinal da plenitude dos tempos. “O povo peregrino vive na espera da parusia, a glória futura do retorno do *Kyrios*, a descida do céu da nova Jerusalém.”<sup>377</sup>. O oitavo dia é sinal da vida eterna, dia da eternidade, domingo definitivo. A celebração do domingo estimula os cristãos como peregrinos nesse mundo a caminharem rumo à glória celeste e constitui a Igreja como um povo escatológico. O projeto de Deus de “Renovar todas as coisas em Cristo” (cf. Ef 1,10) é um projeto para o futuro, mas já está se concretizando em Jesus Cristo.

Vi então um céu novo e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra se foram. Eis a tenda de Deus com os homens, Ele habitará com eles: eles serão o seu povo e ele, Deus com eles, será o seu Deus. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram.<sup>378</sup>

O banquete eucarístico é, de alguma forma, um antegoço, um degustar da eternidade, daquele banquete escatológico na casa do Pai que o autor do Apocalipse, em sua beatitude, retoma: “Felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do cordeiro” (cf. Ap 19,9). “A Igreja sempre creu que a missa não é senão certo modo pelo qual se torna presente na terra o que aparece a João no Apocalipse quando viu que “no meio do trono e dos quatro animais, no meio dos anciãos, estava de pé um cordeiro, que parecia imolado” (Ap 5,6).”<sup>379</sup>. Liturgia e sacramentos são verdadeiros sinais antecipatórios da realidade futura e prefiguração

<sup>374</sup> AUGÊ, M., op. cit., p. 102.

<sup>375</sup> BENTO XVI, op. cit., p. 85.

<sup>376</sup> ROSSO, S., op. cit., p. 166.

<sup>377</sup> ROSSO, S., op. cit., p. 166.

<sup>378</sup> Cf. Ap 21,2-4.

<sup>379</sup> VAGAGGINI, C., op. cit., p. 238.

do novo céu e da nova terra pelo fato de converterem os membros da assembleia litúrgica em participantes da vida nova em Cristo.

A eucaristia é o sacramento por excelência do destino e da transformação escatológica da humanidade e do universo humanizado pelo trabalho dos homens. Ela expressa privilegiadamente a dimensão sacramental e litúrgica da nova criação. Simboliza e realiza sacramentalmente o processo de transfiguração pascal em Cristo da humanidade, do mundo e da história [...], mas também significa e realiza a nova fraternidade que a humanidade está a formar em Cristo como corpo de comunhão e a transformação do mundo sob o senhorio escatológico de Cristo, em tensão dinâmica para a transfiguração futura de toda a criação. É, assim, antecipação da ressurreição futura, na sua configuração sacramental de banquete fraterno e na conversão sacramental dos elementos da natureza humanizada no Corpo e Sangue do Senhor, símbolo da consagração do mundo.<sup>380</sup>

A salvação é um convite individual para cada um que acolhe também o convite para celebrar e viver o domingo, porque também deseja a vida eterna.

O domingo é o oitavo dia da semana; num primeiro olhar, pode parecer um pouco paradoxal, no momento em que esse coincide com o primeiro dia. Todavia, se pensado de um modo claro, simbólico-escatológico, o oitavo dia anuncia a eterna bem-aventurança, o encontro definitivo com o ressuscitado, ao mesmo tempo em que oitavo dia indica que não tem mais nenhuma sucessão de dias.<sup>381</sup>

O domingo é, portanto, o dia em que o Pai, através da ressurreição do Filho – primícias da nova criação – inaugura o tempo novo e nos prepara para viver a continuação desse dia na eternidade, mergulhados no próprio mistério de seu Filho. O oitavo dia indica a novidade cristã que supera o esquema semanal, porque o domingo não é retorno ao primeiro dia, mas lança o homem para frente, o projeta na direção da eternidade, é “início de um novo caminho em direção ao Reino Celeste.”<sup>382</sup> João Paulo II também relaciona o domingo com o oitavo dia, que não está na dimensão temporal, mas eterna: “A celebração do domingo, dia

<sup>380</sup> MARTO, A. A., Santos., op. cit., p.205.

<sup>381</sup> AUGÊ, M., op. cit., p. 102.

<sup>382</sup> AUGÊ, M., op. cit., p. 102.

simultaneamente ‘primeiro’ e ‘oitavo’, orienta o cristão para a meta da vida eterna.”<sup>383</sup>.

O Concílio Vaticano II, quando proclamou a plenitude escatológica como a realidade definitiva para a qual se encaminha toda a criação, reconheceu no Espírito Santo o consumidor dessa obra. Depois da ressurreição, a comunidade dos discípulos passa a experimentar a presença de Jesus através da ação do Espírito, comunicado como dom em Pentecostes a toda comunidade eclesial (cf. Jo 14, 25-26). É nele que o Evangelho é proclamado, vivido e interpretado.

O domingo é, também, o dia em que Jesus doa o Espírito Santo (cf. Jo 20,22). O Espírito está presente no dia da criação, pairando sobre as águas (cf. Gn 1,2) e está presente na segunda e nova criação. Em Pentecostes, vem sobre os Apóstolos e renova o ânimo, dispondo-os na difusão do tempo. “Por isso mesmo, o domingo é o dia da fé, da esperança e da caridade.”<sup>384</sup>. Todos impulsionados pela força do Espírito se tornaram corajosos anunciadores daquela comunhão profunda que haviam vivido com o Mestre.

A Escritura atribui a ação criativa, inspiradora e geradora de vida ao Espírito de Deus. Conduzidos pelo Espírito, os cristãos caminham como que num êxodo para esse oitavo dia que anuncia as bem-aventuranças celestes, das quais “toda liturgia é antegozo da realidade que aguardamos, vivendo a esperança: na dimensão escatológica de nossa liturgia, celebramos, de fato, a ação salvadora e perene de Deus que começa na criação, manifesta-se na história e se coroa na pátria definitiva.”<sup>385</sup>.

É o Espírito Santo quem conduz a história à sua plenitude. Yves Congar relaciona o Espírito Santo com a história: “a história assemelha-se a um grandioso espetáculo; nele, o Espírito Santo age como um exímio diretor de teatro que tudo dispõe e ordena, visando atingir a harmonia final completa e a expressão perfeita do projeto ideado.”<sup>386</sup>. Existe uma íntima unidade entre liturgia e Espírito, pois o Espírito atualiza a eficácia do acontecimento do crucificado, ao qual a Eucaristia faz memória.

<sup>383</sup> JOÃO PAULO II, op. cit., p. 24.

<sup>384</sup> ROSSO, S., op. cit., p. 166.

<sup>385</sup> CNBB. Documento 43. p. 32.

<sup>386</sup> CONGAR, Y. *Ele é o senhor e dá a vida*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 291

Temos, portanto, aqui a dimensão escatológica da liturgia no que se refere às realidades últimas do ser, segundo a fé cristã, sob a luz da Páscoa de Cristo. Os últimos acenos do Ano Litúrgico, expressos na dinâmica do Tempo Comum, particularmente da 32<sup>a</sup> à 34<sup>a</sup> semanas, retomam os temas da escatologia. Os lecionários dominical e semanal evidenciam tal temática. A dimensão escatológica de toda a criação está centrada na ressurreição de Cristo e na firme esperança da sua vinda, reconduzindo tudo à celebração do mistério pascal: síntese da história da salvação.

A consumação escatológica (cf. Cl 1,27) com Jesus Cristo já começou. Ele já participa da glória que o Pai quer partilhar com a humanidade. A união do crente com Cristo antecipa algo desta vida glorificada, mas não plenamente. O estado escatológico é, por um lado, a realização, em Jesus, das promessas divinas e a antecipação de algo desse estado final no hoje (cf. Ef 2,4-10). Por outro lado, o cumprimento pleno de tudo isso ainda se mantém no nível do anúncio celebrativo, levando o crente a uma vida na esperança (cf. Ef 3,13).

O sentido último do mundo, dos acontecimentos da história e da vida, não pode ser encontrado por meio da sabedoria humana (cf. 1Cor 2,6). Só pelo mistério de Deus, revelado em Jesus, anunciado e celebrado na liturgia pela Igreja, é que se consegue atingir o sentido real da existência (cf. Cl 2,3-8). Tal realidade reconhece que, no fim dos tempos, os homens ressuscitarão, participarão da imortalidade e entrarão na vida da glória (cf. 1Cor 15,51)<sup>387</sup>.

A liturgia cristã ilumina e dá sentido à vida humana. A experiência da fé enche de sentido a vida e a morte, o presente, o passado e o futuro. A experiência litúrgica ilumina também o destino de toda a Igreja que está a caminho da Jerusalém do céu (cf. Ap 3,12). A Jerusalém celeste é a imagem daquilo que Deus está preparando para todos nós. É um lugar preparado, para onde seremos um dia levados, e onde se cumprirá plenamente toda a realidade que agora é vivida na fé e na esperança.

---

<sup>387</sup>A salvação de Cristo luta contra o mistério da impiedade. De fato, o mal já está vencido, mas, durante o tempo da Igreja, ele se desenvolve a fim de retirar os fiéis da comunhão plena com Deus, endurecendo seus corações à fé e ao amor (2Ts 2,7). Além disso, faz parte do próprio mistério a sua realização plena no futuro. Por isso, ele tem uma virtude atuante que leva toda a história à sua consumação em Deus. O fato de os homens já conhecerem algo do mistério divino não significa que ele tenha sido esgotado. O mistério conhecido possibilita ao homem entender a dinâmica de profundidade da ação salvífica atuante nele e no cosmos.

Ao chegar ao fim desse capítulo, nosso esforço é justamente apresentar uma vivência litúrgica segundo a qual a assembleia, reunida para celebrar com todo zelo, possa viver uma experiência que a leve a uma transcendência, uma experiência que ultrapasse os limites deste mundo, já nos transportando para a mesa do banquete do céu. “As refeições de Jesus são um sinal e realização do banquete messiânico.”<sup>388</sup>. No evangelho de Lucas, no contexto da última ceia, Jesus tomando um cálice, deu graças e disse: “tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus” (cf. Lc 22,17).

Através da eucaristia que celebramos, Jesus se une a nós e seu amor nos une também à sua eternidade, o dia sem fim, o domingo eterno, no qual já estamos inseridos. Assim, a eucaristia é a antecipação, a presença, ainda que velada, mas real, da parusia. Em cada domingo que prefigura esse novo tempo, a memória semanal da paixão, morte e ressurreição do Senhor transforma a vida e o coração de quem dela participa. A Igreja faz festa de comunhão corporal conosco, com os outros, com o cosmo e com Deus, uma forma frágil de antecipar o coro místico escatológico. Na eucaristia, Jesus doa a si mesmo e inaugura a festa da eternidade. A ação redentora de Cristo ultrapassa os limites do tempo e nos coloca já nessa perspectiva de eternidade. A comunidade, ao olhar para o Senhor, olha para o futuro, onde “o mistério do ser humano só se ilumina de fato à luz do mistério do Verbo encarnado.”<sup>389</sup>.

Por fim, a dimensão escatológica da liturgia está ainda refletida de modo claro quando a Igreja peregrina celebra a sua inteira comunhão com a Igreja celeste. Nesse ato, podemos dizer que Deus venceu não só em Cristo. “Venceu também em seus membros, naqueles que creram em Cristo e dele deram testemunho. Eis por que Deus é admirável não só em Cristo, mas também nos santos. Jesus Cristo continua, pela força do Espírito Santo, a vencer nos santos.”<sup>390</sup>.

Desde a antiguidade cristã, as anáforas mencionam os santos e os defuntos. Esses homens e mulheres acolheram o dom da graça e realizaram em suas vidas um notável processo de conversão. Guiados pelo Espírito, foram reconduzidos e firmados na comunhão relacional com Deus. Por essa razão, afirma o Concílio Vaticano II, com suas vidas “pregam as maravilhas de Cristo operadas em seus

<sup>388</sup> FABRIS, R., *Jesus de Nazaré. História e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 115-118.

<sup>389</sup> Cf. GS., n 22.

<sup>390</sup> BECKHÄUSER, A., *Celebrar a vida cristã*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.222.

servos e mostram aos fiéis os exemplos oportunos a serem imitados.”<sup>391</sup>. Por isso, a tradição litúrgica nos recomenda rezar sempre pelos fiéis defuntos pois, ao celebrarmos a Eucaristia, reforça-se em nós a esperança da ressurreição.

Nossa comunidade que celebra a Eucaristia de Cristo animada por seu Espírito, tem o olhar voltado para as realidades últimas, para o reino escatológico de Cristo, que alguns já estão gozando e que nós estamos tratando de conseguir.<sup>392</sup>

A Eucaristia nos faz sentir uma comunhão perfeita, junto com todos os de boa vontade, os bem-aventurados, os defuntos, a comunhão dos santos daqueles que comungam conscientemente das coisas santas. A menção daqueles que se encontram na bem-aventurança revela a face resplandecente da Igreja. Tal ênfase da eucologia na comunhão dos santos ressalta que a escatologia cristã nunca pode ser reduzida a um fato individual, sob o risco de perder a sua real identidade.

Com base em sua identificação com Deus, também eles, agora já definitivamente universalizados e purificados, estão presentes e nossas vidas, com o seu amor e a sua preocupação. Como acontece com Jesus, segundo o caráter transcendente da vida bem-aventurada, eles não se tornam acessíveis a nossos sentidos; todavia, como ele, certamente o são de algum modo para a nossa fé. Com eles, podemos estabelecer ou restabelecer uma autêntica relação interpessoal, sentindo-nos acolhidos e acompanhados, falando com eles nessa peculiar e difícil, mas real, linguagem da fé orante.<sup>393</sup>

Caminhamos para a salvação plena em união com toda a criação, livre do pecado e da morte, porque a Eucaristia é o penhor da glória futura, visto que seu protagonista é o Senhor Ressuscitado. “Sempre que descobrimos de novo a dimensão escatológica presente na Eucaristia, celebrada e adorada, somos apoiados no nosso caminho e confortados na esperança da glória”.<sup>394</sup> Assim vamos formando o rosto de Cristo.

<sup>391</sup> Cf. SC 111.

<sup>392</sup> ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 279.

<sup>393</sup> QUEIRUGA, T. A., *Repensar a ressurreição. A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 248.

<sup>394</sup> BENTO XVI. “*Sacramentum Caritatis*”. *Exortação Apostólica pós-sinodal: Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 51.

## 5 Conclusão

Não parece muito natural concluir um trabalho sobre a construção do domingo como sendo o coração do ano litúrgico, pois há mais questões abertas do que fechadas. A pretensão de uma solução a esta questão é apenas uma ingenuidade, porém, renunciar a qualquer solução seria também uma preguiça intelectual.

Felizmente, a pesquisa ora realizada é apaixonante, prometedora, pois onde não se tem solução para o problema da vivência do domingo como dia do Senhor, especial para o cristão, tem-se a escuta de muitos cristãos, a experiência religiosa humana e a Tradição cristã de um belo caminho realizado ao longo da história da Igreja. A liturgia tem, seguramente, ocupado um grande espaço dentro da teologia, o que fica muito evidente, sobretudo após o Concílio Vaticano II, com a promulgação da *Sacrosanctum Concilium*.

Para esse percurso, muitos autores e artigos foram lidos e pesquisados. A Sagrada Escritura, Tradição e o Magistério da Igreja, como fontes primárias de tal reflexão. Mas também o acesso empírico sobre a vivência do domingo nas comunidades, sobretudo naquelas que acompanho em meu ministério sacerdotal.

Não posso negar que a primeira transformação da relação com o domingo aconteceu dentro de mim mesmo, o que fez nascerem ainda novos questionamentos sobre o domingo, como por exemplo: Como viver o domingo nos tempos modernos de consumismo? Diante da perda do sentido do sagrado, como propor a questão da sacralidade do primeiro dia da semana? Como preparar celebrações que sejam orantes, comunicativas e atraentes para a assembleia que participa? Como integrar a assembleia para a participação, ativa, consciente e plena? Como sanar as indagações ou comentários dos fieis quando acham a missa repetitiva?

Não se pretendeu dar respostas fechadas a tais indagações. Diante de tudo isso, cabe um estudo profundo, pois o que se pode concluir é que o domingo não deixou de ser apenas um preceito para se tornar parte da vida. Faz-se necessária uma compreensão do domingo como razão da vida espiritual.

O Concílio Vaticano II (cf. SC n. 6), fiel à tradição cristã e apostólica, afirma que o domingo, “Dia do Senhor”, é o fundamento do ano litúrgico, pois nele a Igreja

celebra o mistério central de nossa fé, na páscoa semanal que, devido à tradição apostólica, celebra-se a cada oitavo dia.

A grande descoberta é que o domingo é a solenidade por excelência, pois Cristo ressuscitado precede toda e qualquer outra festa na vida da Igreja. O domingo é, portanto, modelo natural para se compreender e celebrar aquelas solenidades do ano litúrgico, cujo valor espiritual para a existência cristã é tão importante. O domingo ritma o compromisso eclesial e espiritual de cada cristão, fazendo com que este se aprofunde nos mistérios de Cristo. O aprofundamento nos mistérios de Cristo leva, sem dúvida, a uma vivência comprometida da fé na vida.

A pesquisa procurou realçar que tudo aquilo proposto pela reforma litúrgica como caminho válido para uma maior participação dos fiéis na liturgia, sobretudo na celebração da Eucaristia, que se refere sem dúvida ao domingo, tem sido um percurso sensato na vida da Igreja. Embora nem tudo ainda tenha sido aprendido pelas comunidades, pelos que participam de responsabilidades ministeriais e pastorais na Igreja.

Seguindo as orientações da *Sacrosanctum Concilium* e dos subseqüentes documentos oficiais da Igreja, hoje pode-se ter uma liturgia que insere melhor a vida do povo, sem fazer desaparecer sua característica principal, que tem suas raízes mesmo na Tradição Bíblica e que também remonta aos primórdios da Igreja. Não se pode inventar uma outra liturgia, não se pode inventar um outro dia do Senhor que não seja aquele mesmo que a Igreja herdou do próprio Cristo por méritos da sua ressurreição. No domingo, a Igreja bebe da fonte inexaurível que é Cristo, através do valor supremo que tem a Palavra, o sacramento do seu Corpo e Sangue, por Ele mesmo instituídos.

Ainda hoje, a Igreja, superando os desafios do tempo presente, deve continuar fiel ao domingo. Certamente, uma boa compreensão teológica do domingo pode ajudar as pessoas a se reaproximarem e comprometerem-se com a mística da assembleia dominical. Nós, cristãos, somos convidados a celebrar a riqueza espiritual do domingo que, a partir da ressurreição, Jesus conferiu à Igreja, abençoando o primeiro dia da semana. A eucaristia dominical é parte integrante da identidade sacramental da Igreja e da vitalidade missionária. Isso quer dizer que

aquilo que celebramos no domingo deve-se tornar um modo de vida, “o sacramento exige, portanto, engajamento.”<sup>395</sup>.

---

<sup>395</sup> BOFF, L., op, cit., p. 97.

## 6

### Referências bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. “Carta 36”. In: CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “Carta 55”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “Livro XIII”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “Sermão 268”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “Tratado sobre o Evangelho de João III”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “A cidade de Deus”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

ALTANER, B.; STUIBER, A. *Patrologia. vida, obras e doutrina dos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1972.

ANGENENDT, A. *Liturgia e storia: lo sviluppo organico in questione*. Assisi: Cittadella Editrice, 2005.

AUGÉ, M. *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1996.

AYÁN, J. J., “Ignazio di Antioquia”. In: BERNARDINO, A., FEDELTO, G, SIMONETTI, M., *Letteratura Patristica*. Milano: Edizioni San Paolo, 2007, 714-718.

BARNABÉ. “Epistola de Barnabé”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

BARSUKO, X. *Storia della liturgia*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2006.

\_\_\_\_\_. “A Liturgia no outono da Idade Média.” In: BOROBIO, D., (org.). *A Celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, v. I, 1990, p. 107

BECK, T.; BENEDITTI, U.; BRAMBILLASCA, G.; CLERICI, F.; FAUSTI, S. *Una comunità legge il vangelo di Marco*. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2008.

BECKHÄUSER, A. *Celebrar a vida cristã*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_, *O Ano Litúrgico: com reflexões homiléticas para cada solenidade, domingo e festa do Senhor*. Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_, *Os fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENTO XVI. *Catequeses sobre os santos, Os Padres da Igreja, os mestres medievais e santas mulheres*. Campinas: Ecclesiae, 2016.

\_\_\_\_\_, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis: ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 17.

\_\_\_\_\_, *Introdução ao Espírito da Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 22-24.

\_\_\_\_\_, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011.

BEOZZO, J. O., *A Igreja após o Vaticano II*. Revista Vida Pastoral. Nov/dez, 1985.

BERGAMINI, A. *Cristo Festa da Igreja. O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BIANCHI, E. *Giorno del Signore, giorno dell'uomo. Per un rinnovamento della domenica*. Casale Monferrato: Edizioni Piemme, 1999.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2000.

BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. São Paulo: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOGAERT, P. M., DELCOR, M., JACOB, E., LIPINSKI, É., MARTIN-ACHARD, R., PONTHOT, J., *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

BOGAZ, A. S., HANSEN, J. H. *Reforma litúrgica. Renovação ou revolução?* São Paulo: Paulus, 2012.

BONOMO, F. “Catechesi e liturgia, um rapporto complesso”. In: *Liturgia e Catechese*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1993.

BOROBIO, D. “Da celebração a teologia. O que é um sacramento?” In: BOROBIO, D., (org.). *A Celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, v. I, 1990, p. 283-425.

\_\_\_\_\_, *A celebração na Igreja Ritmos e tempos da celebração*. São Paulo: Loyola, v. III, 2000.

\_\_\_\_\_, *Celebrar para viver: liturgia e sacramento da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

BORTOLINI, J. *Como ler o Apocalipse*. São Paulo: Paulus, 1994.

BOTTE, B. *II movimento litúrgico. Testimonianza e ricordi*. Cantalupa: Effatà, 2009.

BRANDOLINI, L. “Domingo”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 305-318.

\_\_\_\_\_, “La celebrazione Eucaristica domenicale in assenza del prebitero.” In: BARBA, M. (org). *O giorno primo ed ultimo. Vivere la Domenica tra festa e rito*. Atti della XXXII Settimana di Studio Dell’Associazione Professori di Liturgia Cassano delle Murge. Roma: Edizioni Liturgiche, 2003, p. 225-238.

BROWN, E. R., FITZMYER, A. J., MURPHY, R., (orgs) “Evangelho de Mateus. In: JERÔNIMO, *Novo Testamento. A artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018,

CLÉMENT, O., “Teologia ‘Maranatha’. Notas sobre a Eucaristia na Tradição Ortodoxa”. In: BROUARD, M. S.S.S., (org). *Eucharistia. Enciclopédia da Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2007.

BUGNINI, A., *La reforma de la liturgia*. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 2013,.

BUYST, I.; ARIOTALDO, J. S. *O mistério celebrado. Memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, v, I, 2003.

CAMPATELLI, M. *O Batismo. Cada dia às fontes da vida nova*. Bauru: Edusc, 2008.

CANTALAMESSA, R. *O verbo se fez carne. Reflexão sobre a Palavra de Deus: anos A, B, C*. São Paulo: Ave Maria, 2012.

CARDOSO, I. M. A. *Domingo. Dia da ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2012.

CASARIN, G. *Lecionário comentada. Quaresma – Páscoa*. São Paulo: Paulus, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 366. n. 1084, 1113.

CATTANEO, E. *Il culto Cristiano in occidente. Note storiche*. Roma: Edizioni Liturgiche, 2003.

CELAM. *Manual de liturgia. A celebração do mistério pascal – outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, v. IV, 2007.

CHAUVET, L-M. *Linguaggio e símbolo. Saggio sui sacramenti*. Torino: Editrice, 1982.

CIPRIANO DE CARTAGO. “Carta 64”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispo do Brasil. *A Animação da vida litúrgica no Brasil. Documento 43*. São Paulo: Paulinas, 2002.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Guia litúrgico-pastoral*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

COELHO, D, G. J. A., *Quando os monges eram uma civilização. Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*, Porto: Afrontamento, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no Mundo de Hoje. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONGAR, Y. *Ele é o senhor e dá a vida*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. CELAM. *Documento de Aparecida: Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2008.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen Gentium*: Sobre a Igreja no mundo. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. 31.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, n. 1.

CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*. Sobre a Sagrada Liturgia. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 259-306.

CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Inst Miss. Filhas de São Paulo: Paulinas, 2016.

COSTA, V, S., *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

DANIÉLOU, J. *Bíblia e Liturgia: A Teologia Bíblica do Sacramento e das festas nos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.

DE ZAN, R., *I molteplici tesori dell'única Parola. Introduzione al lezionario e alla lettura liturgica della Bibbia*. Padova: Messaggero, 2008.

DIDAQUÊ: “A vida da comunidade: a reunião dominical”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

DIDASCALIA DOS APÓSTOLOS. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

DRISCOLL, J. *Cosa accade nella Messa*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 2006.

ESCOBAR, F. “A celebração do mistério de Cristo”. In: CELAM (org.), *Manual de Liturgia. A celebração do mistério pascal. Fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, v. 22005.

EUSÉBIO CESAREIA. “Livro IV”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “Vida de Constantino. Livro IV”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

FABRIS, R. *Jesus de Nazaré. História e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.

FAUSTI, S. *Una Comunità legge il vangelo di Matteo*. Bologna: Centro editoriale dehoniano.

FERRIS, F., *La mensa della Parola e dell'Eucaristia. Per ben celebraer con il Lezionario e il Messale*. Milano: Paoline, 2008.

FESTUGIÈRE, M., *La liturgia catolica*. Padova: Messaggero di Santo Antonio, 2002.

FLORES, J. J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANÇA, M. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.

GELARDI, A. *La Domenica andando alla messa*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2015.

GERHARDS, A.; KRANEMANN, B. *Introdução à Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2012.

GREGÓRIO DE NISSA. “Sermão na Santa Páscoa”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

GROLL, V. *Il Giono del Signore nel Triveneto*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1990.

GY, P. M. “Notas históricas sobre a constituição litúrgica”. In: BARAÚNA, G. (org.), *A sagrada liturgia renovada pelo concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964, p. 85-94.

HIPÓLITO DE ROMA. “Comunhão e Jejum”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

HOWELL, C. “From Trent to Vatican II”. In: JONES, C., et all. (org.). *The study of liturgy*. London: SPCK, 1992.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. “Carta aos Magnésios”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “Cartas aos Efésios”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

\_\_\_\_\_, “Epístola aos Magnésios”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

IRENEU DE LIÃO. “Tratado sobre a Páscoa”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

JOÃO PAULO II., *Dies Domini. Sobre a santificação do Domingo*. São Paulo: Paulus, 1998.

JUSTINO., “Apologia I”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

KASPER, W. *Teologia e chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989.

LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

LIÉBAERT, J. *Os padres da Igreja. Séculos I-IV*. São Paulo: Loyola, v. 1, 2000.

LLOPIS, J. S., *La liturgia a través de los siglos, Emaús 6*. Barcelona: CPL, 1993.

LÓPEZ MARTÍN, J. *A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral coleção Liturgia Fundamental*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAGGIANI, S. “Introduzioni”. In: BARBA, M. (org). *O giorno primo ed ultimo. Vivere la Domenica tra festa e rito*. Atti della XXXII Settimana di Studio Dell’Associazione Professori di Liturgia Cassano delle Murge. Roma: Edizioni Liturgiche, 2003, p.11-14.

MARGUERAT, D. (org.). *Novo Testamento. História, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2015.

MARINS, J. *Fomos a um Concílio. A surpresa do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

MARSILI, S. “Sacramenti”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M.; CIBIEN, C. (orgs). *Dizionario di Liturgia*. Milano: Edizioni San Paolo, 2001, p. 1750-1764.

MARTIMORT, G. A. *La Chiesa in preghiera. Introduzione alla liturgia*. Brescia: Edizione Queriniana, 2010.

MARTÍN, J. L. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas. 2006.

MARTO, A. A. *Esperança cristã e futuro do homem*. Doutrina escatológica do Concílio Vaticano II. Porto: Metanoia, 1987.

MATEOS, J., CAMACHO, F., *Il Vangelo di Mateo. Lettura comentata*. Assisi: Cittadella Editrice, 1995.

MISSAL ROMANO. *Oração Eucarística I*. São Paulo: Paulus, 2015.

MOSERLE, I., “Liturgia delle ore: quando il rito fa festa”. In: BARBA, M. (org). *O giorno primo ed ultimo. Vivere la Domenica tra festa e rito*. Atti della XXXII Settimana di Studio Dell’Associazione Professori di Liturgia Cassano delle Murge. Roma: Edizioni Liturgiche, 2003, p. 206-225.

NARDI, C., “Nell’attesa del ‘giorno senza tramonto’.”. In: BARBA, M. (org). *O giorno primo ed ultimo. Vivere la Domenica tra festa e rito*. Atti della XXXII Settimana di Studio Dell’Associazione Professori di Liturgia Cassano delle Murge. Roma: Edizioni Liturgiche, 2003, p. 129-181.

NEUNHEUSER, B. “Memoriale”. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M.; CIBIEN, C. (orgs). *Dizionario di Liturgia*. Milano: Edizioni San Paolo, 2001, p. 1163 - 1180.

ORÍGENES. “Homilia sobre o Êxodo”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulus, v. 3, 2009.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014.

PAPA PIO XII. *Alocução conclusiva aos participantes do Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis*. AAS 48 (1956).

PAPA PIO XII. *Carta Encíclica Mediator Dei*. 20 nov. 1947. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/piusxii/pt/encyclicals/documents/hf\\_pxii\\_enc\\_20111947\\_mediator-dei.html](http://w2.vatican.va/content/piusxii/pt/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_20111947_mediator-dei.html)> Acesso em: 24 março de. 2018.

BIGHENTI, A., “Pastoral”. In: PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. (org). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 716-724.

PECKLERS, K. F. *Liturgia. la dimensione storica e teologica del culto Cristiano e le sfide del domani*. Brescia: Queriniana, 2013.

PENNA, R.; PEREGO, G.; RAVASI, G. *Temi teologici della Bibbia*. Torino: San Paolo, 2010.

QUEIRUGA, T, A. *Repensar a ressurreição. A diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_, T, A. *Repensar a Revelação. A Revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.

RATZINGER, J. *Opera omnia teológica della liturgia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

\_\_\_\_\_, *Introdução ao Espírito da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2015.

ROSAS, G. O. “Ano Litúrgico”. In: CELAM. *Manual de Liturgia. A celebração do mistério pascal. Outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, IV, 2007, p. 30-31.

ROSSO, S. *Il Segno del Tempo nella liturgia. Anno liturgico e liturgia delle ore*. Leuman: Elledici, 2002.

RUBIO, G. A. *Unidade na Pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Prefácio IX do Tempo Comum. In: *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 2015.

SANT’AGOSTINO. “Discurso229.” Disponível em: <[http://www.augustinus.it/italiano/discorsi/discorso\\_302\\_testo.htm](http://www.augustinus.it/italiano/discorsi/discorso_302_testo.htm)>. Acesso em: 23 mar. 2018.

SANTANA, L, F. R., *O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida: Liturgia no Espírito*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

SANTE Di C., *Liturgia Judaica. Fontes. Estruturas, Orações e Festas*. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHILLEBEECKX, E. *I sacramenti punti d'incontro con Dio*. Brescia: Queriniana, 1960.

SCHMIDT, W. H., *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SENIOR, D. *La passione di Gesù nel vangelo di Giovanni*. Milano: Ancora Editrice, 1993.

SMULDERS, P. *A Igreja como sacramento de salvação*. In: BARAÚNA, G. (org.). *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 402.

SORCI, P. "Mistério Pascal". In: SARTORE, D; TRIACCA, A., M., A. CIBIEN, C., (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas 1992, p. 771-787.

\_\_\_\_\_. "La partecipazione istanza fondamentale del rinnovamento liturgico". In: *Celebrare per avere parte al mistero di Cristo. La partecipazione alla liturgia*. Roma: Edizioni Liturgiche, 2008, p. 65-82.

STEFANI, P., "Dal sabato ebraico al 'primo giorno dopo il sabato'". In: BARBA, M. (org). *O giorno primo ed ultimo. Vivere la Domenica tra festa e rito*. Atti della XXXII Settimana di Studio Dell'Associazione Professori di Liturgia Cassano delle Murge. Roma: Edizioni Liturgiche, 2003, p. 83-95.

SUSIN, L. C., *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

TERTULIANO. "Oração". In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

VAGAGGINI, C., *O sentido teológico da Liturgia*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

VELASCO, R. *A Igreja de Jesus. Processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996.

WILLI-PLEIN, I. *Sacrifício e culto: No Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001.

ZANON, D. *Para ler o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2012.

ZILLES, U. *Os sacramentos da Igreja Católica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

ZUFFI, S. *Dal Paleocristiano all'anno Mille. Il primo millennio dell'arte Cristiana, La Storia dell'Arte: L'alto Medioevo*. Milano: Electa, 2006.